

BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 5 setembro/outubro 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 52	n. 5	p. 1-128	set./out. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schlindwein

Diretora Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy Elaine de Souza | **Imagem**: Paris... En Flanant - La Tour Eiffel. Reproduction Interdite

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry | **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Lembranças de imigrante

O regresso ao nosso país

Heimwärts

Emilie Heinrichs

7

Artigo

A colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883)

Mariana Luiza de Oliveira | Cristina Ferreira

20

Industrialização e Tecnologia no Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina

Rafael dos Santos

40

Escravidão, moralidade e justiça na freguesia de Camboriú, da Villa do Itajahy (1866)

José Bento Rosa da Silva

72

As águas do Rio Itajaí-Açu engolem a octogenária paineira: Blumenau perde um marco de referência na paisagem

Silvia Odebrecht | Cibele Odebrecht Noll

84

Fragmentos de nossa história local

A construção da sede para a Sociedade Ginástica Blumenau Turnverein Blumenau, Süd Brasilien

Gustav Arthur Koehler | Tradução: Ellen J. Wollmer

91

Burocracia e Governo

A contribuição municipal ao desenvolvimento da agropecuária

98

Correspondência de Imigrantes

Richard Becker | Tradução: Brigitte Brandenburg

110

Franz Pfützenreiter | Tradução: Alfredo Herbert Cardoso

116

Autores Catarinenses

Um colecionador apaixonado

Enéas Athanázio

118

APRESENTAÇÃO

Enquanto espaço de divulgação que focaliza temas de relevância, atendendo aos mais diversos interesses dos pesquisadores, o público-leitor encontrará, nesta edição de Blumenau em Cadernos, uma série de enfoques e problemáticas que se presta para os mais diferentes objetos de pesquisa.

A coluna bilíngue, **Documentos originais**, ao publicar o texto “O regresso ao nosso país”, finaliza a série de capítulos extraídos da obra de Emilie Heinrichs, intitulada “A mulher do imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil”. A tradução é um trabalho da doutoranda em Estudos da Tradução –PGET-UFSC -, Adriana Maximino dos Santos, e a revisão é da Mestre em Estudos da Tradução, Manuela Acássia Accácio.

Na coluna **Artigos** a doutoranda em História Social pela UNICAMP e professora do Depto. de História e Geografia da Fundação Universidade Regional de Blumenau, Cristina Ferreira, e Mariana Luiza de Oliveira, licenciada e bacharel em História pela Universidade Regional de Blumenau, publicam: “A Colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883)”. Segundo as autoras, neste artigo “busca-se analisar as representações da Colônia Blumenau que foram construídas para legitimar uma história desenvolvimentista e de progresso; e também verificar como as participações da Colônia Blumenau em Exposições Nacionais e Universais reafirmavam o discurso desenvolvimentista da Colônia”

Num outro momento, com o texto “Industrialização e Tecnologia no Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina”, o mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Rafael dos Santos, discute como ocorreu este processo de desenvolvimento nestas regiões catarinenses.

Ainda, na seção **Artigos**, o professor de História da África na Universidade Federal de Pernambuco, pesquisador nos Núcleos de Estudos das Relações Interétnicas da UFSC e investigador/doutorado do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (Portugal), José Bento Rosa da

Silva, faz uso de Processos judiciais para discutir a questão que intitulou: “Escravidão, moralidade e justiça na Freguesia de Camboriú, da Villa do Itajahy (1866)”.

Nas últimas cheias do rio Itajaí (setembro/2011), suas margens foram duramente castigadas pela erosão. Consequentemente, houve perdas da vegetação e propriedades que margeiam as mesmas. Em torno desta questão da “perda/lembranças e memórias”, Silvia Odebrecht escreve, na coluna **Memórias**, este sentimento no relato “As águas do Rio Itajaí-Açu engolem a octogenária paineira: Blumenau perde um marco de referência na paisagem”. Conforme a autora, trata-se de um ícone do paisagismo da cidade que desapareceu.

Em **Fragmentos da nossa história** publica-se “A construção da sede para a Sociedade Ginástica Blumenau Turnverein Blumenau, Süd Brasilien”. O texto, editado em alemão pela imprensa local, foi traduzido por Ellen Vollmer. Para o pesquisador é uma fonte relevante que narra a fase inicial da aquisição do terreno e construção da sede para o exercício da ginástica.

Na seção **Burocracia e Governo** transcreve-se “A contribuição municipal ao desenvolvimento da agropecuária”. É um relatório apresentado pela municipalidade na primeira gestão do prefeito Hercílio Deeke, na década dos anos cinquenta.

Em **Correspondências de Imigrantes** são apresentadas duas cartas, trocadas entre os colonizadores e seus parentes residentes na Europa. No seu teor revelam-se o cotidiano destas personagens, suas angústias, sonhos e esperanças.

Ao escrever para a coluna **Autores Catarinenses**, sob o título “Um colecionador apaixonado”, o advogado e escritor, Enéas Athanázio, aborda temas versando sobre o colecionismo, como também comenta obras de outros autores catarinenses.

Finalizando, deixamos o espaço aberto aos memorialistas, historiadores e pesquisadores que escrevam textos para as colunas: **Artigos, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora de Blumenau em Cadernos.

O REGRESSO AO NOSSO PAÍS



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

8 HEIMWÄRTS

Emilie Heinrichs*

Nun ging es an die Vorbereitungen zur Heimfahrt. Da wir alles vorteilhaft verkauft hatten, war Reisegeld genügend vorhanden. Unser Nachbar kam, um sich häuslich einzurichten. Als der Abschied kam, wurde es meinem Mann und mir doch schwer, von dem Stückchen Erde zu scheiden, wo wir so schwere Jahre verlebt hatten. Alle die harte Arbeit war für andere gemacht. Aber es ging nun der lieben alten Heimat zu; da durften wir nicht traurig sein. Fast acht Tage brauchten wir dazu, unsern lieben Bekannten Lebewohl zu sagen und ihnen zu danken für das viele Gute, das sie uns von Anfang an erwiesen hatten. Als endlich der Vater von Frau Zühlsdorf kam, um uns abzuholen, waren wir schnell bereit. Das Gepäck wurde aufgeladen, es war leicht, nur Betten und Wäsche nahmen wir wieder mit. Noch einen Blick zurück zu dem Platze unserer vierjährigen Arbeitszeit, einen Blick zurück zu dem kleinen Grabhügel im Urwald, dann nahm uns die Waldstraße auf, unser Kolonistenleben war zu Ende.

Zwei Tage blieben wir bei Zühlsdorf. Hier gab es einen wirklich schweren Abschied, war mir doch Frau Zühlsdorf so lieb geworden wie eine Mutter. Trotzdem nun Jahre verflossen, schreibe ich mich immer noch mit dieser Frau. In der Frühe um 4 Uhr verließen wir die alte Kolonie Von Jesus. Wir fuhren bis gegen Mittag. Dann wurde gerastet. Ein Feuer wurde angemacht, Kaffee gekocht und gegessen. Gekochte Eier, Mettwurst und gebratenes Huhn, dazu derbes Kolonistenbrot. Nach dem Essen wurde

* Autora da obra: A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil. Publicado em Friburgo / Brisgóvia, 1921. Tradutora: Adriana Maximino dos Santos Revisão de: Manuela Acássia Accácio. Revisão do texto alemão Annemarie Fouquet Schünke.

8 O REGRESSO AO NOSSO PAÍS

Emilie Heinrichs*

Agora, eram feitos os preparativos para o retorno ao nosso país. Vendêramos tudo de modo muito vantajoso. Havia dinheiro suficiente para a viagem. Nosso vizinho chegava para se instalar definitivamente na casa.

Quando chegou a hora da despedida, foi difícil para mim e para meu marido nos separar daquele pedacinho de terra onde vivêramos anos tão árduos. Todo o trabalho duro fora feito para os outros. Mas agora partíamos para o nosso amado país; então não podíamos ficar tristes. Precisamos de quase oito dias para nos despedir de nossos queridos conhecidos e agradecer por tudo que fizeram por nós desde o começo.

Quando, finalmente, o pai da Sra. Zühlsdorf chegou, já estávamos praticamente prontos. A bagagem foi carregada, estava leve, estávamos levando de volta apenas colchões e roupas. Mais um olhar para o lugar onde passáramos quatro anos trabalhando, um olhar para o pequeno túmulo na floresta, e a rua da floresta nos acolheu. Nossa vida de colonos chegara ao fim.

Ficamos dois dias na casa dos Zühlsdorf. Ali foi realmente uma despedida difícil. Ela se tornou tão amada quanto uma mãe. Mesmo com o passar dos anos, ainda correspondo-me com esta mulher. Às 4 horas da manhã deixamos a velha colônia Bom Jesus.

Viajamos até aproximadamente meio-dia. Depois descansamos. Acendemos uma fogueira, fizemos café e comemos. Ovos cozidos, salame

* Autora da obra: A Mulher do Imigrante: vivências da esposa de um colono no sul do Brasil. Publicado em Friburgo / Brisgóvia, 1921. Tradutora: Adriana Maximino dos Santos Revisão de: Manuela Acássia Accácio. Revisão do texto alemão Annemarie Fouquet Schünke.

erzählt. Außer uns hielten hier zwei Wagen. Ihre Besitzer wollten Ware zur Stadt bringen. Die alten Urwaldpioniere tauschten nun Erinnerungen aus längst vergangenen Zeiten aus. Wie sie des Nachts hier auf dem Kamp hatten lagern müssen. Wie sie geladene Gewehre und Pistolen neben sich bereitgelegt hätten um im Falle der Not räuberische Indianer abzuhalten. Heute ist das nicht mehr nötig. Die armen roten Männer sind aus ihren Jagdgründen verdrängt. Nachdem wir uns gestärkt hatten und die Pferde gerastet, ging die Fahrt bis zum Abend weiter. Wir kamen auf unserer Fahrt an zwei Flüsse. Brücken darüber gab es nicht, da ging der Weg durch das Wasser.

Als wir bei dem Fluß Taquari ankamen, war er durch den starken Regen in den letzten Tagen sehr angeschwollen. Wir packten unser Gepäck ganz hoch und setzten uns oben darauf. Dann ein Halloh des alten Mannes, und die vier Pferde vor unserm Wagen gingen im Trab in das reißende Wasser. Noch war der vierte Teil des Stromes nicht durchfahren, da mußten die Pferde, schon schwimmen. Daß ich oben auf dem schwankenden Wagen Herzklopfen bekam, ist leicht zu verstehen. Ich war froh, als wir wieder trockenen Boden unter uns hatten. Darauf wurde übernachtet. Am andern Morgen fuhren wir weiter. Gegen Mittag erreichten wir die Stadt Pelotas. In einer deutschen Wirtschaft kehrten wir ein und blieben dort die nächste Nacht. Nun nahmen wir Abschied von dem alten Schlee, der noch an demselben Tage ein Stück Weges zurückfahren wollte. Der Wirt erzählte uns noch, daß die Familie, die damals auf dem Schiffe die Kabine mit uns geteilt hatte, schon vor einem Jahre wieder zurück gefahren wäre.

Am nächsten Morgen fuhren wir mit der Bahn nach Rio Grande; zu Mittag kamen wir an. Zuerst hielten wir nach unserm Dampfer Ausschau; wir wußten, er lag schon im Hafen. Der mußte aber noch nach Argentinien, um Fracht zu laden. Die günstige Gelegenheit, auch dort das deutsche Kolonistenleben kennenzulernen, wollte mein Mann sich

defumado, frango assado e ainda um robusto pão da colônia. Depois da comida conversamos. Além da nossa, estavam paradas duas carroças. Seus donos queriam levar produtos para a cidade. Os pioneiros da floresta trocavam lembranças de tempos passados.

Como tinham que passar a noite ali no campo, deixavam espingardas e pistolas carregadas bem perto de si, para, em caso de emergência, deter os índios que roubavam. Hoje isso não é mais necessário: os pobres homens vermelhos foram expulsos de suas terras. Depois que nos fortalecemos e os cavalos descansaram, continuamos nossa viagem até à noite. Passamos por dois rios em nossa viagem. Não havia pontes lá, por isso fizemos o caminho pela água.

Quando chegamos ao rio Taquari, ele estava muito cheio por causa das chuvas fortes dos últimos dias. Colocamos nossas malas bem no alto e sentamo-nos sobre elas. Então um “Halloh!” do velho homem e os quatro cavalos de nossa carroça atravessaram a água torrencial aos trotes. Quando cruzávamos ainda a quarta parte do rio, os cavalos precisaram nadar. É fácil entender que fiquei com o coração aos pulos, em cima daquela a carroça que balançava. Fiquei feliz por haver terra seca abaixo de nós outra vez.

Depois pernoitamos. Na manhã seguinte continuamos viajando. Por volta do meio-dia chegamos a Pelotas. Hospedamo-nos em uma hotelaria alemã, onde passaríamos a noite seguinte. Despedimo-nos do velho Schlee que queria retornar uma parte do caminho ainda no mesmo dia. O dono do hotel contou-nos que a família que dividira conosco a cabine no navio, já regressara há um ano.

Na manhã seguinte, viajamos de trem para Rio Grande, ao meio-dia chegamos. Primeiro olhamos rapidamente o nosso navio a vapor: sabíamos que já estava no porto. Porém, ele ainda tinha quer ir à

nicht entgehen lassen. Am dritten Tage verließen wir den Hafen von Rio Grande, noch wenige Stunden, und Brasiliens Küste verschwand aus unsern Augen. Unser Kolonistentraum war ausgeträumt. Zwei Tage später fuhren wir in die Mündung des La Platastromes ein. Er hat hier eine so gewaltige Ausdehnung, daß man die Ufer vom Schiffe aus nicht sehen kann. So fuhren wir drei Tage später mit dem Dampfer St. Lucia einem Schwesterschiff unserer St. Katharina, den La Plata hinauf bis Rosario. Hier sollten Felle geladen werden.

Der Dampfer hatte acht Tage Aufenthalt, um diese Ladung in sich aufzunehmen. Mein Mann benutzte die Zeit, um ein Stück ins Land hineinzureiten; für mich waren es langweilige Tage. Wir hatten auf dem Dampfer dieselbe Kabine wie auf der Herfahrt, er war genau gebaut wie die St. Katharina. Wir waren bisher die einzigen Reisenden gewesen. Hier bekamen wir eine Schweizer Familie an Bord, die nach Hamburg fahren wollte. Wie wir, waren es heimkehrende Auswanderer, denen das Kolonistenleben auch nicht gefallen hatte. Nun hatte ich wenigstens Gesellschaft. Auf der Rückfahrt von Rosario legten wir in Nikolai an, um noch Fracht zu laden. Sie bestand aus Mais und Kleie. Ich hatte Gelegenheit, zu sehen, welche gewaltigen Mengen dazu gehören, um so ein Frachtschiff wie die St. Lucia zu füllen. Tag und Nacht wurde geladen. Tausende von Säcken Mais und Kleie verschwanden in den gewaltigen Leib des Schiffes. Endlich war die Fracht geladen, die Fahrt der Heimat konnte beginnen.

Wir waren mittlerweile vierundzwanzig Reisende geworden. Die Rückfahrt verlief ohne Störung, wir hatten eine herrliche Fahrt. Unterwegs liefen wir noch einige Häfen an. Den letzten Aufenthalt hatten wir in Madeira. Zum Schluß hatten wir ein paar Tage Verzögerung durch dichten Nebel. Je näher wir der Elbe kamen, desto dichter wurde der Nebel. Das Pfeifen der Sirenen bei Tag und Nacht war einfach schauerlich. Auch das ging vorüber, und eines Tages, es war inzwischen Mitte Oktober geworden, lief unser Dampfer in den Hafen von Hamburg ein.

Argentina para ser carregado. Uma boa oportunidade para conhecer a vida dos colonos alemães dali, que meu marido não queria deixar escapar. No terceiro dia, deixamos o porto de Rio Grande, e em poucas horas a costa brasileira desapareceu de nossa vista. Nosso sonho de colono chegara ao fim! Após dois dias chegamos à foz do La Plata. Neste ponto ele ficava tão extenso que não era possível do navio ver a sua margem. Assim, três dias depois, viajamos com o vapor Santa Lúcia um navio semelhante ao nosso Sta. Catarina, subindo La Plata até Rosário. Neste local, peles de animais seriam carregadas.

O vapor permaneceu oito dias parado para receber esta carga. Meu marido aproveitou este tempo para cavalgar um trecho adentro do país; para mim foram dias tediosos. Ficamos na mesma cabine de nossa viagem de vinda, pois o Santa Lúcia era construído exatamente como o Sta. Catarina. Até o momento éramos os únicos viajantes. Ali veio a bordo uma família suíça que queria viajar para Hamburgo. Assim como nós, eram imigrantes que estavam voltando, porque não gostaram da vida de colono. Ao menos agora eu tinha companhia.

Na viagem de volta de Rosário aportamos ainda em Nikolai para receber mais carga. Esta era de milho e farelo. Tive a oportunidade de ver as quantidades necessárias para encher um navio de carga como o Santa Lúcia. O navio foi carregado dia e noite. Milhares de sacos de milho e farelo desapareciam no imenso corpo do navio. Finalmente a carga fora provida e a viagem ao nosso país poderia começar.

Éramos aproximadamente vinte e quatro viajantes. A viagem de volta ocorreu sem nenhum transtorno, tivemos um excelente retorno. No caminho atracamos ainda em alguns portos. A última parada foi em Madeira.

No final tivemos alguns dias de atraso devido à densa neblina.

Wie könnte ich meine Freude beschreiben, als wir, vom Dampfer entlassen, endlich heimatlichen Boden unter den Füßen hatten! Und dann, als wir am zweiten Tage unserer Ankunft den Schnellzug bestiegen, der uns zu unserer Vaterstadt bringen sollte! Und wie wir glücklich in Münster anlangten und ich meine Mutter und meine Geschwister gesund wiedersah! Ich danke noch heute meinem Gott, daß er mich wieder hat zurückkehren lassen in die liebe alte Heimat.

9 SCHLUßWORT

Nach Jahren komme ich dazu, diese meine Erlebnisse zu veröffentlichen. Sie sind für alle Frauen bestimmt, die auch hinausziehen wollen in den großen Wald. Es ist wahr, ein Jahrzehnt ist verstrichen, seit ich den Urwald verlassen habe, aber das ist keine Zeit für den tausendjährigen Riesenwald. Heute ist es da noch genau, wie vor zehn Jahren. Dieselbe Arbeit, dieselbe niederdrückende Hitze, dieselben Schlangen und Spinnen und dasselbe Ungeziefer. In dies Gewirr von Schwierigkeiten und Hindernissen wollen jetzt Tausende von Frauen ihren Weg machen, wie ich ihn gegangen bin.

Stünde es in meiner Macht, alle diese Frauen zurückzuhalten, ich würde es tun. Ich weiß bestimmt, es sind wenige Frauen, die sich dazu eignen, im Urwald zu leben. Nicht wegen der gewaltigen Arbeit, die zu leisten ist, die macht eine gute deutsche Frau nicht bange, die hat auch mich nicht heimgetrieben. Die Sehnsucht ist es, etwas Unbestimmtes, das sich nicht beschreiben läßt. Unsere deutschen Arbeiter, die doch alle eine gute Schule gehabt haben und das heutige Leben mitleben, werden niemals leben können ohne jegliche Geistesnahrung und Unterhaltung. Man soll den Baum, wenn er einmal Wurzeln geschlagen hat, nicht mehr an eine

Quanto mais perto chegávamos do Elba mais densa ficava a neblina. O apito das sirenes, dia e noite, era simplesmente apavorante. Mas isto também passou, e um dia, meados de outubro, nosso vapor entrou no porto de Hamburgo.

Como poderia descrever minha alegria, quando deixamos o navio, e tivemos, finalmente, o solo pátrio sob os pés! Após o segundo dia de nossa chegada, pegamos o trem expresso que nos levaria à nossa cidade natal!

Como ficamos felizes ao chegar a Münster e rever minha mãe e meus irmãos, todos saudáveis! Até hoje agradeço a Deus por ter-me permitido voltar à minha amada e velha pátria.

9 PALAVRA FINAL

Depois de anos, tomo a decisão de publicar minhas experiências, as quais se destinam a todas as mulheres que queiram se mudar para a grande floresta. É verdade que já se passou um decênio desde que deixei a floresta, mas não há tempo para esta gigante de milhares de anos. Hoje, ela está lá, exatamente do mesmo jeito que há dez anos atrás. O mesmo trabalho, o mesmo calor oprimente, as mesmas cobras e aranhas e as mesmas pragas.

Neste tumulto de dificuldades e obstáculos, querem milhares de mulheres, neste momento, fazer o seu caminho, assim como fiz.

Se dependesse de mim para deter todas estas mulheres, eu o faria. Sei com certeza que são poucas aquelas que estão aptas para viver na floresta. Não por causa do trabalho árduo que tem que ser realizado, pois isto não dá medo a uma boa alemã. Esta dificuldade também não me obrigou a voltar para casa.

A saudade é algo indefinido que não é possível descrever.

andere Stelle versetzen, es könnte ihm sonst das Blühen und Fruchttetragen vergehen.

Unser Schicksal hängt nicht davon ab, ob wir in der Fremde Arbeit und Brot finden, sondern ob wir dort eine neue Heimat finden. Den Wenigsten wird es gelingen, das zu finden, was wir Heimat nennen. Denen es wirklich gelingt, die müssen viele Opfer bringen.

Zur Heimat gehören nicht nur Arbeit und Lebensmittel, zur Heimat gehört die Frau, zur deutschen Heimat gehört die deutsche Frau, gesund an Körper und Seele. Für uns Frauen ist das Leben im Urwald bedeutend schwerer als für den Mann. Betrachten wir dazu die Zukunft unserer Kinder, die uns doch das Liebste sind auf Erden. Was können wir unsern Kindern bieten? Was kann aus ihnen werden? Sie wachsen im Urwald heran und lernen nur das, was die Mutter ihnen beibringen kann. Im günstigsten Falle kann das Kind eine Waldschule besuchen, wo es gerade die Anfangsgründe einer Schulbildung bekommt. Es reicht für den Urwald, es reicht aber nicht für die Zukunft außerhalb des Waldes. Von vornherein ist also der werdende Mensch dazu verurteilt, als Kolonist zu leben, die Welt ist für ihn geschlossen. Sind wir Mütter nicht bestrebt, unsern Kindern ein besseres Fortkommen zu schaffen als das unsere ist, ist das nicht Pflicht einer Mutter? Alles das ist im Urwald ausgeschlossen. Es gibt für unsere Kinder nur den einen Weg, den wir eingeschlagen haben.

Da habe ich schon oft von Frauen gehört: was haben wir denn hier in Deutschland? Ich verstehe solche Frauen sehr gut und fühle mit ihnen. Wem soll es auch gefallen in einem Lande worauf vier Jahre lang die Hungerpeitsche niedergesaust ist, wo Arbeitslosigkeit droht, wo schlechte Zeiten und Teuerung herrschen. Das alles ist leider Wahrheit. Aber darf die Mutter ihr Los verbessern auf Kosten ihrer Kinder? Um selbst Entbehrungen aus dem Wege zu gehen, darf sie da die Zukunft ihrer Nachkommenschaft opfern? Kann sie es wirklich?

Nossos trabalhadores alemães, todos os que tiveram uma boa escola, que vivem uma vida cotidiana, não poderão viver nunca sem qualquer alimento da alma e diversão. Não se deve replantar em outro lugar uma árvore, que já tenha criado raízes, pois isto poderá fazer com que ela não floresça e não dê frutos.

Nosso destino não depende de acharmos trabalho e pão em um país estrangeiro, mas se lá encontrarmos uma nova pátria. A minoria consegue encontrar neste lugar o que denominamos de pátria. Se realmente conseguem, então devem fazer muitos sacrifícios.

À pátria não pertencem apenas trabalho e alimentos, à pátria pertence também a mulher, à pátria alemã pertence a mulher alemã, saudável de corpo e alma. Para nós, mulheres, a vida na floresta é mais difícil do que para os homens. Devemos considerar ainda o futuro de nossos filhos, que são para nós os seres mais amados sobre a face da terra.

O que podemos oferecer aos nossos filhos? O que vai ser deles? Eles crescem na floresta e aprendem só o que a mãe pode ensinar. Na melhor hipótese, a criança frequenta a escola da floresta, onde recebe os rudimentos de uma instrução escolar. É o suficiente para a floresta, mas não basta para um futuro fora dela. Desde o começo, estes futuros adultos são condenados a viver como colonos, o mundo estará de portas fechadas para eles.

Não é este o nosso dever, enquanto mães, de nos esforçamos para dar uma vida melhor do que a nossa aos nossos filhos? Tudo isto fica relegado dentro da floresta. Para nossas crianças há apenas um caminho, aquele que nós escolhemos.

Já ouvi diversas vezes algumas mulheres dizendo: “Mas o que é que temos aqui na Alemanha”? Entendo muito bem estas mulheres e me sensibilizo com elas. Quem gosta de estar em um país, onde irrompeu-se há quatro longos anos o flagelo da fome, onde o desemprego ameaça, onde predominam os tempos ruins e o aumento de preço? Infelizmente tudo isto

Deutschland wird sich wieder erholen. Unsere Kinder werden wieder bessere Zeiten sehen. Die Zukunft im Urwald jedoch liegt fest, da gibt es keine Aenderung. Ein Land in der Entwicklung, wie Südbrasilien, gebraucht Jahrhunderte, um Verhältnisse wie in Europa heranwachsen zu lassen.

Unsere Frauen, die auswandern wollen, sind von derselben Art, wie ich es war, als ich auswanderte. In der Stadt groß geworden, aufgewachsen in geordneten Familienverhältnissen, gehühet vor Unbilden und Widerwärtigkeiten, brachte uns schon ein kleines Mäuschen zum Zittern. Können wir da im Urwald ruhig leben, umgeben von Ratten und Mäusen, die man als Haustiere ansieht, weil sie einfach unvertilgbar sind? Da sollen denn unsere Frauen leben in Gesellschaft giftiger Schlangen und Riesenspinnen, und noch keine Stunde wird man die Furcht vor diesen häßlichen kriechenden Tieren verlieren? Alles das soll sich eine wanderlustige Frau wohl vor Augenführen, ehe sie auswandert.

Hier ist das Leben schwer, drüben ist es viel schwerer. Darum: jede Frau, die Einfluß auf ihren Mann hat, soll und muß versuchen, ihn vom Auswandern abzuhalten. Dränge niemals eine Frau zum Auswandern denn es gibt Familien, wo die Frau die treibende Kraft ist. Allen diesen rate ich, das was ich hier geschildert habe, wohl zu bedenken und nicht mit den leichten Worten darüber hinwegzugehen: es wird wohl nicht so schlimm sein! Es ist in Wirklichkeit viel schlimmer, es läßt sich nur nicht so beschreiben. Das muß selbst erlebt sein. Von hundert Frauen sind es noch keine fünf, die das finden, was sie zu finden hoffen. Die übrigen fünfundneunzig bilden die Opfer des Urwaldes. Tausende hat er verschlungen und noch Tausende wird er verschlingen. Nicht jedem wird die Rückkehr so leicht gemacht wie mir.

é verdade. Mas a mãe deve melhorar seu destino à custa de seu filho? Para sair de privações, a mãe deve sacrificar o futuro de seus descendentes? Será que ela pode mesmo fazer isto?

A Alemanha vai se recuperar novamente. Nossos filhos verão tempos melhores outra vez. Porém, o futuro na floresta é fixo, não há nenhuma mudança. Uma terra em desenvolvimento como o sul do Brasil precisa de séculos para desenvolver condições como na Europa.

As nossas mulheres que querem imigrar são do mesmo tipo do que eu era, quando imigrei. Crescemos na cidade, em condições familiares regulares, protegidas contra as intempéries e os infortúnios. Lá, até mesmo um ratinho fazia-nos tremer. Podemos nós, viver tranquilamente lá na floresta, cercadas por ratazanas e camundongos, que são vistos como animais domésticos, e são simplesmente indestrutíveis? Devem nossas mulheres viver em companhia de cobras venenosas e aranhas gigantes, sem mesmo por um momento, perder o medo destes horríveis animais rastejadores? A mulher que quer migrar deve estar ciente de tudo isto, antes de imigrar.

Aqui a vida é difícil, lá, porém, tudo é muito mais complicado. Por isso, toda mulher que tem influência sobre o marido, deve e tem que tentar fazê-lo desistir de imigrar. Nunca force uma mulher a imigrar, pois há famílias em que a mulher é a força motriz. A todas estas aconselho o que já descrevi aqui, a refletirem bem e a não passarem por cima disso com palavras suaves: “Não vai ser tão ruim assim!”

Na verdade, isso é muito pior, só não é possível relatar com facilidade. Precisa ser vivenciado. De cem mulheres não há cinco que encontram o que esperam. As noventa e cinco restantes transformam-se em vítimas da floresta, que tragou milhares de mulheres e ainda vai tragar outras milhares. Nem todas terão um retorno tão fácil como o meu.



A COLÔNIA BLUMENAU NAS
EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS:
PREMIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES
(1860-1883)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A COLÔNIA BLUMENAU NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: PREMIAÇÕES E REPRESENTAÇÕES (1860-1883)*

Mariana Luiza de Oliveira**
Cristina Ferreira***

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Colônia Blumenau foi concebida nos moldes oficiais da política imigrantista do Império, por meio de um projeto de colonização, encaminhado ao governo da Província de Santa Catarina em 1848, pelo alemão Hermann Bruno Otto Blumenau. No período entre 1860 a 1883, ou seja, dez anos após seu início como colônia particular, por motivos financeiros, o Governo Imperial assume a responsabilidade e prossegue à colonização e imigração. A partir de então, seu desenvolvimento ocorre de forma lenta e gradual, no entanto, costuma ser retratada por alguns autores como uma “história de desenvolvimento” acima da média, além de obter grande progresso com rapidez.

Esta pesquisa caminha no sentido de refletir sobre as construções da história da Colônia Blumenau e buscar em fontes, escritas há tempos, novas discussões, porque “tudo o que foi, um dia, contado de uma forma,

* Artigo derivado da monografia intitulada “**A Construção da Ordem na Colônia Blumenau**: novas representações e sujeitos para uma antiga colônia”, apresentada pela autora no formato de monografia, sob a orientação da Prof.^a Ms. Cristina Ferreira.

** Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Regional de Blumenau. (mariana2206@gmail.com).

***Doutoranda em História Social pela UNICAMP e professora do Depto. de História e Geografia da Fundação Universidade Regional de Blumenau. (cris@furb.br).

pode vir a ser contado de outra”¹, isto é, entender que diferentes abordagens históricas podem desencadear distintos rumos para a história.

Importante mencionar que no século XIX, parte da história da política imigrantista do governo imperial brasileiro foi marcada pelas participações do Brasil nas Exposições Universais, eventos internacionais nos quais as diversas nações eram convidadas a expor, apresentando ou representando produtos de origem local. Dentro desta perspectiva buscase analisar as representações da Colônia Blumenau que foram construídas para legitimar uma história desenvolvimentista e de progresso; e também verificar como as participações da Colônia Blumenau em Exposições Nacionais e Universais reafirmavam o discurso desenvolvimentista da Colônia Blumenau.

A proposta de análise está pautada em uma abordagem que privilegia a cultura, com base na análise das representações, aqui entendidas como uma construção dos seres humanos sobre o mundo e a sociedade em que vivem. As representações engendradas por estes mesmos sujeitos não têm o compromisso de expressar fidelidade com a realidade, por isso, tornam-se elementos de grande valia para a análise historiográfica. A proposta é no sentido de dar uma abertura de perspectivas para a história colonial de Blumenau. Apesar de se ter em consideração que não será possível encontrar uma verdade sobre tal período, nem mesmo esgotar aqui o tema estudado.

1 O TEATRO BRANCO DO IMPÉRIO: AOS ESCRAVOS OS BASTIDORES, AOS IMIGRANTES O CAMAROTE

A conjuntura em que se encontrava a composição racial do

¹ PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p. 16.

Brasil em meados do século XIX era motivo de inquietação para o Império brasileiro. A constante importação de escravos fazia com que a população brasileira contasse, cada vez mais, com um maior percentual de negros e mulatos, e o Império – conhecedor das teorias raciais oitocentistas – começava a mostrar-se receoso com o equilíbrio racial no Brasil, pois a ciência da época “[...] via no Brasil um *modelo de falta e atraso* em função de sua composição étnica e racial”²

O Império brasileiro redobrava sua preocupação quando se deparava com as estatísticas da época que previam a ampliação da população majoritariamente negra e mestiça, caso o sistema escravista continuasse em vigor. Os índices que configuravam a população brasileira demonstravam o motivo da apreensão, como por exemplo, “[...] a cidade do Rio de Janeiro contar com 41% de escravos em 1849 [...]”³.

Tamanha preocupação, fundamentada nas teorias raciais, também foi expressa nos escritos de José Deeke, memorialista blumenauense, que apresentava suas estatísticas sobre a década de 1840 no qual “o Brasil contava, entre seus cinco milhões de habitantes, com nada menos do que dois milhões de escravos negros!”⁴. Assim, percebe-se que Deeke partilhava das ideias do século XIX, demonstrando preocupação com a predominância negra na sociedade brasileira, a ponto de afirmar que “[...] o tráfico de escravos assumiu tamanho vulto que o elemento negro se tornaria predominante se a escravidão continuasse por mais tempo”⁵. Ao mesmo tempo, é notável no discurso de Deeke a afirmação dos elementos germânicos, “cedo se verificou que o alemão estava aprovado como colono,

² CARVALHO, J. M. de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 295.

³ Ibid., p. 301.

⁴ DEEKE, J. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995. p.29.

⁵ Ibid., loc. cit..

razão porque houve esforço maior para ampliar a quantidade desses imigrantes”⁶.

As teorias raciais corroboravam uma espécie de necessidade do Brasil em se configurar como um país progressista e “civilizado”, ficando a cargo do imigrante branco e europeu a responsabilidade para composição e “transformação” da população brasileira. Isto é, o racismo do século XIX motivou a imigração europeia para o Brasil, sendo esta a solução racial encontrada pelo governo imperial, no sentido de garantir os atores sociais brancos para o seu teatro desenvolvimentista nacional e internacional.

Neste mesmo período em que o governo brasileiro procura adequar-se aos *modelos universais* vigentes, o alemão Hermann Blumenau apresentou seu projeto de colonização para as terras no sul do Brasil, trazendo nesta proposta termos tão ambicionados pelo Império, como por exemplo, “por meio da introdução de emigrados alemães” dar-se-á o “estabelecimento de colônias agrícolas e industriais”⁷. A proposta de colonização previa a entrada de indivíduos brancos no país, portanto, estava em consonância com as demandas políticas, culturais e raciais do Império naquele momento, afinal “o projeto de Hermann Blumenau e Ferdinand Hackradt interessou ao Império, entre outros fatores, justamente por trazer ao país imigrantes germânicos”⁸.

De acordo com essa conjuntura, o imigrante era considerado como portador da “*raça* branca, enquanto detentora de superioridade, [que] tornaria a sociedade brasileira mais clara, ocasionando o estrangulamento das raças inferiores”⁹. Nesse aspecto pautava-se no conceito de raça para

⁶ Ibid., p. 30.

⁷ BLUMENAU, H. B. O. Projeto de Colonização apresentado a Assembléia Provincial. Fundo: Colonização, P0 02, Doc. 06, 16/03/1848. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

⁸ FROTSCHER, M. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano. 1998, 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 127.

⁹ FERREIRA, C.; KOEPEL, D. F. **Representações da cidade**: discussões sobre a história de Timbó. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008. p. 22.

qualificar hierarquicamente a sociedade, e dentro desta perspectiva o Brasil almejava branquear sua população.

Para promover este fluxo migratório da raça branca era imprescindível o Brasil demonstrar no exterior que era um país apropriado para a imigração, despertar nos europeus interesses diversos pelo território brasileiro, pois estes representavam tanto a mão-de-obra desejada pela política imperial, como também o elemento dito superior e civilizado. Enfim, a situação imigrantista “para o Brasil, com seu *monarca-cidadão, entediado do poder*, significava uma boa ocasião para que a imagem externa do país se impusesse e nos redimisse da marca da escravidão e da própria monarquia”¹⁰. Era a tentativa estratégica de colocar o Brasil no rol das sociedades a caminho do progresso.

Apesar disto, durante grande parte do processo de imigração para o Brasil, a mão-de-obra escrava continuava a ser utilizada e autorizada pelo Império, no entanto, aos escravos cabiam apenas os bastidores, pois não era aconselhável demonstrar ao mundo a cor dos braços que trabalhavam no Brasil.

2 EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS: A CELEBRAÇÃO DO PROGRESSO

O segundo reinado no Brasil é marcado pela construção da imagem representativa de Dom Pedro II, que “[...] iniciava sua vida cívica envolto de um suntuoso teatro, o da precoce maturidade”¹¹, pois os quinze anos do menino imperador deveriam ficar ocultados por baixo do manto volumoso que o cobria, da coroa pesada que ele ostentava, e de toda a ornamentação simbólica que o fazia ser o *grande imperador*. Todavia, três anos antes da sagração da Majestade Imperial, ou seja, em 1838, foi criado

¹⁰ SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 398.

¹¹ Ibid., p. 71.

o Instituto Histórico e Geográfico no Rio de Janeiro, cuja responsabilidade era elaborar a história oficial do Brasil e propagá-la internamente pelo país, iniciando, assim, a construção da imagem positivada do monarca brasileiro e do seu governo.

Tamanha foi a produção da história enaltecadora dos Bragança e da sua política imperial, que Lilia Moritz Schwarcz optou em denominar o Instituto de “guardião da história oficial”¹², afinal, para esta agremiação “fazer história da pátria era antes de tudo um exercício de exaltação”¹³. No entanto, a extensão desta produção histórica oficiosa ficava limitada ao interior do país, acarretando a falta de um meio que permitisse aos construtores da imagem do Brasil apresentar-se no exterior, fora de suas fronteiras territoriais.

O Brasil somente aguardava uma oportunidade para exteriorizar sua história e representações criadas. Oportunamente, na metade do século XIX, surgiram na Europa as Exposições Universais, utilizadas pela política imperial brasileira para ganhar certo espaço perante as outras nações. A intenção não era reforçar as características de sociedade escravista e agrária do Brasil, pelo contrário, era importante demonstrar uma tentativa de cultivo do progresso e da civilização. Enfim, havia um esforço do governo imperial de chamar para si as características positivistas da época, de compreender-se enquanto um país moderno, semelhante àqueles que abrigavam tais exposições.

As caracterizações de modernidade e progresso encontradas na Europa oitocentista estavam relacionadas com as consequências da Revolução Industrial, que teve como ponto de partida a Grã-Bretanha. Uma das principais mudanças nesse momento era o enriquecimento,

¹² Id. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 99.

¹³ Ibid., p. 104.

como é o caso de Londres, onde “[...] as classes ricas acumulavam renda tão rapidamente e em tão grandes quantidades que excediam todas as possibilidades disponíveis de gasto e investimento [...]”¹⁴. Assim, a “oficina do mundo”¹⁵ – modo como Hobsbawm designa a Inglaterra - resolveu bancar a transformação das Exposições Nacionais em um evento Universal, no ano de 1851.

O Brasil somente começou a participar do evento a partir da terceira mostra universal, que se deu em Londres no ano de 1862. As Exposições Universais eram um palco de amplitude mundial, no qual as nações criavam imagens representativas para demonstrar seu estado de desenvolvimento social, racial e industrial. Em vista disto, o Brasil iniciou novas solenidades no país, a preparação para as Exposições Universais ocorria por meio de exposições internas. No total “[...] foram promovidas seis exposições nacionais de 1861 a 1888. Estas serviam como preparatórias e classificatórias para a escolha dos representantes brasileiros nas edições internacionais”¹⁶. E todo o cuidado era necessário, afinal, era através desta seleção que seria construída a imagem do Brasil que mais convinha ao Império.

A primeira “[...] Exposição Nacional teve início em 2 de dezembro de 1861, encerrando-se a 16 de janeiro de 1862”¹⁷ e contou com uma participação intensa de Dom Pedro II, que “[...] investe privadamente na elaboração do estande brasileiro, toma parte nas mostras nacionais, ajuda na seleção de produtos a serem expostos e entrega pessoalmente os prêmios

¹⁴ OBSBAWM, E. J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 63.

¹⁵ Ibid., p. 69.

¹⁶ KLUG, J.; SANTOS, M. P. R. T. dos, Associações agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIV, n. 9/10, p. 87-103, setembro/ outubro. 2003. p. 90.

¹⁷ PESAVENTO, op. cit. p.100.

aos produtores com eles agraciados”¹⁸. Entre os que foram premiados encontra-se a Colônia Blumenau, que recebeu um certificado dirigido à pessoa de Hermann Blumenau, datado de 14 de março de 1862.



O Júri Geral da Exposição Nacional, inaugurada na Corte do Rio de Janeiro em 2 de Dezembro de 1861, conferiu ao Sr. Doutor Hermann Blumenau (de Sta. Catarina) uma menção honrosa como sinal do apreço que lhe mereceu o objeto exposto pelo mesmo Sr.¹⁹

Figura 01: EXPOSIÇÃO NACIONAL DO BRASIL IMPÉRIO, 1862.

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Fundo: Colonização, P0 2.17, Doc. 117.

Apesar da alusão ao Dr. Blumenau como indivíduo premiado na Exposição Nacional, a Colônia, indiretamente, conseguiu maior visibilidade no cenário nacional após a premiação, que ocorreu exatamente um ano após ele ter vendido sua Colônia particular ao Império brasileiro, em 1860.

¹⁸ SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 394.

¹⁹ EXPOSIÇÃO NACIONAL BRASIL IMPÉRIO, Certificado da Exposição Nacional do Brasil conferido a Dr. Hermann Blumenau. Fundo: Colonização, P0 2.17, Doc. 117, 14/03/1862. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

São inúmeros os motivos que podem ter levado a transação da Colônia Blumenau. Primeiramente, sabe-se que os dez anos iniciais foram marcados por dificuldades financeiras, igualmente houve uma ausência de políticas imperiais no sentido de dar sustentabilidade aos projetos de colonização. E por fim, essa transação ocorreu beneficiando ambos os lados do contrato: Hermann Blumenau e o governo brasileiro. O primeiro artigo do Termo de Cessão definia: “Dr. Blumenau entrega ao Governo Imperial todas as terras que possui no Rio Itajaí cuja área para os efeitos somente de maior clareza se avalia em 20 léguas quadradas, mais ou menos [...]”. Já o segundo artigo definia os valores da transação: “O Governo Imperial recebe as ditas terras no valor de R\$ 120.000.000 dos que deduzidos R\$ 85.000.000, de que é credor [...]”.²⁰ Hermann Blumenau devia ao Império praticamente três quartos do valor total em que foi avaliada a Colônia, portanto, ainda obteve lucro real com a venda efetuada.

A situação da colônia já em 1857 era definida como insustentável por Hermann Blumenau, que enfatiza em seu relatório ser o desejo da “plebe” do Brasil que “[...] o Governo Imperial de mais a mais deve tomar a colonização na sua própria mão e sob sua imediata e vigorosa proteção, quando quiser que ela progrida e prospere.”²¹ Nas entrelinhas Hermann Blumenau expressa muito mais do que apenas vontade de que sua colônia progrida, com a transação para o Império, sua dívida contraída com o governo por causa da administração colonial seria quitada no negócio. Ainda mais favorável foi o fato dele ter se tornado diretor da Colônia Imperial Blumenau, tornando-se, a partir de então, funcionário do governo imperial.

²⁰ COLÔNIA IMPERIAL BLUMENAU – Repartição Geral das Terras Pública. Termo de cessão da Colônia Blumenau ao Império Brasileiro. Fundo: Colonização, P0 2.13, Doc. 134, 13/01/1860. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

²¹ Relatório Geral da Colônia Blumenau de 1857. Fundo: Colonização, P0 2.11, Doc. 112, maio/1858. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

Assim, o prêmio concedido ao diretor Hermann Blumenau na Exposição nacional de 1861 foi conveniente aos planos imperiais, que visavam alavancar a jovem colônia. Conforme o quinto artigo do Termo de Cessão, as partes concordam que “o Governo toma a si a colônia Blumenau, e lhe dará o desenvolvimento, que julgar conveniente e pela maneira que mais acertado julgar [...]”²². Desta maneira, o recém-investimento do Império ganhava destaque em plena capital brasileira, justificando a aquisição imperial, além de representar uma sociedade cuja população diferia daquela que era encontrada na capital brasileira, pois na Colônia Blumenau era o estrangeiro - branco e europeu - que configurava a maioria populacional, já no Rio de Janeiro os escravos compunham majoritariamente a população. Mas esta não era a representação do Brasil que se pretendia levar a uma exposição no Velho Mundo, e sim de que no Brasil havia brancos.

O Império criava um Brasil através de representações da nação. Representações aqui compreendidas pela concepção da História cultural, que as concebe como construções do homem sobre a realidade e sobre o mundo, e que se tornam “[...] matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”²³. A construção da representação de progresso no Brasil ganha coesão com uma realidade manipulada pelo Império, afinal as representações “[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”²⁴. Assim, a imagem construída do Imperador, que maquilava o espetáculo do progresso no Império brasileiro, estava de acordo com a política monárquica, ou melhor, era a sua própria intenção.

²² COLÔNIA IMPERIAL BLUMENAU – Repartição Geral das Terras Pública. Termo de cessão da Colônia Blumenau ao Império Brasileiro. Fundo: Colonização, P0 2.13, Doc. 134, 13/01/1860. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

²³ PESAVENTO, op. cit., p.39.

²⁴ CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Betrand Brasil. 1990. p. 17.

Em concordância ao momento político, o Brasil se preparava para estrear na Exposição Universal, em 1862, realizada em Londres, no berço da industrialização mundial. Nesta primeira participação o Brasil expôs “café, chá, erva-mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, madeira, fibras vegetais, abelhas, algodão e feno. Alguns produtos de nossa indústria também foram apresentados [...] mas não despertaram atenção” ²⁵.

Em 1867, houve a Exposição Universal em Paris, e a mesma contou com a presença de Hermann Blumenau, que havia viajado para Alemanha dois anos antes, com o intuito de se casar com Bertha Repsold, permanecendo por lá até o ano de 1869 e neste entremeio, aconteceu a IV Exposição Universal na França.

Através de uma correspondência oficial de 1869, Hermann Blumenau – funcionário imperial – escrevia para o Império solicitando ajuda de custo para cobrir despesas em sua viagem para a Alemanha, igualmente nesta correspondência constata-se a informação de que Hermann Blumenau participou da Exposição francesa por ordem imperial. “O Dr. H. Blumenau, diretor da Colônia Blumenau, [...] por aviso do Ministério da Agricultura de 11 de dezembro de 1868, foi incumbido de prestar seus serviços em comissão especial a bem da emigração para o Império [...]”. O documento menciona ainda seu esforço em investir “[...] tanto em Portugal como na França e na Alemanha quase todo o seu tempo para promover os interesses da Colonização e Imigração Geral, e especialmente para a Colônia a seu cargo [...]”²⁶. Ainda com relação à presença do diretor da Colônia Blumenau cabe a seguinte informação encontrada no livro em comemoração ao centenário de Blumenau:

O Dr. Blumenau, que se encontrava na Europa, orientou a

²⁵ SCHWARCZ, op. cit., p. 394-395.

²⁶ BLUMENAU, H., Ofício da Colônia Blumenau para o Governo Imperial. Fundo: Colonização, P0 2.34, Doc. 346, Nov/1869. Acervo: AHJFS – Blumenau, SC.

organização das mostras de produtos da colônia, de dados estatísticos em quadros bem elaborados, que serviram, ao mesmo tempo, que de atestados da pujança da colônia e da atividade de seus habitantes, de um veículo de propaganda inteligente e eficiente.²⁷

Apesar desta referência acima ter validade na história de Blumenau, é preciso observá-la com precaução. Afinal, a elaboração da obra do Centenário de Blumenau se deu devido à comemoração do aniversário de cem anos da cidade, logo, foi concebida para legitimar, em uma celebração do presente, um passado glorioso. Este documento “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”²⁸. Neste caso, em Blumenau, a intenção de impor representações se dá voluntariamente, pois está de acordo com o esforço comemorativo que a sociedade quer estabelecer em alusão ao seu centenário. Isto também é perceptível quando a obra do centenário referencia os quadros estatísticos da colônia elaborados geralmente por Dr. Blumenau, que são ditos “bem elaborados”, além de serem “atestados da pujança da colônia”, adjetivação que interliga a história da Colônia Blumenau com riqueza, capacidade produtiva e desenvolvimento em ascensão. Portanto, cabe um olhar criterioso sobre esta construção positivada da participação da Colônia Blumenau na mostra. Mas não cabe discordar da obra do Centenário no que se refere à participação de Blumenau em um evento de tal porte, que era “um veículo de propaganda inteligente e eficiente” para atrair a imigração.

Ressaltar a recém-criada feição branca do Brasil fazia parte de um processo de luta de representações, que se explica por “[...] mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo

²⁷ CENTENÁRIO DE BLUMENAU: 1850 - 2 de setembro - 1950. Blumenau: [s.n.], 1950. p. 22.

²⁸ LE GOFF, J. **História e Memória**. 2 ed. Campinas; São Paulo: UNICAMP, 1992. p. 547-548.

social, os valores que são os seus, e o seu domínio”²⁹ perante os outros, perante o mundo. Desta vez os mecanismos criados pelo Brasil Império parecem ter sido bem sucedidos, pois a Colônia Blumenau ganhou o destaque desejado conforme os interesses monárquicos e foi selecionada para receber uma premiação no evento.

O regulamento do júri da Exposição [...] diz literalmente: ‘Institui-se uma classe especial de prêmios para pessoas ou fundações ou povoados, que, pela organização geral ou por meio de instituições adequadas, contribuem para o bom relacionamento entre todos e o bem-estar dos trabalhadores [...]’. Estas recompensas compreendem dez prêmios, num total de 100.000 francos e vinte menções honrosas’.[...]Um folheto comemorativo, apresentado ao júri, descrevendo a colônia Blumenau desde a fundação, documentando o seu progresso, a situação atual com todos os pormenores, fez com que a colônia Blumenau, por assim dizer como representante de todas as colônias do Brasil, recebesse o prêmio. É este o verdadeiro sentido da distinção outorgada à Colônia Blumenau – prêmio que não pertence apenas a nossa Colônia, mas constitui um reconhecimento honroso a toda a colonização do Brasil e contribuirá decisivamente para a eliminação, na Europa, de certas prevenções contra a colonização brasileira³⁰.

A afirmação final encontrada no *Jornal Kolonie-Zeitung* ressaltou a importância desse prêmio não só para Blumenau, mas para a “colonização no Brasil” e também a influência da mesma na Europa. Era a divulgação da propaganda de um Brasil “em franco e contínuo progresso”, o que melhorava a imagem brasileira no exterior, que sofria com a contrapropaganda que existia acerca do Brasil com relação à imigração, como por exemplo, a Prússia que chegou a proibir, em 1856, a imigração para o país.

Por meio de um folheto de caráter comemorativo, logo, enaltecedor, a Colônia brasileira foi premiada na exposição francesa. Tal

²⁹ CHARTIER, loc. cit.

³⁰ Excertos do *Jornal Kolonie-Zeitung*, notícia de 03 de agosto de 1867. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XX, n.11/12, p. 328-329, novembro/dezembro, 1979. p. 328-329.

documento, escrito pelo próprio diretor da colônia, foi o legitimador de uma história positivada de Blumenau, pois afirmava ali o fabuloso progresso que a mesma estava trilhando. Uma tendência de representação progressista da Colônia Blumenau, que entrava em total acordo com os interesses do Império de “documentar o progresso” e o desenvolvimento no Brasil.

A produção que Hermann Blumenau geralmente divulgava apresentava dados bastante favoráveis quanto ao cultivo, à produtividade agrícola e ao desenvolvimento da Colônia, nos manuais sobre imigração há relatos de que “[...] a cana-de-açúcar desenvolvia-se com exuberância e vigor como em nenhum outro lugar da Província”, ou ainda “[...] alguns milhares de pés de café cresciam vigorosamente e o grão colhido pelos antigos moradores das margens do Itajaí foi equiparado, por especialistas, como sendo equivalente ao melhor café do Rio” ³¹.

Essas e outras afirmações nos escritos do diretor da Colônia podem ser problematizadas ao se pensar nos objetivos pretendidos com a produção deles. A principal intenção era, de fato, conferir prestígio a uma colônia que há menos de uma década se encontrava sob a administração imperial, e fazer dela um elemento de representação para todo o Brasil, excluindo sujeitos como os escravos ou mestiços, que também constituíam a população brasileira. Isto está de acordo com os mecanismos envolvidos nas representações construídas, pois todas as representações estão inseridas em “[...] processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão”³². Exclusão aqui dos indivíduos não brancos, que apesar de numerosos no país, eram suprimidos da representação de sociedade brasileira devido aos preceitos raciais da época.

³¹ BLUMENAU, H. B. O.; FERREIRA, C. (org.); SCHÜNKE, A. M. (tradução). **A Colônia Alemã Blumenau**: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil = Deutsche Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Süd-Brasilien. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto 150 anos, 2002. p. 28.

³² PESAVENTO, op. cit., p. 40.

Como a mão-de-obra escrava não entrava nas representações que o Brasil pretendia repercutir lá fora, era mais adequado apresentar artigos manufaturados nas Exposições Universais, tais como sombrinhas, chapéus, instrumentos óticos, calçados e outros, que - segundo o *Jornal Kolonie-Zeitung* - não tinham pertinência ao contexto europeu, pois

Teria sido mais indicado se o Brasil não tivesse enviado tais artigos, pois por melhores que sejam, os seus preços elevados os excluem dos mercados europeus e por mais oportuna que a sua presença tenha sido na Exposição do Rio de Janeiro, na Exposição Mundial de Paris eles estão fora de propósito. Ninguém na Europa se lembrará de mandar importar tais artigos da Bahia ou do Rio de Janeiro.³³

A notícia, ao declarar que o Brasil não será lembrado no momento em que os europeus resolverem comprar algum artefato deste tipo, traz à tona a concepção do Brasil da época, que dificilmente estava relacionada ao progresso ou à industrialização. Além disto, os preços elevados são indicativos da falta de industrialização na produção manufatureira brasileira, que facilmente era desbancada por produtos de outras nações. Assim, nota-se o ponto de vista do estrangeiro ao pensar no Brasil, e era exatamente esta opinião negativa que o Brasil tentava modificar. E, aparentemente, consegue, pois apesar da conjuntura inviável para um Brasil industrializado, o mesmo será premiado, em 1867, através da Colônia Blumenau, que foi considerada em franco progresso e desenvolvimento.

Segundo a obra *Centenário de Blumenau*, “o júri supremo conferiu à colônia de Blumenau um dos 12 grandes prêmios: Diploma de honra, medalha de ouro e 10.000 francos em dinheiro, que não foram recebidos senão anos mais tarde”³⁴. Realmente a recompensa tardou a chegar

³³ Excertos do *Jornal Kolonie-Zeitung*, notícia de 09 de novembro de 1867. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXI, n. 6, p. 175-176, junho. 1980. p. 175.

³⁴ CENTENÁRIO DE BLUMENAU: 1850 - 2 de setembro - 1950. loc. cit.

até a Colônia, pois em 1869 foi publicado no jornal *Kolonie-Zeitung* como se daria o pagamento do valor de 10.000 francos para a colônia:

O Ministério da Agricultura incumbiu o Ministério das Finanças de enviar a soma de 9.000 francos a Blumenau, por intermédio da Presidência de Santa Catarina. Esta importância servirá para a construção de um edifício escolar em Blumenau. Os restantes 1.000 francos foram substituídos por uma grande medalha de ouro, que ficará depositada no Museu Nacional.³⁵

O pagamento do prêmio tardou a acontecer e Hermann Blumenau, em novembro de 1871, reforçava seu pedido para o pagamento, “[...] visto que o produto dos 9000 francos á tanto não chega.”³⁶. A vagarosidade com que o Império brasileiro tratava a entrega da premiação, que era tão relevante para a sua comunidade de destino, demonstra certo descaso com os imigrantes que já se encontravam no Brasil ou a própria lentidão que as medidas burocráticas levavam dentro do país. Apesar da morosidade em certos setores públicos do governo brasileiro, havia, por outro lado, toda a pompa imperial, porque, após a significativa participação de Hermann Blumenau em Paris, o Império brasileiro enviou uma correspondência a ele que dizia:

Eu o Imperador [...] querendo dar-vos um público testemunho de minha imperial consideração pelos serviços que prestastes à Comissão Brasileira junto à Exposição Universal de Paris no ano de 1867 hei por bem nomear-vos Comendador da Ordem da Rosa.³⁷

A concessão do título pelo Imperador Pedro II ao diretor da

³⁵ Excertos do *Jornal Kolonie-Zeitung*, notícia de 28 de maio de 1869. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXII, n. 7, p. 219, julho. 1981. p. 219.

³⁶ Ofício nº 30 de Hermann Blumenau em nome da Diretoria de Colônia para Joaquim Bandeira de Gouvêa, Presidente da Província. Fundo: Memória da Cidade – Colônia Blumenau – Documentos avulsos, v. 1, 06/11/1871. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

³⁷ BRASIL IMPÉRIO, Título de Comendador da Ordem da Rosa concedido a Hermann Blumenau pelo Imperador D. Pedro II. Fundo: Colonização, P0 2.32, Doc. 329, 16/05/1868. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

Colônia Blumenau, que a partir de então recebia o grau de Comendador na Ordem da Rosa, aconteceu em função dos serviços prestados por ele ao Império. Mas, ao mesmo tempo, a ordenação é uma forma de perceber como a Colônia Blumenau e o seu diretor eram bem vistos pelo Império brasileiro. Uma colônia exemplar, um modelo a ser seguido no país, uma população branca dominante que fora premiada em uma Exposição Universal perante outras sociedades oitocentistas da época, essas e outras representações de Blumenau era uma conquista da qual o Império Brasileiro, pautado no positivismo e no racismo da época, se orgulhava.

Todavia, a realidade encontrada na Colônia Blumenau relatada por cidadãos comuns demonstrava as dificuldades vividas ali. São relatos de pessoas que não tinham o compromisso de gerar uma impressão favorável da Colônia Blumenau para garantir uma imigração espontânea e, por isso, apresentam um conteúdo divergente do material usado para a divulgação da Colônia no exterior, como é o caso do depoimento de Augusto Sievert do ano de 1875, momento em que chegava à Colônia.

Quando os que vieram a pé chegaram na entrada de Blumenau [...], vendo algumas casas se informaram na casa do Sr. Hartmann, um casal idoso, se era ainda distante até chegar a cidade de Blumenau. Respondendo o Sr. Hartmann que já se achariam dentro da cidade! Ficaram muito surpreendidos, pois pelas conversas na Alemanha julgaram Blumenau uma cidade mais ou menos grande.³⁸

A partir dos relatos dos habitantes do espaço colonial de Blumenau, as representações que afirmam o caráter desenvolvimentista da colônia passam a ser contrapostas. Nas palavras do Sr. Sievert, a Colônia Blumenau estava longe de ser uma “cidade mais ou menos grande” como muitos acreditavam.

³⁸ Depoimento de Augusto Sievert. Fundo: Memória da Cidade, Coleção: Família, 3.S. 29, Doc. 04, 14/01/1960. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.



Centro da Colônia Blumenau em 1868-1869 (atual Alameda Duque de Caxias).

Figura 02: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Fundo: Memória da Cidade – Blumenau Antigo – Colônia – Doc. 3.1.1.1.14.

Apesar de na década de 1870 a colônia ser composta por escolas, cadeia, igrejas, entre outras edificações, é preciso levar em conta sua grande extensão territorial, o que não permite resumir a construção de representações sobre o passado colonial apenas relacionando-a com o núcleo urbano, o chamado “Stadtplatz” ou centro da Colônia (*Figura 2*). De tal modo, no ano de 1879, o diretor da Colônia escrevia ao Presidente da Província, Antonio de Almeida Oliveira, sobre uma ocorrência fatal no novo Distrito da Itoupava:

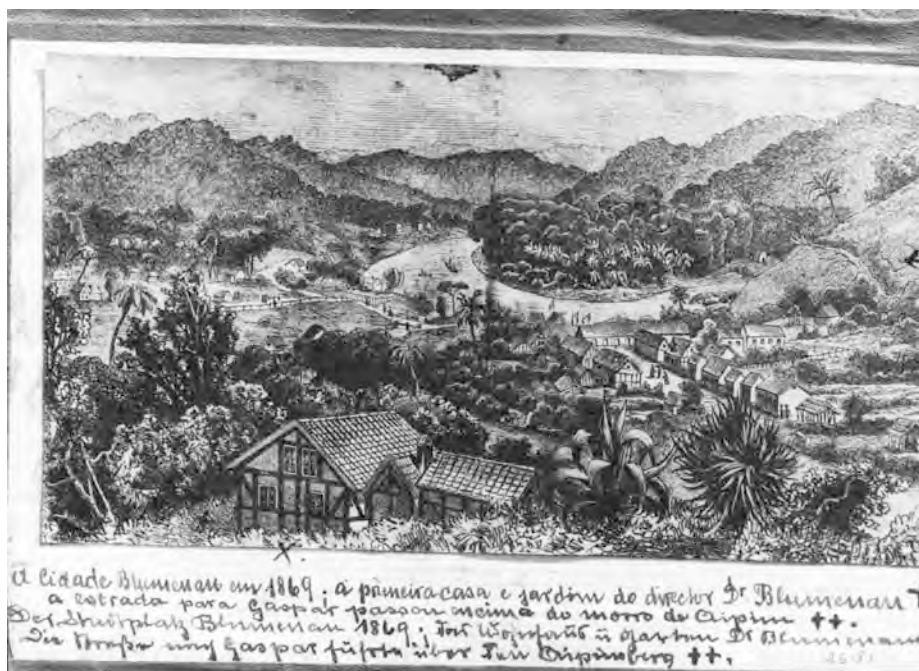
Cabe-me o triste dever participar á V. E.^a que mais uma vez – o segundo de tais casos de cerca de dois meses! – um infeliz imigrado, Cornelius Murphy, islandês, foi atacado por uma

onça, tendo sido miseravelmente ferido, e perdido muito sangue, faleceu pouco depois de sua entrada no Hospital e ficou ontem inumado.³⁹

Mesmo após vinte e nove anos de existência da Colônia Blumenau, ainda estava em formação um novo distrito, o da Itoupava, o que significava trabalhar na abertura de novos caminhos e lotes de terra na mata adentro. Isso acarretava em um contato maior com animais locais da floresta nativa, podendo levar a morte de colonos, como é o caso de Cornelius Murphy que faleceu devido ao ataque de uma onça, fazendo-nos perceber que “a vida cotidiana dos primeiros imigrantes também revela sua relação com a natureza e a mata virgem”⁴⁰, ou melhor, que a vida dos imigrantes, e não somente dos primeiros, era baseada na relação com a floresta. Todavia, cabe ressaltar que não era apenas a colônia Blumenau que passava por este processo (*Figura 3*), mas sim todo o processo de colonização do interior do Brasil, predicado este que o país carrega até hoje: um país de extensa flora.

³⁹ Correspondência nº 101 de Hermann Blumenau em nome da Diretoria de Colônia para Antonio de Almeida Oliveira, Presidente da Província. Fundo: Memória da Cidade – Colônia Blumenau – Documentos avulsos, v. 3, 12/11/1879. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

⁴⁰ FERREIRA; KOEPEL, op. cit. p. 94.



Colônia Blumenau em 1869, em destaque a extensa floresta.

Figura 03: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Fundo: Memória da Cidade – Blumenau Antigo – Colônia – Doc.3.1.1.1.16.

Apesar da realidade vivida no país, as Exposições Universais marcaram o passado colonial de Blumenau assim como a história de muitas sociedades oitocentistas. Para as potências europeias era um local onde as mesmas poderiam demonstrar sua superioridade perante as outras, afinal a Revolução Industrial despertou uma era de competição. Além da participação das nações do Velho Mundo, outras nações em desenvolvimento na época também se faziam presentes da maneira que podiam, e ali apresentavam ao mundo seus destaques nacionais. Nestas exposições se “[...] expunham didaticamente o avanço de uns e o atraso de outros; a tecnologia na mão de alguns, o exotismo como um privilégio de outros”⁴¹. O Brasil geralmente estava associado ao exotismo, destacado pelos seus

⁴¹ SCHWARCZ, op. cit. p.398.

produtos artesanais, agrícolas e principalmente pelas excentricidades, mas a intenção do Império, assim como da Colônia Blumenau, era a divulgação de uma terra promissora e como um espaço aberto para o imigrante e, consequentemente, para a força de trabalho do mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Exposições Universais foram oportunas possibilidades do Império brasileiro se apresentar e representar no exterior, não a fim de mostrar seu lado agrícola ou escravocrata. Através deste evento o Brasil optou por representar-se aberto à entrada de imigrantes europeus e a caminho do progresso. Favorável a esta representação brasileira ocorreu a premiação na Exposição em Paris em 1867, na qual a Colônia Blumenau foi destaque devido ao seu “vigoroso desenvolvimento”. No entanto, a premiação foi conquistada por meio de um folheto que o próprio Hermann Blumenau havia elaborado, sendo ele funcionário imperial e diretor da Colônia. Além disto, a imagem representativa que a Colônia Blumenau expôs na França era uma tentativa de dar mais consistência a um Brasil distinto da realidade, pois ao pesquisar as exposições nacionais e verificar quais produtos geralmente estavam presentes – tabaco, madeira, algodão, açúcar, milho, mel entre outros, ou ainda ao recorrer aos relatos de imigrantes nesta época, tem-se uma ideia mais próxima de um Brasil agrícola e rural, diferente do ideal desenvolvimentista que o Governo Imperial, na figura do Imperador D. Pedro II, desejava representar aos europeus e ao mundo.

As representações criadas pelo Império sobre si mesmo e, ao mesmo tempo sobre a Colônia Blumenau, são elementos construídos, pensados com um propósito, que não estão obrigatoriamente vinculados à verdade, mas que podem gerar uma legitimação do ideal de progresso

concebido no século XIX. A história da Colônia Blumenau ainda é marcada por esta afirmação de desenvolvimento, porque esta representação foi legitimada pela sociedade blumenauense ao longo do tempo, foi construção socialmente aceita na cultura local, mas é preciso levar em consideração que a cultura também é construída e reconstruída pelo ser humano e refletir sobre esta temática faz parte do ofício do historiador.

REFERÊNCIAS

BLUMENAU, H. Projeto de Colonização apresentado a Assembléia Provincial. Fundo: Colonização, P0 02, Doc. 06, 16/03/1848. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

BLUMENAU, H.; FERREIRA, C. (org.); SCHÜNKE, A. M. (tradução). **A Colônia Alemã Blumenau**: na Província de Santa Catarina no Sul do Brasil = Deutsche Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Süd-Brasilien. Blumenau: Cultura em Movimento; Instituto 150 anos, 2002.

BLUMENAU, H., Ofício da Colônia Blumenau para o Governo Imperial. Fundo: Colonização, P0 2.34, Doc. 346, Nov/1869. Acervo: AHJFS – Blumenau, SC.

BRASIL IMPÉRIO, Título de Comendador da Ordem da Rosa concedido a Hermann Blumenau pelo Imperador D. Pedro II. Fundo: Colonização, P0 2.32, Doc. 329, 16/05/1868. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

CARVALHO, J. M. de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CENTENÁRIO DE BLUMENAU: 1850 - 2 de setembro - 1950. Blumenau: [s.n.], 1950.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Coleção Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

COLÔNIA IMPERIAL BLUMENAU – Repartição Geral das Terras Pública. Termo de cessão da Colônia Blumenau ao Império Brasileiro. Fundo: Colonização, P0 2.13, Doc. 134, 13/01/1860. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

Correspondência nº 101 de Hermann Blumenau em nome da Diretoria de Colônia para Antonio de Almeida Oliveira, Presidente da Província. Fundo: Memória da Cidade – Colônia Blumenau – Documentos avulsos, v. 3, 12/11/1879. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

DEEKE, J. **O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento**. Blumenau: Nova Letra, 1995.

Depoimento de Augusto Sievert. Fundo: Memória da Cidade, Coleção: Família, 3.S. 29, Doc. 04, 14/01/1960. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

Excertos do Jornal Kolonie-Zeitung, notícia de 03 de agosto de 1867. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XX, n.11/12, p. 328-329, novembro/dezembro, 1979.

Excertos do Jornal Kolonie-Zeitung, notícia de 09 de novembro de 1867. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXI, n. 6, p. 175-176, junho. 1980.

Excertos do Jornal Kolonie-Zeitung, notícia de 28 de maio de 1869. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XXII, n. 7, p. 219, julho. 1981.

EXPOSIÇÃO NACIONAL BRASIL IMPÉRIO, Certificado da Exposição Nacional do Brasil conferido a Dr. Hermann Blumenau. Fundo: Colonização, P0 2.17, Doc. 117, 14/03/1862. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

FERREIRA, C.; KOEPEL, D. F. **Representações da cidade**: discussões sobre a história de Timbó. Blumenau: Edifurb; Timbó: Fundação Cultural, 2008.

FROTSCHER, M. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano. 1998, 191f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HOBBSAWM, E. J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KLUG, J.; SANTOS, M. P. R. T. dos, Associações agrícolas e Exposições Coloniais em Santa Catarina. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIV, n. 9/10, p. 87-103, setembro/ outubro. 2003.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2 ed. Campinas; São Paulo: UNICAMP, 1992.

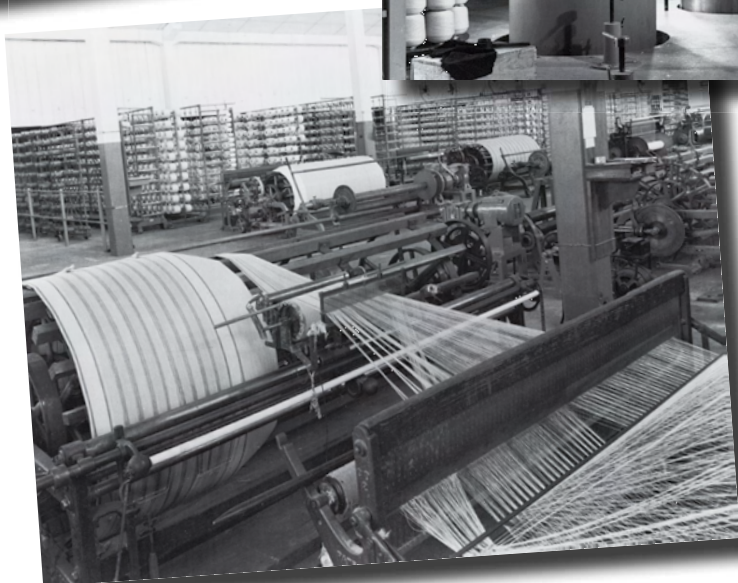
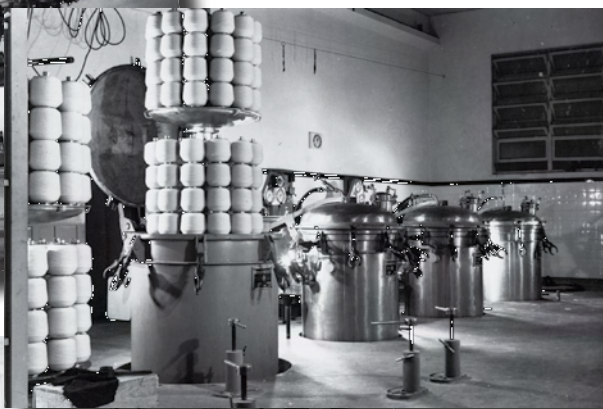
Ofício nº 30 de Hermann Blumenau em nome da Diretoria de Colônia para Joaquim Bandeira de Gouvêa, Presidente da Província. Fundo: Memória da Cidade – Colônia Blumenau – Documentos avulsos, v. 1, 06/11/1871. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Relatório Geral da Colônia Blumenau de 1857. Fundo: Colonização, P0 2.11, Doc. 112, maio/1858. Acervo: AHJFS – Blumenau/SC.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



INDUSTRIALIZAÇÃO E TECNOLOGIA NO VALE DO ITAJAÍ E NORDESTE DE SANTA CATARINA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

INDUSTRIALIZAÇÃO E TECNOLOGIA NO VALE DO ITAJAÍ E NORDESTE DE SANTA CATARINA

Rafael dos Santos*

RESUMO

O presente artigo discute como se deu o processo de industrialização e desenvolvimento econômico e tecnológico das regiões de colonização alemã do Vale do Itajaí e do Nordeste de Santa Catarina. Para analisar esse processo e relacionar alguns de seus fatos decorrentes, utiliza-se a Teoria dos Ciclos Econômicos. Parte-se da caracterização dessa teoria e suas ligações com a economia mundial, para então relacionar os principais fatores que possibilitaram a industrialização, a ascensão tecnológica e o desenvolvimento econômico dessas regiões catarinenses. A fim de explicitar o processo ao longo dos anos e dos ciclos econômicos mundiais, serão destacadas algumas empresas catarinenses, que aqui surgiram e contribuíram para tornar Santa Catarina um Estado dotado de grande potencial industrial e tecnológico com destaque nacional e internacional.

Palavras-Chave: industrialização; tecnologia; desenvolvimento; Santa Catarina.

1 INTRODUÇÃO

Analisar o processo de industrialização e o desenvolvimento

* Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano - DRU. E-mail: rafasantos@pop.com.br.

econômico de Santa Catarina sob a ótica da Teoria dos Ciclos Econômicos, associando tais fenômenos com mudanças e eventos advindos dos ciclos da economia capitalista mundial, é o principal objetivo desse artigo. Dessa Maneira, tal abordagem pode revelar interessantes pontos, já que abrange outros fatores pouco explorados e destacados por outras formas de análise ou teorias, buscando comprovar com isso, se ela é realmente válida ou não como forma de interpretação acerca do desenvolvimento tecnológico-industrial catarinense.

Para isso, parte-se primeiramente da caracterização da Teoria dos Ciclos Econômicos e exposição de sua importância à análise econômica e ao desenvolvimento tecnológico. Logo após isso, seus principais pontos serão discutidos e comparados para tentar explicar o processo de industrialização catarinense e seu avançado grau tecnológico atual. E, para melhor exemplificar e compreender esse longo processo, serão enunciadas algumas empresas catarinenses de diversos setores produtivos, com destaque àquelas situadas na grande área de colonização alemã do Vale do Itajaí e do Nordeste catarinense, que contribuíram substancialmente ao desenvolvimento industrial de Santa Catarina, produziram grandes inovações tecnológicas ao longo de suas trajetórias e hoje despontam nos cenários nacional e internacional em seus respectivos setores.

2 A TEORIA DOS CICLOS ECONÔMICOS

Ao analisar o desenvolvimento econômico e tecnológico de um país ou região, surgem as seguintes perguntas: Como surgem tantas inovações tecnológicas nas diferentes indústrias e em tão pouco tempo? Como elas interferem no desenvolvimento econômico de uma região ou país?

A Teoria dos Ciclos Econômicos, elaborada inicialmente

pelo economista russo Nikolai D. Kondratieff em 1922 e difundida pelo economista austríaco Joseph A. Schumpeter em 1939, tentou explicar o desenvolvimento da economia capitalista mundial e responder essas questões, ao destacar “[...] o papel central desempenhado pela inovação tecnológica na dinâmica do sistema econômico” (BENKO, 1999, p. 26) e afirmar que as “Inovações tecnológicas [...] estão relacionadas com os movimentos cíclicos da economia mundial e com o processo de concentração de capital [...]” (RATTNER, 1988, p. 2).

Segundo a Teoria dos Ciclos Econômicos, o sistema econômico mundial pode ser esboçado e compreendido através de ondas largas ou ciclos longos, que compreendem a fase de crescimento e expansão (fase A) e a fase de depressão e recessão do sistema capitalista (fase B). Diante disso, tal análise descreve um ciclo econômico um tanto vicioso, isto é, ele parte do mesmo ponto de sua chegada, porém o momento de partida será diferente do de chegada dando a cada ciclo novas e diferentes características. Dessa forma, cada ciclo econômico é caracterizado pela fase de ascensão econômica até atingir seu ponto de desequilíbrio entre a oferta e a procura, ou seja, há superprodução e subconsumo. A partir daí, o consumo e produção não conseguem regular-se automaticamente e acontece o desequilíbrio da lei da oferta e da procura. O consumo cai drasticamente e a produção, até aqui crescente, começa a cair também, afetando todo o sistema: os investimentos caem, a inovação cessa, o desemprego aumenta, as condições de vida dos trabalhadores, suas famílias e da sociedade em geral se tornam precárias e a crise se generaliza.

Durante o período da crise, chega-se ao ponto chamado da destruição criadora, que segundo Schumpeter e seus sucessores, seria condição necessária para um novo surto tecnológico e, por consequência, um novo ciclo econômico estaria sendo gerido. Nesse sentido, as inovações produzidas pelos empresários inovadores já foram copiadas (destruídas) pelos empresários imitadores e totalmente difundidas em todas as

atividades econômicas, iniciando-se um período de depressão. A partir daí, inicia-se lentamente um novo processo de inovações (criações), liderado por alguns empresários que tentam superar a crise através de novas invenções desenvolvidas e implantadas em suas empresas. Como resultado disso, surge um novo ciclo econômico com inovações tecnológicas mais complexas e revolucionárias que as desenvolvidas no ciclo anterior. (BENKO, 1999).

Segundo Schumpeter (1982), os empresários inovadores concentram esforços para inovar e buscar na crise a oportunidade de voltar a crescer, sendo justamente nas fases recessivas (fases B) do ciclo que surgem as maiores inovações tecnológicas no setor produtivo. Os empresários inovadores entram em ação e introduzem as inovações tecnológicas em novos processos e produtos, dando impulso para o surgimento de um novo ciclo e a retomada do crescimento econômico. Conforme Benko (1999), o modelo elaborado por Schumpeter aponta que, com a completa difusão das inovações anteriores, o lucro é nulo. Diante disso, os empresários são estimulados a inovar. Se ocorrer uma pressão geral, isso pode resultar em inovações revolucionárias, ou seja, aquelas que estabelecem complementaridades entre produtos, processos de produção e espaços geográficos. Ocorre, assim, uma expansão geral do investimento e a economia entra em longa fase de ascensão, contribuindo à difusão dos novos produtos e suas técnicas para um vasto conjunto de empresas e consumidores. A partir daí, entretanto, as rendas iniciais começam a cessar, pois, ao atingir certo limite, a ação dos empresários imitadores é tanta que gera uma completa saturação, desestabilizando as formas anteriores de concorrência. Dessa forma, o ciclo ascendente se renova, porém o investimento diminui naturalmente, a taxa de lucro tende a anular-se novamente e a crise volta.

Segundo os estudos de Kondratieff, o sistema capitalista mundial pode ser dividido historicamente em quatro ciclos longos, cada um com duração de mais ou menos cinquenta anos, sendo cerca de vinte

e cinco anos para cada fase - as fases ascendentes (fase A) e descendentes (fase B) -, descritas anteriormente. Cada ciclo longo pode ser relacionado com alguns dos mais importantes fatos na história do capitalismo mundial, especialmente descobertas técnico-científicas e/ou outros eventos sócio-políticos como guerras ou revoluções, que se constituem etapas da evolução do próprio sistema capitalista. Dessa maneira, é possível sistematizar um quadro com os diferentes ciclos econômicos, suas respectivas fases, durações e fatos importantes neles ocorridos, que produziram verdadeiras revoluções ao capitalismo mundial. Segue o quadro abaixo.

Os Ciclos Longos do Sistema Capitalista Mundial

Ciclo Longo	Fase	Período	Eventos Importantes
1º	A	1790 - 1815	Primeira Revolução Industrial (Reino Unido)
	B	1815 - 1848	Novas Inovações
2º	A	1848 - 1873	Difusão de Invenções
	B	1873 - 1896	Segunda Revolução Industrial (Alemanha, França e EUA)
3º	A	1896 - 1921	Revolução Russa e Primeira Guerra Mundial
	B	1921- 1948	Crise de 1929 e Segunda Guerra Mundial
4º	A	1948 - 1973	Primeira Crise do Petróleo e Difusão de Invenções
	B	1973 - ?	Segunda Crise do Petróleo e Terceira Revolução Industrial (Alemanha, EUA e Japão)

Fonte: Adaptação de Rangel (1982). Elaboração do autor.

No início do século XX, surgem grandes eventos mundiais que marcaram profundamente toda a estrutura do capitalismo mundial, como as duas guerras mundiais, a Primeira (1914-1918) e a Segunda (1939-1945), a quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929 e a grande recessão

econômica dos anos 30. Esses períodos foram de extrema instabilidade e pode-se ver que o ciclo econômico mundial está na sua fase mais crítica, ou seja, a recessão. Como visto anteriormente, é justamente neste ponto que surgem as inovações tecnológicas necessárias para que o crescimento seja retomado, como o foi a partir do final da década de 1930. No período entre as duas Grandes Guerras, a atividade econômica nos países centrais do sistema capitalista, com algumas poucas exceções, mantinha-se em níveis muito baixos, porém isso não significava que a ciência e a tecnologia não estivessem acumulando pré-condições para o surgimento de uma fase repleta de inovações tecnológicas. (RANGEL, 1982).

No decorrer da década de 1930 e 1940, ocorre então a retomada do crescimento econômico mundial em função, principalmente do esforço de guerra, saindo da fase de recessão (fase B) para a fase de ascensão (fase A) do ciclo longo. Nela, as inovações tecnológicas produzidas na fase anterior, ou seja, durante a recessão, começam a revolucionar a estrutura produtiva e se difundem em larga escala. Foi uma fase de ascensão de cerca de 30 anos, que beneficiou principalmente as grandes potências mundiais ganhadoras da Segunda Guerra Mundial - Estados Unidos e União Soviética -, mas também possibilitou que países periféricos como Brasil, Índia e China iniciassem seu processo de industrialização e desenvolvimento econômico. Entretanto, a partir dos anos 1970 e 1980, o capitalismo mundial entra novamente em crise com a desaceleração do crescimento econômico, o enfraquecimento do Fordismo¹, a crise do petróleo e o estabelecimento de novas tendências estruturais da economia mundial. Nesse contexto,

¹ O Fordismo foi o modelo de produção capitalista criado por Henry Ford e baseado na produção em massa de determinados itens, no caso os próprios automóveis da Ford. Juntamente com o Taylorismo – modelo organizacional da produção que implantou a divisão de tarefas na linha de produção, ele revolucionou a produção e começou a ser adotado por várias empresas de diferentes setores industriais. O Fordismo/Taylorismo entrou em crise nos anos 1990 com a ascensão do Toyotismo. (SANTOS, 2005).

os grandes conglomerados transnacionais, também conhecidas como empresas multinacionais, tornaram-se cada vez mais presentes e passaram a dominar grande parte do comércio e das inovações tecnológicas mundiais, ao adaptar-se às novas tendências neoliberais da economia mundial e adotar um novo modelo capitalista de organização da produção industrial, o Toyotismo² a partir da década de 1990.

Não obstante, vale ressaltar que a tecnologia é um bem caro, não sendo possível sua aquisição por todas as pequenas empresas. Razão pela qual, o mercado mundial da tecnologia ainda está concentrado nos domínios dos grandes conglomerados transnacionais. Mesmo assim, como a tecnologia não é um bem inacessível e pode ser comprado, obviamente por quem tiver condições financeiras, sua difusão é real, sem espaço temporal ou geográfico determinado para acontecer, e tende a aumentar, já que o avanço tecnológico no seio das empresas tornou-se vital para galgar novos estágios, processos e produtos determinantes ao aumento de competitividade frente a concorrentes e à garantia de existência nos mercados nacional e internacional. Essa busca incessante por novas tecnologias desencadeou um novo fenômeno no mundo empresarial: o acesso mais rápido e fácil às novas tecnologias pelas empresas. Com isso, algumas empresas menores e dotadas de estruturas organizacionais e produtivas mais flexíveis se beneficiaram das novas tecnologias desenvolvidas através de significativos investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) ou, em parte, daquelas difundidas pelos grandes conglomerados industriais, visando adequar-se às novas tendências mundiais de consumo. Por outro

² O Toyotismo nasceu dentro da própria fábrica de automóveis da Toyota no Japão, quando a empresa estabeleceu um novo modelo organizacional baseado na flexibilização de processos ligados à produção, administração e funcionamento da empresa. Caracteriza-se pela adoção de políticas e programas inovadores, como a produção enxuta, a terceirização, o aperfeiçoamento logístico e melhorias na qualidade dos produtos e dos serviços prestados, visando aumentar a produtividade, a competitividade das empresas para, além de lucrar mais, conquistar maiores parcelas num mercado internacional altamente concorrencial. (Idem).

lado, outras fontes difusoras de novos conhecimentos e tecnologias aplicáveis na indústria, como as universidades, institutos técnicos e centros de pesquisa, tanto públicos quanto privados, foram sendo criados e aproximaram-se da indústria para suprir, de certa maneira, a carência de recursos para investir em P&D por parte de algumas empresas.

A partir da década de 1990, com a abertura comercial do Brasil e a internacionalização da economia brasileira, esses novos desafios ficam mais evidentes para as empresas brasileiras, quando elas se depararam com um novo fenômeno mundial - a Globalização -, e uma nova era tecnológica - a Era da Informação ou, como alguns autores sugerem, a Terceira Revolução Industrial -. Nesse contexto, a difusão tecnológica mundial avançou também sobre empresas brasileiras de vários setores, especialmente em fases ascendentes dos ciclos econômicos do sistema capitalista mundial. As indústrias catarinenses também sentiram, algumas mais outras menos, os reflexos dessa nova situação e também avançaram nesse sentido. É o que será visto a seguir.

3 CICLOS ECONÔMICOS, TECNOLOGIA E INDÚSTRIA EM SANTA CATARINA

Depois de caracterizado e exposto o funcionamento dos ciclos econômicos do sistema capitalista ao longo de sua história, resta a laboriosa tarefa de agora relacioná-los e associá-los com a economia de Santa Catarina, a fim de constatar sua influência e seus reflexos sobre o desenvolvimento industrial e tecnológico de alguns setores industriais catarinenses. Para facilitar o trabalho, a grande área de colonização alemã do Vale do Itajaí e do Nordeste catarinense foi definida como área de estudo, por possuir importantes indústrias que mais sofreram transformações produtivas e estruturais com o advento de novas tecnologias nos últimos anos e figuram hoje entre as maiores empresas brasileiras, e algumas empresas dessa área

foram destacadas e utilizadas como exemplo, para explicitar o fenômeno da industrialização e de desenvolvimento econômico de Santa Catarina.³

Inicialmente, foi esquematizado um quadro com os ciclos econômicos mundiais para melhor visualizar e, posteriormente, discutir os fatos, semelhanças e suas prováveis implicações causadas aqui na economia catarinense. Segue o quadro.

Os Ciclos Longos no Mundo e em Santa Catarina

Ciclo Longo	Fase	Período	Eventos e Inovações Importantes no Mundo	Eventos e Inovações Importantes em SC
1º	A	1790 - 1815	Primeira Revolução Industrial (Reino Unido): máquina a vapor, tear, etc.	Atividades artesanais (engenho, pilão, etc.)
	B	1815 - 1848	Novas Invenções	Primeira colônia alemã - São Pedro de Alcântara (1829)
2º	A	1848 - 1873	Difusão das Inovações	Colônias Blumenau (1850), Joinville (1851) e Brusque (1860)
	B	1873 - 1896	Segunda Revolução Industrial (Alemanha e EUA): eletricidade, motor à combustão, etc.	Primeiras indústrias têxteis e pequenas oficinas
3º	A	1896 - 1921	Primeira Guerra Mundial	Guerra do Contestado (1912-1916): ferrovias, energia elétrica, etc.
	B	1921- 1948	Crise de 1929 e Segunda Guerra Mundial	Novas indústrias: elétrica, mecânica, metalurgia, química e transporte

³ Para maiores informações sobre as empresas aqui mencionadas e pesquisadas, recomendo a leitura das notas de rodapé, ao longo do trabalho, pois elas contêm alguns detalhes sobre o empreendimento, como sua fundação, origem de seus fundadores e da mão-de-obra, técnicas e maquinários utilizados, etc. A escolha dessas empresas foi, de certa forma, aleatória, pensando-se principalmente nas maiores e mais importantes empresas catarinenses de três dos principais setores industriais na atualidade (têxtil, metal-mecânico e plástico), que contribuíram e contribuem ao desenvolvimento econômico e tecnológico de Santa Catarina.

4º	A	1948 - 1973	Recuperação Econômica do Pós-Guerra	Construção de rodovias federais (BRs 101 e 116)
	B	1973 - ?	Choque do Petróleo e Terceira Revolução Industrial (Alemanha, EUA e Japão)	Novas indústrias de tecnologia de ponta: informática, automatização, máquinas, equipamentos, etc.

Fonte: Adaptação de Rangel (1982), Vieira (1986) e Santos (2005). Elaboração do autor.

Após a elaboração e a exposição do quadro acima, inicia-se a análise dos estágios do capitalismo mundial, seus ciclos longos e sua relação com o desenvolvimento econômico de Santa Catarina, partindo dos primórdios da Primeira Revolução Industrial. Nesse ponto, evidencia-se a enorme distância entre o avançado capitalismo inglês e o pré-capitalismo catarinense⁴. Já no final do século XVIII, a Inglaterra promovia sua Primeira Revolução Industrial, o país era o centro do capitalismo mundial e a atividade industrial se tornou o mais importante setor econômico do país. Por sua vez, Santa Catarina possuía apenas relações pré-capitalistas, baseadas numa incipiente atividade artesanal, comércio ainda inexpressivo e agricultura como principal atividade econômica nesse mesmo período de ascensão (fase A) do primeiro ciclo longo. Para se ter uma idéia, a principal atividade da época, ou seja, a produção da farinha de mandioca pelos açorianos assentados no litoral, era praticada aqui de forma artesanal, com o emprego de poucas técnicas e equipamentos e voltada à subsistência das próprias famílias. Enquanto lá a máquina a vapor era a principal inovação tecnológica, aqui existiam apenas moinhos, monjolos e pilões movidos a água, tração animal ou até mesmo a força humana. Havia, portanto, uma considerável distância temporal e técnica no que diz respeito ao

⁴ O sistema econômico, que estava se desenvolvendo em Santa Catarina no final do século XVIII e começo do XIX, pode ser chamado de pré-capitalismo, pois o processo ainda era muito incipiente se comparado ao do centro capitalista (Inglaterra) no mesmo período.

desenvolvimento das forças capitalistas entre Santa Catarina e a Inglaterra, primeiramente, e a Alemanha, posteriormente.⁵

Somente a partir do segundo período (fase B), ou seja, de recessão do primeiro ciclo do capitalismo mundial entre 1815 e 1848, Santa Catarina passa a conhecer profundas transformações, quando vários fatores de distintas ordens e proporções começaram a influir sobre sua economia. Certamente, o fator mais importante deles foi a imigração européia, principalmente de alemães e italianos, fundando várias colônias em nosso Estado nesse período. A primeira delas foi a Colônia de São Pedro de Alcântara, fundada em 1829 por imigrantes alemães e localizada na atual Grande Florianópolis. É interessante ressaltar, que os novos habitantes de nossas terras, na sua maioria agricultores, trouxeram consigo diversos conhecimentos e técnicas de trabalho da Europa e passaram a aplicá-los intensamente aqui e inovaram as antigas formas de trabalho e do cultivo da terra. Num primeiro momento, sua produção era voltada ao próprio sustento da família do colono.

Num segundo momento, surgem outros importantes núcleos de colonização alemã em Santa Catarina: a Colônia de Blumenau em 1850, a Colônia de Joinville em 1851 e a Colônia de Brusque em 1860. As inovações e os conhecimentos trazidos pelos novos imigrantes possibilitaram o aumento da produção e a criação de excedentes agrícolas. Para solucionar tal problema, alguns colonos começaram a comercializar e outros a manufaturar seus próprios produtos, ainda que de forma artesanal pela própria família do agricultor. Eram produzidos queijos, embutidos, compotas, doces, pães e outros alimentos, que depois eram vendidos na vila

⁵ Já Cunha (2000, p. 285) havia destacado: “O advento da indústria moderna data dos anos 1790 a 1830 na Inglaterra, e de 1850 a 1914 na Alemanha, portanto, antecederam com larga margem de tempo o início da implantação da indústria fabril catarinense, num intervalo de tempo de 100 a 50 anos [respectivamente].”

ou nos arredores para complementar a renda familiar dos colonos. Era o início do comércio nas regiões coloniais, do também chamado de sistema colônia-venda⁶. Por outro lado, muitos desses colonos imigrantes eram propriamente artesãos na Europa e já exerciam alguma atividade artesanal ou manufatureira como carpinteiros, marceneiros, ferreiros, oleiros, etc., pois eles presenciaram as grandes transformações do capitalismo, numa Europa à véspera da Segunda Revolução Industrial, que teve como palco principal a Alemanha em pleno processo de industrialização. Portanto, “[...] a explicação do processo de industrialização parte do tipo de sociedade transplantada da Europa para a Colônia Dona Francisca (Joinville) em meados do século XIX, uma sociedade assentada em sólida pequena produção mercantil.” (NAPOLEÃO, 2005, p. 41-42). Isto vale também nas Colônias de Blumenau e Brusque, onde a estrutura fundiária na época da colonização era baseada em pequenos lotes e a produção, como já foi visto, era voltada ao mercado, possibilitando a alguns colonos acumular riquezas, prosperar e começar a investir em outras atividades como no comércio e na indústria.

Baseado nas ideias de Cholley (1964)⁷, pode-se dizer, que a combinação de fatores físicos, biológicos e humanos foram essenciais para o desenvolvimento dessas regiões. Portanto, além dos aspectos físicos da região em questão e dos biológicos característicos dessa população, foram os aspectos humanos bastante significativos, pois todo esse conhecimento acumulado

⁶ Segundo Mamigonian (1965, p. 71), “A ‘colônia’ correspondia à propriedade agrícola de 25 hectares no povoamento ‘Waldhufendorf’, na qual, o agricultor trabalhava em policultura. Ele produzia, além das suas necessidades, açúcar, mandioca, feijão, milho, manteiga, banha, etc.; cultivava mesmo um produto comercial como o tabaco e, se fosse mais abastado, explorava a madeira. Entretanto, não podia deixar de contar com ferramentas, tecidos, querosene, sal, etc. E foi para permitir essas trocas que nasceu a ‘venda’, isto é, o pequeno comércio que se estabeleceu justamente na entrada de ‘Waldhufendorf’.”

⁷ Segundo Napoleão (2005, p. 41), a ideia de combinação de complexo de André Cholley (1964) “[...] expressa a realidade geográfica, refletida em convergências de fenômenos físicos, biológicos e humanos, classificadas por Cholley em três modalidades: 1) convergência de fatores físicos; 2) convergência de fatores físicos e biológicos; e 3) convergência de fatores físicos, biológicos e humanos. Modalidade última, que ampara a combinação industrial instalada em Joinville [e nas demais Colônias de Blumenau e Brusque].”

ao longo dos anos foi essencial, para quando esses imigrantes europeus aqui se instalaram e começaram a trilhar suas próprias vidas, contribuindo para transformar e diversificar substancialmente a economia catarinense. Aqui, trata-se já do período de ascensão equivalente à fase A do segundo ciclo (1847-1873), quando, após a difusão e a absorção de novas técnicas e novos conhecimentos vindos com os imigrantes europeus para cá, surgiram os primeiros ateliês e oficinas voltadas ao artesanato e à pequena manufatura de produtos locais, como a madeira, o ferro, o tecido e alguns produtos agrícolas. Esses primeiros estabelecimentos comerciais e manufatureiros fundados por esses imigrantes foram a base para o surgimento das primeiras indústrias catarinenses, que floresceriam e prosperariam na próxima fase.

Partirmos agora à fase B do segundo ciclo (1873-1896), em plena Segunda Revolução Industrial na Europa e EUA. Com a intensificação da imigração europeia e a formação de novos e importantes pólos populacionais em Santa Catarina como Blumenau, Joinville e Brusque, ocorreu também uma expansão do intercâmbio de mercadorias, máquinas, técnicas e conhecimentos com a Europa, principalmente com a Alemanha e, em menor proporção, com outros países. Assim sendo, as primeiras indústrias surgem em Santa Catarina, principalmente nessas áreas de colonização europeia e estavam concentradas inicialmente nos setores metalúrgico, moveleiro, têxtil e na manufatura de produtos agrícolas. Todo o aperfeiçoamento, advindo do contato com novas tecnologias desenvolvidas e trazidas da Europa, fez com que essas indústrias surgissem, prosperassem e transformassem toda a dinâmica e a estrutura econômica de Santa Catarina, permitindo que o Estado saltasse várias etapas e obstáculos adjacentes ao sistema capitalista, os quais qualquer país precisaria incondicionalmente passar para atingir tais níveis de desenvolvimento econômico e equiparar-se aos países desenvolvidos do centro capitalista.

Tais etapas, digo o desenvolvimento das forças capitalistas, das relações de troca, o processo de industrialização e outros fatores, foram

sendo gradualmente alcançadas e Santa Catarina pôde despontar no cenário nacional ainda no início do século XX, quando a substituição de importações começou a ser praticadas no Brasil. Como assinalou Rangel (1982), o Brasil diminui sua participação na divisão internacional do trabalho e no comércio mundial em fases de recessão do capitalismo (fases B dos ciclos), voltando-se para si e substituindo importações, especialmente de bens de consumo não-duráveis. Naturalmente, esse processo tende a impulsionar a indústria nacional e expandir a economia interna. Diante disso, Santa Catarina, ao já possuir algumas indústrias e despontar no cenário nacional, leva vantagem, pois a substituição de importações no país contribuiu para expandir e fomentar a atividade industrial catarinense. Nesse período, surgem, por exemplo, as indústrias têxteis Hering⁸ (1880) e Karsten⁹ (1882) em Blumenau, Döhler¹⁰ (1881) em Joinville. Quanto à tecnologia empregada na época, as empresas têxteis utilizavam, por exemplo, teares importados ou aqui feitos com ferramentas e conhecimento vindos com os imigrantes alemães e suas plantas

⁸ “Trikotwaren Fabrik Gerbruder Hering. Foi que a Cia. Hering iniciou sua história. O ano era 1880. A produção se concentrava numa casa de comércio que funcionava no centro de Blumenau (SC). [...] A história começou na cidade de Hartha, na Alemanha. Integrante de uma tradicional família de tecelões, Hermann Hering queria dar melhores condições de vida para a família. Deixou a mulher Mirna e os filhos [...] e cruzou o Atlântico rumo ao Brasil. [...] Hermann reuniu condições para fazer o primeiro investimento já em 1880. Comprou um tear circular e um caixote de fios. [...]. Escreveu uma carta à Mirna e pediu a ela que encaminhasse ao Brasil os filhos [...] Paul e Elise junto com o irmão Bruno.” Disponível em: <<http://www.ciahering.com.br/site/pt-br/Empresa/Sobre+a+Cia+Hering>>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

⁹ Em 1882, “É fundada a Tecelagem Roeder, Karsten & Hadlich [em Blumenau], com teares adquiridos na Alemanha e uma pequena fição. Em 1885 e 1886, Roeder e Hadlich, respectivamente, retiram-se da sociedade. Johann Karsten dá continuidade aos negócios. [...] A I Guerra Mundial dificulta a importação das matérias-primas, restringindo muito as atividades da empresa. A maioria dos empregados retorna às lidas agrícolas em suas próprias terras. Após o fim da II Guerra Mundial, há um salto tecnológico na fábrica com aquisição dos primeiros teares importados Güssen [da Alemanha].” Disponível em: <http://www.karsten.com.br/2007/hp_ptb/quem-somos.php>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

¹⁰ “A visão de futuro e a vocação empreendedora do imigrante alemão Carl Göttlieb Döhler são as sólidas bases de uma empresa [...] [que em] 6 de dezembro de 1881 [...] monta um rústico tear de madeira e, junto com a família, começa a fabricar tecidos - brim e xadrez - para abastecer a operosa comunidade local.” Disponível em: <<http://www.dohler.com.br/pt/institucional/historia.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

industriais se localizavam geralmente perto de rios, para empregar a energia hidráulica como força motriz. (SANTOS, 2005).

Nesse ponto, chegamos à fase A do terceiro ciclo (1896-1920). Enquanto na Europa era uma época política e militarmente tumultuada devido aos primórdios e aos desfechos da Primeira Guerra Mundial, Santa Catarina atraía, por sua vez, cada vez mais imigrantes europeus e prosperava economicamente devido à expansão da atividade industrial via substituição de importações, diante das dificuldades de importação durante e após esse período da guerra, e ao desenvolvimento do comércio interno já a nível nacional, como destaca Viera (1986). Além disso, nessa época houve um novo advento de novas técnicas e conhecimentos vindos da Europa com os imigrantes, o que possibilitou o surgimento e a expansão de importantes grupos empresariais como, por exemplo, as indústrias têxteis Buettner¹¹ (1898) em Brusque e Lepper¹² (1907) em Joinville. Além do uso generalizado da energia a vapor pela maioria das indústrias nesse período, Cunha (2000) destaca ainda como avanços tecnológicos o surgimento da energia elétrica e a construção de ferrovias nessas regiões de colonização européia, em especial Blumenau, Joinville e seus arredores. Houve também a criação do Instituto Politécnico de Santa Catarina em 1907, tendo um papel relevante na formação de mão-de-obra técnica. (VIEIRA, 1986).

Ao adentrar a fase B do terceiro ciclo (1920-1948), que apesar de ser um tanto adversa particularmente pela eclosão da Segunda Guerra

¹¹ “Em Brusque-SC, no ano de 1898, Edgar Von Buettner e sua mãe, Albertina Burow Von Buettner, abrem a Indústria Eduard Von Buettner e Cia. A produção iniciou-se com máquinas de bordar cortinas de filó, vindas da Alemanha.” Disponível em: <http://www.buettner.com.br/hp/index.php?interna=paginas&pagi_id=1>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

¹² “Criada em 1907, por iniciativa de Hermann August Lepper, líder comunitário dotado de grande visão empresarial e representante da segunda geração dos Lepper em Joinville [...], a Companhia Fabril Lepper dá continuidade a uma das sagas empresariais mais interessantes e peculiares de Santa Catarina e do Brasil. Agregando os valores e a tradição familiar às novidades e às mudanças tecnológicas, a Lepper cresceu, se modernizou, aumentou e diversificou sua produção.” Disponível em: <<http://www.lepper.com.br/institucional>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

Mundial (1939-1945), ela foi bastante positiva no sentido econômico para Santa Catarina. Novamente, o Brasil foi incentivado a substituir importações e a investir nas indústrias de base (siderurgia, metalurgia, química, etc.), sob a égide do Nacionalismo do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). A Era Vargas foi um período de bastante expansão industrial do país e não poderia ter sido diferente aqui em Santa Catarina. Nesse momento, começa a inserção e a integração do Estado com a economia nacional ao fornecer vários produtos aqui produzidos para o restante do país e participar da divisão nacional do trabalho, expandindo cada vez mais sua produção e consolidando sua vocação de importante centro industrial brasileiro. Nesse período, pode ser destacada, além da expansão dos setores já existentes, a diversificação dos setores industriais catarinenses com o surgimento de empresas como as do ramo têxtil Teka¹³ (1926), Cremer¹⁴ (1935) e Sulfabril¹⁵ (1947) e do ramo metalúrgico Altona¹⁶ (1933) em Blumenau, e as do ramo de material

¹³ “1926 – A Teka é fundada pelo imigrante alemão Paul Fritz Kuehnrich em Blumenau Santa Catarina. No início era uma fábrica de acolchoados, e no ano seguinte a empresa passa a confeccionar camisas com tecidos comprados de terceiros.” Disponível em: <<http://www.teka.com.br/controller.asp?acao=institucional&aba=historico&menu=empresa&dt=1>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

¹⁴ “1935 – O imigrante alemão Werner Siegfried Cremer transferiu de Porto Alegre para Blumenau uma pequena fábrica de artigos têxteis para uso cirúrgico e hospitalar, fundando a Cremer no dia 30 de março deste ano, juntamente com um grupo de 12 médicos e empresários de Blumenau;” Disponível em: <<http://www.cremer.com.br/historico.shtml>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

¹⁵ “O dia 23 de janeiro de 1947 [...], o empresário Paulo Fritzsche dava vida ao seu maior sonho, colocando em funcionamento as máquinas de costura de sua fábrica em Blumenau/SC: a Sociedade Sulfabril Ltda [...]. Nascia assim, a indústria que nas décadas seguintes se tornaria uma das mais conceituadas e tradicionais da região de Blumenau.” Disponível em: <<http://www.sulfabril.com.br/public/website/index.php?id=8>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

¹⁶ “Paul Werner era um engenheiro alemão cheio de idéias que não hesitou ao convite de instalar a primeira central telefônica de Blumenau. Assim, partiu em 1923 da Alemanha para a então pequena cidade no sul do Brasil. Em Blumenau, conheceu Ernst Auerbach, ferreiro localizado no Bairro Altona (atual Itoupava Seca). Do empreendedorismo e da vontade de desenvolver soluções, surgiu a Auerbach & Werner em 08 de março de 1924. Partindo de utensílios domésticos e agrícolas, a empresa cresceu, incorporando o aço em 1933 com o nome Electro Aço Altona S.A [...]. Nasce então a primeira fundição de aço de Santa Catarina e uma das primeiras do Brasil.” Disponível em: <<http://www.altona.com.br/pt-br/Home/Mem%C3%B3ria+Altona>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

de construção Tigre¹⁷ (1941) e do ramo metal-mecânico Tupy¹⁸ (1938) em Joinville. Tais empresas, sem exceção, foram fundadas por imigrantes alemães ou seus descendentes na grande área de colonização alemã do Vale do Itajaí e do Nordeste Catarinense, o que ressalta o empreendedorismo dos empresários catarinenses nos moldes defendidos por Schumpeter (1982). Isto é, apesar das adversidades causadas pelos desfechos das duas Grandes Guerras e de um cenário internacional desfavorável, eles enfrentaram e superaram a crise, fundando novas empresas, adotando novas técnicas, processos e matérias primas, ganhando competitividade, conquistando novos espaços e consolidando-se nesse cenário.

Entre 1948 e 1973, a fase A do quarto ciclo, houve uma forte expansão e diversificação industrial em Santa Catarina, impulsionada pela política nacional-desenvolvimentista da década de 1950 durante o Governo de Juscelino Kubitschek.

¹⁷ “A Tigre S. A. nasceu da ousadia e pioneirismo do jovem empresário João Hansen Júnior. Começou em 1941, com uma pequena fábrica de pentes de chifre de boi chamada ‘Tigre’, localizada em Joinville. Já no ano seguinte veio a diversificação, com a produção dos cachimbos Sawa. Era uma época de dificuldades decorrentes da 2ª Guerra Mundial, mas também de oportunidades [...]. Não demorou muito para que uma das mais revolucionárias novidades chegasse ao Brasil: o Plástico. [...], a Tigre passou a utilizá-lo na confecção de seus produtos e logo se deu a compra da primeira injetora, que permitiu a produção de pentes, piteiras, copos, pratos, brinquedos e leques.” Disponível em: <http://www.tigre.com.br/pt/institucional.php?rcr_id=7&ctt_id=11&uni=0>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

¹⁸ “Albano Schmidt, Hermann Metz e Arno Schwarz, que fundaram a TUPY em 9 de março de 1938 [em Joinville], descendiam desses imigrantes [alemães]. Albano era um homem de negócios e os sócios, pessoas que já se dedicavam a fabricar artefatos de ferro, utilizando conhecimentos rudimentares de fundição. Dez anos antes de a TUPY existir, Albano havia desafiado seus companheiros a “descobrir a fórmula do ferro fundido maleável”, utilizado na fabricação de conexões, então conhecidas no país apenas pela importação. Sem contar com recursos de laboratório ou de manuais que dessem algum indicativo de como chegar à fórmula dessa liga (originalmente descoberta em 1630, na Inglaterra), tudo era feito na base da tentativa e erro, até que em 1937 obteve-se a composição certa. No ano seguinte, nas mesmas instalações de uma antiga oficina existente no centro da cidade, as primeiras conexões com a marca TUPY começaram a ser fabricadas. Três anos depois, já recebiam o atestado de similaridade [...] às estrangeiras.” Disponível em: <<http://www.tupy.com.br/portugues/empresa/historia.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

Importantes rodovias federais foram construídas e melhoraram substancialmente a infra-estrutura aqui no Estado, destaque para as BRs 101 e 116, que, segundo Vieira (1986), vieram a integrar definitivamente Santa Catarina ao resto do país. Com a política de substituição de importação de bens de capital (máquinas, equipamentos, etc.) e bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos, etc.) implantada pelo governo federal nesse período, Santa Catarina beneficiou-se ao poder fornecer ao mercado nacional esses bens e, consequentemente, a atividade industrial catarinense se expandiu com grande intensidade. Fato esse, que pode ser comprovado com o grande número de empresas de vários setores fundadas nesse período. A saber, surgiram importantes empresas catarinenses do setor eletro-metal-mecânico como a Docol¹⁹ (1956) e a WEG²⁰ (1961) em Jaraguá

¹⁹ “A Docol foi fundada em 1956, por Edmundo Doubrawa, Egon Doubrawa e Amandus Colin, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina, transferindo-se, dois anos depois, para uma unidade industrial no centro de Joinville. [...]. Originária de uma tornearia e oficina de consertos em geral, passou a desenvolver atividades industriais com a confecção de artigos dentários (muflos, foles, articuladores etc.). [...]. Em seguida, começou a fabricar válvulas de sucção, atendendo a uma crescente necessidade do mercado do sul do país, ampliada pela dificuldade de importação desses equipamentos no período pós-guerra. Atuando nesse mercado, intensificou a fabricação de válvulas tipo e ponteiros (para captação de água de poços), complementada a seguir por torneiras e registros de gaveta. [...], em março de 1976, a Docol contactou a Georg Rost & Sohne - empresa alemã detentora da marca DAL, considerada a maior fabricante de sistemas de descarga do mundo [...] para desenvolver uma válvula de descarga com alta performance [...]. Essa válvula representou um enorme avanço nos sistemas de descarga e sua tecnologia continua inigualável até hoje.” Disponível em: <http://www.docol.com.br/institucional_interna/historia-1>. Acesso em: 23 de março de 2011.

²⁰ “O caminho de sucesso empresarial de Werner Ricardo Voigt, Eggon João da Silva e Geraldo Werninghaus começou em 16 de setembro de 1961 [em Jaraguá do Sul], quando os três fundaram a Eletromotores Jaraguá. Anos mais tarde, a empresa criada por um eletricista, um administrador e um mecânico viria a ganhar uma nova razão social, a Eletromotores WEG SA. [...]. A trajetória da empresa ao longo destes anos é marcada pelo êxito. Uma das maiores fabricantes de equipamentos elétricos do mundo, a WEG atua nas áreas de comando e proteção, variação de velocidade, automação de processos industriais, geração e distribuição de energia e tintas e vernizes industriais.” Disponível em: <http://www.weg.net/br/Sobre-a-WEG/Historia/Os-Fundadores>. Acesso em 27 de abril de 2011.

do Sul, a Consul²¹ (1950) e a Embraco²² (1971) em Joinville, a Fischer²³ (1966) em Brusque, e do setor de materiais plásticos como a Cipla²⁴ (1963) em Joinville, entre outras.

Nesse período, a ação do Estado teve grande destaque, agindo os governos estadual e federal como articuladores, facilitadores e provedores

²¹ A Consul “Foi a primeira marca de eletrodomésticos a ser produzida no Brasil. Nasceu em Joinville, em 1950, e fabricava refrigeradores. Hoje, a Consul também produz fogões, condicionadores de ar, secadoras de roupa, fornos de micro-ondas, lavadoras de roupas, purificadores de água, ventiladores, aspiradores de pó e depuradores.” Disponível em: <<http://www.whirlpool.com.br/marcas/Consul.aspx>>. Acesso em: 27 de abril de 2011. A Multibrás S.A. Eletrodomésticos foi formada em 1994, a partir da fusão da Brastemp S.A. com a Consul S.A., sendo as marcas Brastemp e Consul mantidas, porém exclusivamente comercializadas pela Multibrás. A partir de 2006, com a reorganização societária entre a Multibrás S.A. Eletrodomésticos e a Empresa Brasileira de Compressores S.A. - Embraco, ambas passam ao controle da empresa norte-americana Whirlpool S.A., que se torna a maior fabricante de eletrodomésticos do mundo. Disponível em: <<http://whirlpool.com.br/site/p/institucional/historia/empresa>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

²² “Fundada em 1971, a Embraco [Empresa Brasileira de Compressores S.A.] é especializada em soluções para refrigeração e líder mundial no mercado de compressores herméticos.” Disponível em: <<http://www.whirlpool.com.br/SobreWhirlpool/Embraco.aspx>>. Acesso em: 27 de abril de 2011. A partir de 2006, como já foi dito, a Multibrás e a Embraco passam ao controle da norte-americana Whirlpool S.A.

²³ “O ponto de partida foi uma pequena oficina de conserto de bicicletas que Ingo Fischer, então com apenas 17 anos de idade, abriu em 1961 [em Brusque]. Aos poucos outros irmãos se juntaram a ele, contagiados com a mesma ânsia de produzir e progredir. E na mesma proporção foram diversificando os produtos, alvo inicialmente de conserto, e posteriormente de fabricação própria. O know-how assim adquirido permitiu que, em 7 de janeiro de 1966, estes irmãos fundassem a empresa Irmãos Fischer Ind. e Com. Ltda., hoje Sociedade Anônima, visando inicialmente a produção de pias de aço inoxidável e de fornhos elétricos para uso doméstico. Gradativamente a indústria foi ampliando seu espaço em construções próprias e diversificando sua produção, hoje direcionada principalmente a quatro segmentos: eletrodomésticos, equipamentos para a construção civil, casas modulares e bicicletas.” Disponível em: <<http://www.fischer.com.br/pt/institucional/historia>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

²⁴ “Em setembro de 1963, surge uma subsidiária da Cia Hansen Industrial [Tigre], que passou a chamar-se [...] Cia. Industrial de Plásticos Cipla [...] e inicia suas atividades [...] com uma máquina extrusora, uma injetora e um torno. Ao completar 25 anos em Setembro de 1988, a Cipla inicia uma nova fase, desvinculando-se política e administrativamente do Grupo Hansen e seguindo seu próprio caminho. [...], a partir de 1988, a empresa passou a se chamar Cipla Indústria de Materiais de Construção S/A.” Disponível em: <<http://www.cipla.com.br/apresentacao/index.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

de desenvolvimento econômico. Não foram somente investimentos públicos em infra-estrutura (estradas, ferrovias, portos, etc.), obviamente necessária, mas também na fundação de vários bancos, programas e órgãos do governo estadual na área de fomento, crédito e financiamento para as empresas. “A partir do Governo Celso Ramos (1961 – 1965) foi implantado um sólido sistema de crédito ao investimento, fundamental ao desenvolvimento do capitalismo industrial catarinense e que acompanhou a organização do sistema financeiro nacional [...]” (NAPOLEÃO, 2005, p. 76). Os principais órgãos de fomento e bancos estaduais surgidos nesse período foram o BDE (Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina) em 1962, transformado em BESC (Banco do Estado de Santa Catarina) em 1969 [...], o BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) em 1962, em associação com os Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, e ainda o FUNDESC (Fundo de Desenvolvimento de Estado de Santa Catarina) em 1963. (Idem)

Juntamente com o surgimento de novas empresas e à diversificação industrial de Santa Catarina, esse período também foi de grande avanço tecnológico, visto que as plantas industriais, os processos de fabricação e os próprios equipamentos precisaram ser modernizados para aumentar a produção e, ao mesmo tempo, competir com empresas nacionais e internacionais. Medidas federais incentivaram esse processo de modernização industrial brasileira: a criação do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) em 1952 apoiou a ampliação do setor de infra-estrutura e ampliou a oferta de crédito às empresas; a instituição da Instrução 70 da SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito) em 1953 orientou da indústria leve para áreas da indústria pesada os favores cambiais e a reserva de mercado; a implantação em 1953 da CACEX (Carteira de Comércio Exterior) facilitou a importação de bens de produção, visando à apropriação de novas tecnologias; a criação da

Petrobrás em 1954 passou a suprir as indústrias de base com matéria-prima (petróleo), principalmente as indústrias químicas e de plástico; a instituição da Instrução 113 da SUMOC (1955) beneficiou a importação de máquinas e equipamentos; entre outras. (Idem).

A fase A do quarto ciclo (1948-1973) foi, portanto, um período de forte expansão da atividade industrial no Brasil e, conseqüentemente, em Santa Catarina, como já foi visto anteriormente. Cunha (2000) caracterizou o período como o salto da indústria catarinense, quando a indústria passa a ser a principal atividade econômica estadual, superando a agricultura. Esse reflexo também pode ser visto pelo Brasil, quando “[...] em 1961, pela primeira vez na história brasileira, o PIB industrial foi superior ao agrícola, à época, com forte crescimento do setor de bens de consumo duráveis e não duráveis.” (NAPOLEÃO, 2005, p. 76). Muitas empresas catarinenses tornaram-se líderes nacionais em vários setores e muitas delas puderam experimentar e lançar-se ao mercado internacional pela primeira vez. Cunha (2000) chama os anos 1970 como “os anos de ouro da indústria catarinense”.

Convém mencionar, também, que durante esse período, além dos setores tradicionais já citados anteriormente, surgiram e se consolidaram outros importantes setores industriais catarinenses, como o agro-industrial no Oeste, o cerâmico no Sul e o moveleiro no Norte, contribuindo para redistribuir as atividades industriais, antes concentradas no eixo Joinville-Brusque-Blumenau, para outras regiões de Santa Catarina e originando novos pólos regionais como Chapecó, Criciúma e São Bento do Sul.

Ao entrar na fase B do quarto ciclo (1973 até os dias atuais), a economia mundial como um todo se viu diante de um abismo, já que acabara de estourar a grande crise do petróleo em 1973, sendo o petróleo a principal matriz energética das indústrias. Por outro lado, segundo Napoleão (2005), houve a criação do Banco de Desenvolvimento do Estado

de Santa Catarina – BADESC (1975) e do Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas – PROCAPE, que direcionaram seus gastos principalmente em energia, transporte e indústria, o que de fato facilitou o desenvolvimento industrial catarinense.

A década de 1980 foi, porém, o período mais recessivo no Brasil e de crise generalizada, caracterizada por instabilidades sociais (desemprego), políticas (redemocratização) e econômicas (inflação, abertura comercial, neoliberalismo, etc.). Ficou conhecida como a “década perdida” por causa dessas instabilidades e dificuldades de crescimento da economia brasileira. Santa Catarina também sentiu seus efeitos e sofreu algumas dessas graves consequências. Assim como a situação brasileira e mundial, a realidade catarinense foi de declínio da atividade industrial e, por conseguinte, de ajustamento à crise. (CUNHA, 2000).

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, as empresas catarinenses buscaram “[...] expandir e consolidar seus negócios, sobretudo através do estabelecimento de uma vigorosa reestruturação produtiva (diversificação e flexibilização do *mix* de produtos, inovações nos processos produtivos e inovações organizacionais).” (NAPOLEÃO, 2005, p. 70). Muitas precisaram recorrer a recursos federais e/ou estaduais para concretizar seu processo de reestruturação produtiva e modernização tecnológica e, algumas, simplesmente para não falir. “Empresas como a Embraco, Döhler e Akros [...] enquadram-se enquanto algumas das maiores beneficiadas com o sistema catarinense de crédito ao investimento.” (*Idem*, p. 77). Se já era difícil manter-se, mais difícil ainda era surgir novas empresas. Com exceção do setor de tecnologia da informação e informática, que apresentou crescimento e surgimento de novas empresas, quase todos os outros setores mantiveram-se estáveis ou apresentaram pouco dinamismo. Entre algumas

empresas surgidas nesse período, é válido destacar a fundação da Akros²⁵, já mencionada acima, em 1977, e da Krona²⁶ em 1994, ambas surgidas em Joinville e do ramo de material plástico e de construção civil.

Os anos 2000, que fecham esse último ciclo longo da economia mundial, foram melhores em relação à década passada para a indústria catarinense. Após turbulências, instabilidades e problemas superados, a maior parte das empresas catarinenses pôde reestruturar-se, modernizar-se e logrou bons resultados. Santa Catarina chega ao século XXI dotada de muitas empresas multinacionais (Embraco, Weg, Tupy, Tigre, Hering, Sulfabril, Sadia, Perdigão, Cecrisa, Eliane, etc.), que surgiram a partir de capitais majoritariamente catarinenses e, além de dominar o mercado nacional em seus segmentos, tornaram-se grandes atores globais ao conquistar boa parte do mercado internacional nos últimos anos. Isso só foi possível pelo investimento maciço em P&D, desenvolvimento e domínio de tecnologia de ponta (informática, nanotecnologia, biotecnologia, automatização, etc.), aperfeiçoamento técnico, capacitação de mão-de-obra, especialização em determinados produtos, flexibilização e adoção de novos processos, foco na qualidade do produto, produção de mercadorias altamente competitivas, incentivos fiscais obtidos, audácia e empreendedorismo dos empresários,

²⁵ Segundo Napoleão (2005), a Akros foi uma empresa do ramo de material de construção, voltada à produção de tubos e conexões em PVC e outros materiais plásticos para a construção civil. Fundada em 1977 por antigos executivos da Tigre (Ninfa Valterio König, Nivaldo Nass, João Rufino de Bruns Neto e Arlindo Steffens). Em 1999, a empresa foi comprada pelo grupo suíço Amanco, nome pelo qual a marca é hoje conhecida. Por outro lado, a Amanco foi adquirida e passou a ser controlada pelo grupo mexicano Mexichem em 2007. Disponível em: <http://www.mexichem.com.br/m_brasil.html>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

²⁶ “Com apenas 600 m² e quatro funcionários [vindos da Akros], a Krona Tubos e Conexões começou sua atuação em 1994 produzindo apenas tubos de PVC [em Joinville]. Hoje, possui mais de 450 itens em seu portfólio, incluindo uma ampla linha de acessórios para construção civil. Um dos grandes diferenciais da empresa é que ela trabalha com sua própria formulação do composto utilizado para a fabricação das conexões de PVC.” Disponível em: <<http://www.krona.com.br/site/?area=conhecakrona&subarea=apresentacao&lng=pt>>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

entre outros fatores. Claramente, pode ser notado nesse contexto que o surgimento de novas e grandes empresas nesse período foi pequeno, mas que, por outro lado, houve a consolidação de grandes e antigas empresas, muitas delas centenárias ou já com uma longa trajetória, nos mercados brasileiro e mundial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santa Catarina é um estado com um grande potencial nas três grandes atividades econômicas (agricultura, indústria e comércio), mas sua vocação industrial ficou aqui evidente. Desde os primórdios da colonização até os atuais desafios impostos pela globalização e sua liberação econômica desconcertante, como foi visto e discutido, Santa Catarina superou tais obstáculos, saltou etapas tecnológicas e logrou um grande êxito econômico, ao industrializar-se de forma rápida e incisiva com constantes saltos tecnológicos e consolidar-se como um estado industrial e exportador não somente de produtos, mas também de empresas. Hoje em dia, não é difícil encontrar empresas multinacionais e filiais nacionais de origem e capital catarinenses nos mercados nacional e internacional, altamente competitivas, dinâmicas, detentoras de tecnologia de ponta e líderes em seus respectivos segmentos.

Obviamente, que todo esse sucesso alcançado pela indústria catarinense foi um processo longo, complexo e, sem alguns fatores essenciais, isso não seria possível. Baseado em Napoleão (2005), podem ser destacados o elemento humano, caracterizado por mão-de-obra especializada e empreendedores vindos principalmente da Alemanha; uma sociedade baseada na pequena propriedade mercantil e numa divisão do trabalho, já praticadas e que transplantadas da Europa pelos imigrantes vindos para cá;

as condições naturais adversas aqui encontradas por eles, que por não serem as mais adequadas e contribuíram para redirecionar capitais à atividade industrial; um papel ativo do Estado, aqui entendido tanto a atuação dos governos federal e estadual para proporcionar condições favoráveis ao surgimento da indústria catarinense; uma infra-estrutura voltada ao escoamento da produção industrial e à facilitação dos fluxos comerciais, inicialmente com a Europa e, posteriormente, com todo o mundo; uma inserção rápida e consolidação nos mercados nacional e internacional, possibilitando um rápido retorno do investimento efetuado e o acúmulo de uma maior quantidade de capital para novos investimentos em novos produtos, processos e tecnologias; entre outros fatores.

Quanto à Teoria dos Ciclos Econômicos, pode ser afirmado que ela é válida, portanto, para a interpretação e explicação do desenvolvimento econômico de Santa Catarina, visto que as crises enfrentadas e avanços apresentados estavam diretamente ligados com os ciclos da economia capitalista mundial e eram determinados por eles. Se forem relacionados os períodos ascendentes (fases A) com os períodos de expansão da atividade industrial catarinense, pode ser claramente notado que existe uma próxima relação entre eles, já que os reflexos da economia mundial acabavam por influenciar, ora mais ora menos, o cotidiano das empresas aqui. Enquanto as economias mundial e nacional cresciam, a economia catarinense também apresentava avanços produtivos e tecnológicos e as empresas aumentavam sua acumulação de capital através de grandes lucros obtidos num determinado período. Por outro lado, quando ocorria uma crise (fase B), a economia catarinense se retraía e passava a engendrar novos processos e tecnologias, que fariam parte do próximo ciclo e revolucionariam as antigas formas produtivas praticadas pelas empresas.

REFERÊNCIAS

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 179, p. 139-145, mar./abr.1964.

CUNHA, Idaulo José. A indústria catarinense no século XX. In: CORRÊA, Carlos Humberto (Org.). **A realidade catarinense no século XX**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2000.

MAMIGONIAN, Armen. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 489-483, jul.-set.1965.

NAPOLEÃO, Fábio. **Origem, desenvolvimento e crise da indústriaJoinvilense de materiais de construção em PVC: 1941 – 2002**. 2005. 323 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RANGEL, Ignácio. **Ciclo, tecnologia e crescimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

RATTNER, Henrique. **Impactos sociais da automação: o caso do Japão**. São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, Rafael dos. **Transferência, incorporação e desenvolvimento de tecnologias de empresas alemãs para as catarinenses**. 2005. 115 f. Monografia de Conclusão de Curso em Relações Internacionais, Universidade do Vale do Itajaí, São José.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VIEIRA FILHO, Ady. **As raízes da industrialização: grupos empresariais catarinenses – origem e evolução**. Florianópolis: Ed. do Autor, 1986.

ALTONA. Disponível em: <<http://www.altona.com.br/pt-br/Home/Mem%C3%B3ria+Altona>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

AKROS/AMANCO. Disponível em: <http://www.mexichem.com.br/m_brasil.html>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

BUETTNER. Disponível em: <http://www.buettner.com.br/hp/index.php?interna=paginas&pagi_id=1>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

CIPLA. Disponível em: <<http://www.cipla.com.br/apresentacao/index.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

CONSUL/WHIRLPOOL. Disponível em: <<http://www.whirlpool.com.br/marcas/>>

Consul.aspx>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

CREMER. Disponível em: <<http://www.cremer.com.br/historico.shtml>>. Acesso em: 27 de abril de 2007.

DOCOL. Disponível em: <http://www.docol.com.br/institucional_interna/historia-1>. Acesso em: 23 de março de 2011.

DÖHLER. Disponível em: <<http://www.dohler.com.br/pt/institucional/historia.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

EMBRACO/MULTIBRÁS/WHIRLPOOL. Disponível em: <<http://whirlpool.com.br/site/p/institucional/historia/empresa>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

FISCHER. Disponível em: <<http://www.fischer.com.br/pt/institucional/historia>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

HERING. Disponível em: <<http://www.ciahering.com.br/site/pt-br/Empresa/Sobre+a+Cia+Hering>>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

KARSTEN. Disponível em: <http://www.karsten.com.br/2007/hp_ptb/quem-somos.php>. Acesso em: 14 de abril de 2011.

KRONA. Disponível em: <<http://www.krona.com.br/site/?area=conheca-krona&subarea=apresentacao&lng=pt>>. Acesso em: 28 de abril de 2011.

LEPPER. Disponível em: <<http://www.lepper.com.br/institucional>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

SULFABRIL. Disponível em: <<http://www.sulfabril.com.br/public/website/index.php?id=8>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

TEKA. Disponível em: <<http://www.teka.com.br/controller.asp?acao=institucional&aba=historico&menu=empresa&dt=1>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

TIGRE. Disponível em: <http://www.tigre.com.br/pt/institucional.php?rcr_id=7&ctt_id=11&uni=0>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

TUPY. Disponível em: <<http://www.tupy.com.br/portugues/empresa/historia.php>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

WEG. Disponível em: <<http://www.weg.net/br/Sobre-a-WEG/Historia/Os-Fundadores>>. Acesso em 27 de abril de 2011.



ES CRAVIDÃO, MORALIDADE
E JUSTIÇA NA FREGUESIA DE
CAMBORIÚ, DA VILLA DO ITAJAHY
(1866)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ESCRavidÃO, MORALIDADE E JUSTIÇA NA FREGUESIA DE CAMBORIÚ, DA VILLA DO ITAJAHY (1866)

José Bento Rosa da Silva*

O ano de 1866 começou atribulado para o oficial de justiça José Manoel Stuart, encarregado de intimar o senhor Thomas Antônio Pereira já nos primeiros dias de janeiro, em decorrência da autuação efetuada por José Dias de Miranda, escrivão do juiz municipal de órfãos, cujo teor era o seguinte:

Autuação:

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1866, aos dois dias do mês de janeiro do dito ano, nesta Vila de Itajaí, em meu escritório autuei a portaria que adiante segue, do que para constar faço esta autuação.

Eu, José Dias de Miranda, escrivão – escrevi.

Juiz Municipal e de órfãos¹ do termo de Itajaí, em 2 de janeiro de 1866.

Escrivão Miranda notifiquei a Manoel José Soares Vianna, para representar neste juízo as pessoas de Albino e Miguel, escravos de Thomas Antônio Pereira, visto que os escravos não podem queixar-se de seus senhores como terminante dispõe o Artigo 75, Parágrafo 2º. Do Código Criminal² cuja faculdade lhes

* Professor de História da África na Universidade Federal de Pernambuco, pesquisador no Núcleos de Estudos das Relações Interétnicas da UFSC e investigador/doutorado do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (Portugal)

¹ Entre as atribuições do Juiz Municipal de Órfãos estava: “conhecer e julgar administrativamente os processos de inventários, partilhas, tutelas, curadorias, contas de tutores e curadores”. Da Jurisdição dos Juizes de Órfãos. In: **Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Brasil com a Lei de 1841, n.261 e Regulamento n.120 de 31 de Janeiro de 1842**

² O Artigo 75: “Não serão admitidas denúncias: Parágrafo 1º. Do pai contra o filho, do marido contra a mulher, ou vice-versa, do irmão contra o irmão; Parágrafo 2º. Do escravo contra o senhor; Parágrafo 3º. Do advogado contra o cliente; Parágrafo 4º. Do impúbere, mentecapto, ou furioso; Parágrafo 5º. Do filho-famílias sem autoridade do seu pai; Parágrafo 6º. Do inimigo capital. In: Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Brasil com a Lei de 1841, n. 261 e Regulamento n. 120 de 31 de Janeiro de 1842. RJ: Jacintho Ribeiro dos Santos – Livreiro/Editor, 1899.

é permitida por intermédio de curador, para se queixarem, como pretendem os mesmos, do seu senhor, pelo que mando que intimado o dito curador se apresente para lhe deferir o juramento da lei, sendo esta autuada.

O que se cumpra.

Juiz Municipal de órfãos

Balbino César de Mello³.

Stuart, na qualidade de oficial de justiça, intimou as testemunhas, Antônio Francisco Borges, Manoel José Rebello, Joaquim José Rebello, Antônio Francisco de Souza Medeiros e Antônio José da Costa. Mas deixou de intimar o réu por este se encontrar em Desterro (Florianópolis), capital da Província. Afinal, qual havia sido o crime cometido por Thomas Antônio Pereira contra os seus dois escravos, Albino e Miguel? Vejamos a denúncia:

Ilmo. Sr. Juiz Municipal.

Diz Manoel Soares Vianna, curador de Albino e Miguel, escravos de Thomas Antônio Pereira, morador na Freguesia de Camboriú, que ele suplicante vem expor motivos para em nome de seus curatelados, queixar-se do dito Pereira, e o vem fazer neste juízo, e para que a sua presente queixa lhe seja tomada, passa a instruí-la segundo as exigências dos Artigos 78 e seguintes do Código Do Processo Criminal.

Os curatelados do suplicante são obedientes a seu senhor e prontos lhe prestam serviços mais do que podem as suas forças, em vez de serem tratado com humanidade pelo suplicado, são barbaramente(mal tratados) e que não lhes dá o necessário sustento nem vestuário. Além destes maus tratos não lhe poupa rigorosos castigos que(quando) os curatelados suplicantes pedem ao suplicado vestuário e o preciso para suas subsistências, mete-os em cárcere privado nos domingos e dias santificados. Estes fatos são públicos e notórios e são deles sofrendores os mesmos curatelados do suplicante há mais de dois anos, sendo certo que não obstante ter o respectivo subdelegado admoestado o suplicado, este não tem deixado de os praticar até o presente. É claro que o acusado cometeu os crimes especificados nos Artigos

³ Centro de Documentação e Memória Histórica Genésio Miranda Lins. Arquivo Público de Itajaí. Processos Crimes da 1ª. Vara Criminal de Itajaí. Auto n. 73. Ano. 1866. Caixa 1-A, folhas 01 e 02.

181 e 201 do Código Criminal, vem por isso dar o mesmo suplicante em nome dos ofendidos a sua presente queixa a fim de o acusado ser punido com o máximo das penas dos referidos artigos por terem concorrido as circunstâncias do Artigo 16, parágrafos, 4, 6, 7 e 8 do mesmo código.

O suplicante avalia o dano causado em Rs 2:400\$000 (dois contos e quatrocentos mil réis).

E jurando ser verdade quanto alega e requer⁴.

Thomas Antônio Pereira, além da desumanidade com seus escravos, violava os referidos artigos do Código do Processo Criminal e corroborava a imoralidade pública, advinda da condição da escravidão, conforme Carlos Augusto de Abreu, um dos preocupados com a questão na Itajaí do século XIX, como se depreende da correspondência enviada ao presidente da Câmara Municipal da mesma Vila:

Paço da Câmara Municipal de Itajaí, em sessão de 8 de junho de 1869.

Atendendo a Câmara ao inconveniente de vagarem pelas ruas desta Vila muitos cativos, que além da imoralidade que se vê todos os dias, e por sua natureza de condição danosa [...]. Por isso [...] confeccionou a postura inclusa e vem pedir a Vossa Excelência aprovação que possa ser posta em execução.

Carlos Augusto de Abreu⁵.

Além de estar contribuindo com a imoralidade pública, Thomas Pereira estava descumprindo os ensinamentos da Santa Madre Igreja no que dizia respeito “A Economia dos senhores no governo dos escravos”, que foi uma série de sermões proferidos pelo jesuíta Jorge Benci na Bahia, em fins do século XVII⁶. Tratava-se de regras, normas e modelos

⁴ Auto N. 73. Op. Cit. Folhas 03 e 03v.

⁵ Fundo: Câmara Municipal de Itajaí. Caixa n.01. Grupo: Secretaria. Série: Correspondências Expedidas/Recebidas. Ano. 1865/1882.

⁶ Sobre esta questão, ver: BENCI, J. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos** (Livro Brasileiro de 1700) – Estudos Preliminares de Pedro de Alcântara Figueira e Claudinei M.M. Mendes. SP: Editorial Grijalbo, 1977. VAINFAS, R. **Ideologia e Escravidão**. Os Letrados e a Sociedade Escravista no Brasil Colonial. Petrópolis: Vozes, 1986.

aos quais os senhores cristãos deveriam seguir para satisfazerem as obrigações de verdadeiros senhores. E é certo que o vigário local da época, padre João Francisco Nóbrega, advertia seus fiéis quanto a estas questões. E Thomas, como homem de bem que era, frequentava as missas e ouvia as palavras sagradas proferidas pelo representante do sagrado em terras papa-siri. Ao que nos parece, não as colocava em prática...

Tanto Albino quanto Miguel se queixaram, através de seu curador, de que Pereira não permitia que cultivassem suas roças nos domingos e dias santificados, metendo-os em cárceres privados. Mas mesmo entre os representantes do Salvador na terra, não havia consenso sobre esta questão, como nos mostra Vainfas:

O único dilema diz respeito ao cultivo próprio dos escravos ou ao “costume do Brasil”: poderia o escravo trabalhar para si nos domingos e dias santos? Em Antonil o que importa é o sustento do escravo, seja como a ração de farinha, seja como a roça nos “domingos e dias santos de Deus”. Benci, por sua vez, demonstra alguma hesitação de início, pois embora ‘louve muito’ o costume de se deixar o escravo cultivar para si, discorda dos dias escolhidos⁷.

Entre os argumentos dos escravos está evidente sua fidelidade ao senhor, - o que iremos confrontar com os depoimentos das testemunhas - mas na versão dos mesmos, cumpriam “os desígnios da sua condição”, conforme a moralidade pregada pela cristandade: “são obedientes a seu senhor e prontos lhe prestam serviços mais do que podem as suas forças”. Em troca, o cárcere privado, os maus tratos, a pouca vestimenta, o castigo, o tratamento desumano, sobretudo, quando reivindicavam tratamento adequado... Tratamento recomendado pelo próprio Antonil:

Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativeiro, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não lhes estranhem os senhores o

⁷ VAINFAS, R. Op. Cit. p. 109.

criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se inocentemente em alguns dias do ano, e i alegrarem-se inocentemente á tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário⁸.

Não nos restam dúvidas de que estes escravos conheciam os limites estabelecidos pela lei, já que a escravidão era uma violência institucionalizada. E mais, os escravos argumentam que o acusado já havia sido advertido pelo sub-delegado e que era “voz pública” a condição dos mesmos por mais de dois anos.

O advogado dos escravos - que não conseguimos saber muito a seu respeito - invocou os Artigos 181 e 201 do Código Criminal para referendar a petição de seus curatelados:

Artigo 181. Ordenar a prisão de qualquer pessoa sem ter para isso competente autoridade, ou antes de culpa formada, não sendo nos casos em que a lei o permite [...].

Artigo 201. Ferir ou cortar qualquer parte do corpo humano, ou fazer outra ofensa física, com que causa dor ao ofendido [...]⁹

Investigando a relação de Thomás Antônio Pereira com seus escravos, a partir da documentação disponível, chegamos à conclusão que de fato ele não era aquele senhor de escravo preconizado pelo cristianismo, segundo Benci, Antonil e Vieira¹⁰. Uma prova disso são os registros de óbitos de seus escravos: Albino morreu no ano seguinte ao processo, ou seja, a 12 de fevereiro de 1867, no Estaleiro Grande, aos 40 anos de idade, sendo a causa da morte gastro-hepatites; um ano depois, mais exatamente a 20 de março, morreu Marcos, também no Estaleiro Grande, sem causa de morte e idade indefinidas; em outubro do mesmo ano, morreu Domingos, também sem idade e causa morte definidas. Tanto Marcos quanto Domingos eram

⁸ Antonil. Apud. VAINFAS, R. Op. Cit. p.138.

⁹ **Código Criminal do Império do Brasil**. RJ: Livraria Popular De A.A. Da Cruz Coutinho, Livreiro-Editor, 1885, 2ª. Ed.

¹⁰ Ver. VAINFAS, R. Op. Cit.

filhos da escrava Maria. No ano que foi instituída a lei do Ventre Livre (setembro de 1871), faleceu outro escravo de Thomás Pereira no Estaleiro: Roque, filho da escrava Emiliana, com dois anos de idade, no dia 24 de março, vítima de espelionites. Em outubro do mesmo ano, faleceu outra filha de Emiliana, Isabel, com um ano e seis meses, vítima de ataques de bichas. Não pararam por aí as mortes dos escravos de Thomás.

No ano de 1873, outra filha de Emiliana, também batizada com o nome de Isabel, esta com um ano de idade, faleceu em agosto, vítima de ataque de vermes. Claudina, outra filha de Emiliana, morreu repentinamente no dia 25 de maio do ano de 1875, com quatro meses e um dia, no Estaleiro. Dois anos depois, no mesmo Estaleiro, falecia com sete meses de idade, Anastácio, também filho de Emiliana, na localidade de Estaleiro. A última vítima que registramos foi Maria, falecida em primeiro de julho do ano de 1879, com dois anos de idade, vitimada de ataque de vermes¹¹.

Num espaço de doze anos, morreram nove escravos de Tomás Antônio Pereira, demonstrando que, de fato, ele não era aquele senhor cristão preconizado pela ideologia cristã da escravidão. Um tema a Antônio Vieira e seus contemporâneos preocupados mais com a moralidade dos senhores em relação aos escravos do que com as condições reais da vida dos cativos que não passavam de “mãos e pés dos senhores de engenhos”.

A audiência foi marcada para o dia 4 de janeiro do corrente ano, com a ausência do acusado que se encontrava na capital da Província, portanto, nas peças do processo não consta a versão do referido Thomás Pereira. Mas ouçamos as vítimas do verdugo: Albino, de quarenta anos de idade, viúvo, lavrador, natural de Porto Belo, filho do escravo Manoel que, nesta época, já era falecido. Disse, frente aos representantes da justiça, que Thomas Antônio Pereira o maltratava do modo seguinte:

¹¹ Tabela de óbitos de escravos de Camboriú, organizada por Isaque de Borba. In. **A Escravatura em Camboriú**. Camboriú: Ed. Do Autor, 1988.

[...] Já o obrigando a trabalhar nos domingos e dias santificados, já o privando-o do sustento, já encarcerando em prisões, mesmo nos dias acima dito, não permitindo trabalhar para seu sustento, vestuário que ele senhor não lhe dá, além disso castiga-o sem merecer, pelo que não é possível suportar tal senhor [...]¹².

No mesmo dia e local acima mencionados, foi ouvido Miguel, lavrador, também natural de Porto Belo, filho da escrava Maria, também já falecida na ocasião da audiência, com a idade de dezoito anos e solteiro. Miguel, praticamente, repetiu as denúncias de Albino, mas vale a pena ouvi-lo:

[...] Thomas Antônio Pereira o maltratava do modo seguinte: ‘ já o obrigando a trabalhar nos domingos e dias santificados, já privando-o do sustento, já encarcerando-o em prisões, mesmo nos dias acima ditos, não lhe permitindo trabalhar para seu sustento e vestuário que ele senhor não lhe dá, além disso, castiga sem merecer, pelo que não lhe é possível suportar tal senhor [...]¹³.

Na sequência, foram ouvidas as cinco testemunhas, com diferentes profissões, todas pessoas probas, conforme exigências do Código do Processo Criminal¹⁴. A primeira a testemunhar foi Antônio Francisco Borges, de quarenta e nove anos de idade, marceneiro, casado, morador da freguesia de Camboriú, mas natural da Bahia. Não revelou há quanto tempo residia na freguesia. Em seu depoimento, afirmou que os escravos eram obedientes, pois havia trabalhado na casa do indiciado e “rasgou o verbo” contra Thomas Pereira:

[...] Sabe mais, que estes curatelados são maltratados, e mesmo ele testemunha observou durante os meses que ali esteve, privando-os de vestuário e de subsistência, tanto que ele testemunha, compadecendo-se deles tem lhes dado vestuário. Disse mais,

¹² Auto n. 73. Op. Cit. Folhas 06v.

¹³ Idem. Folhas 06v e 07.

¹⁴ Das Provas. Artigos 84 a 95. In. **Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Brasil**. Op. Cit.

que tem uma escrava de nome Maria Luiza, do indiciado, a qual já não sai de casa por andar meia curva. Finalmente tem a dizer que o indiciado os prende na casinha que só tem uma única porta de saída e que os pune pela razão já dita [...] ¹⁵.

O depoimento de quem trabalhou apenas alguns meses na casa do indiciado revelou as condições de uma terceira vítima, a escrava Maria Luiza que, de tanto trabalhar, já não podia mais caminhar. Não é difícil imaginar o cotidiano dos escravos de Thomas Pereira, que não eram poucos, conforme a tabela de proprietários de escravos elaborada por Isaque de Borba ¹⁶.

O negociante Manoel José Rebello, morador da freguesia de Camboriú, com a idade de 39 anos, natural da Província de Santa Catarina, foi a segunda testemunha e, semelhante ao marceneiro, disse que os escravos eram obedientes e Thomás os maltratava, acrescentando que sabia por ouvir dizer, mas que “[...]entretanto pode afirmar por ter conhecimento que os escravos sofrem em falta de alimentos, vestuário por não lhes dar o indiciado, a ponto dele testemunha, compadecendo-se dando-lhes roupa para vestir[...]”. Disse ainda que não podia afirmar se o indiciado os prendia nos domingos e dias santificados.

A terceira testemunha foi um negociante de Camboriú, Joaquim José Rebello, trinta e sete anos, casado e, ao que nos parece, parente de Manoel José Rebello. Disse nada saber sobre a questão, apenas ouviu dizer pelos próprios escravos que eram maltratados pelo seu senhor. Diante disso, o advogado solicitou ao juiz que perguntasse à testemunha se sendo morador em Camboriú, onde moravam as vítimas, se não sabia

¹⁵ Auto n. 73. Op. Cit. Folhas.07v.

¹⁶ Segundo a referida tabela, Thomas Antônio Pereira foi proprietário dos seguintes escravos: Maria (que teve os seguintes filhos: Jacintho, Mateus, Domingos, Isidoro e André); Emiliana (que gerou André, Roque, Isabel, Manoel, Isidoro, Claudina, Anastácio e um sem identificação); Margarida (que gerou José, Albino, Marcos, Maria e Isidoro). Tabela de Proprietários e Famílias Escravas. In. BORBA, I. de. Op. Cit., p. 74.

que o indiciado não lhes dava o necessário sustento e vestiário. Parece que, premido pela inquirição, Joaquim Rebello respondeu que “[...] Sabe não dar o indiciado ao menos vestuário, e que ele testemunha, por comiseração tem dado ao escravo Albino, um par de calça e uma camisa, por não está presente e está fora, ele testemunha tem dado ao mesmo alguma roupa [...]”¹⁷.

O lavrador Antônio Francisco de Souza Medeiros, de quarenta e oito anos de idade, morador da freguesia, foi a quarta testemunha. Embora tenha afirmado que os escravos eram obedientes, desconhecia que eles eram enclausurados nos domingos e dias santificados, até porque, várias vezes, viu Albino passeando nos domingos e dias Santos. Diante disso, o curador dos escravos requereu que se perguntasse se ele, testemunha, havia dito que os escravos eram maltratados pelo indiciado pela influência da mulher do mesmo. Ao que “[...] assim lhe parece pelo má regime dela [...]”.

Observamos que o depoimento de Medeiros está eivado de contradições, no entanto, ele disse que sabia por ouvir dizer que os escravos não recebiam vestuário e o sustento necessários. Uma tarefa para Sherlock Holmes? Mas este personagem da ficção e da literatura de matriz britânica ainda estava por ser inventado...¹⁸

O negociante português Antônio José da Costa, 70 anos de idade, casado, que já algum tempo residia na freguesia de Camboriú, foi a quinta e última testemunha ouvida naquele quatro de janeiro. Embora compadre do indiciado, disse que “[...] Não lhe consta serem os escravos Miguel e Albino desobedientes a seu senhor indiciado do mesmo processo [...]”¹⁹. Mas acrescentou um dado novo: tinha visto o escravo Albino

¹⁷ Auto N. 73. Op. Cit. Folhas 09v.

¹⁸ Sherlock Holmes, personagem de ficção da literatura britânica, foi criado pelo médico Sir Arthur Conan no final do século XIX (primeira publicação foi em 1887, na Revista Beeton's Christmas Annual). Holmes ficou conhecido por usar o método científico de investigação e a lógica dedutiva.

¹⁹ Auto n. 73. Op. Cit. Folhas. 11.

embriagado algumas vezes e até lhe constava que tinha fugido. Por outro lado, afirmou o que todas as demais testemunhas já haviam dito: os escravos andavam mal vestidos e os próprios lhes dissera que “[...] o indiciado não lhes dá o sustento nem vestuário necessário [...]”. E finalmente disse que não lhe constava que Thomas Pereira os prendia nos domingos e dias santos, mas que um dos escravos do mesmo havia pedido que o comprasse. Como se nota, Pereira não cuidava dos seus escravos conforme os conselhos da “Santa Madre Igreja” e tampouco praticava as normas prescritas no Código Criminal.

O escravo que pedira a Antônio José da Costa que o comprasse via, na possível transação, um vislumbre de liberdade. Aliás, atitude que não era específica deste escravo, como evidenciou Chalhoub²⁰ ao investigar a escravidão na corte (Rio de Janeiro) nos últimos anos do império.

Todos os depoimentos apontam para o crime cometido por Thomas Pereira que, como dissemos anteriormente, não compareceu à audiência para se defender, sendo intimado a depor no dia dez de janeiro daquele ano. Surpreendentemente, no dia seis de janeiro, o curador dos escravos, Manoel José Soares Vianna, desistia do processo com a seguinte justificativa:

Ilmo. Sr. Dr. Juiz Municipal.

Diz Manoel José Soares Vianna, que na qualidade de curador de Albino e Miguel, escravos de Thomas Antônio Pereira, deu uma queixa contra este pelos crimes especificados nos Artigos 181 e 201 do Código Criminal; precedeu-se a inquirição das testemunhas, e sendo que não resulta do depoimento delas criminalidade alguma contra o acusado, e o delito de que se trata não possa ser procedimento ex-officio, o suplicante desiste da queixa e requer a Vossa Senhoria seja servido ordenar junto esta com os autos se tome os termos de desistência e suba a conclusão para ser julgada.

Manoel José Soares Vianna²¹.

²⁰ Sobre esta questão. Ver. CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade**. SP: Cia. das Letras, 1990.

²¹ Auto n. 73. Op. Cit. Folhas 13.

O processo foi encerrado e os escravos, provavelmente, continuaram sendo maltratados por Thomas Antônio Pereira que sequer foi interrogado, conforme estabelecia o Código do Processo Criminal. Embora os escravos tivessem direitos e discursos cristãos que os resguardasse da violência de seus senhores, na prática eram letras mortas. De fato, a possibilidade de justiça para os escravos dentro da lei era remota. Restavam, portanto, as fugas, os assassinatos, os abortos, as quilombagens e as formas individuais de resistências à escravidão, a burla...

Albino não viveria para ver a justiça sendo feita. No ano seguinte, em 12 de fevereiro de 1867, aos quarenta anos de idade, ele falecia vítima de gastro-hepatites. Foi levado para a calunga pequeno, “a terra que recebe os corpos e os transforma em semente de uma vida diferente”. Albino estava livre dos maus tratos de Thomas Antônio Pereira. Quanto a Miguel e os demais escravos do plantel de Pereira, pouco sabemos além daquilo que testemunharam seus vizinhos no referido processo, que não foi o suficiente para que a justiça fosse feita contra o verdugo. A voz pública tinha (tem) razão: “a justiça é cega, mas enxerga quando quer”. Ou “a cadeia é feita para preto e para pobre”... Qualquer semelhança...



AS ÁGUAS DO RIO ITAJAÍ-AÇU
ENGOLEM A OCTOGENÁRIA
PAINEIRA: BLUMENAU PERDE
UM MARCO DE REFERÊNCIA NA
PAISAGEM

AS ÁGUAS DO RIO ITAJAÍ-AÇU ENGOLEM A OCTOGENÁRIA PAINEIRA: BLUMENAU PERDE UM MARCO DE REFERÊNCIA NA PAISAGEM

Por Silvia Odebrecht**

A história da paineira teve seu início há quase 100 anos, quando o morador da Rua XV de Novembro, Julio Baumgarten, adquiriu uma propriedade no Bairro Ponta Aguda, então desabitado, para produzir a sua horta. O rio era o meio de transporte. Por muitas vezes ele e sua esposa Carolina desceram o barranco na margem direita, embarcaram com os filhos pequenos na canoa e atravessaram o rio, acessando a margem esquerda para capinar, plantar e colher.

Nesta época, os barrancos eram suaves. Na margem direita existiam grandes pedras, próprias para o banho de sol, sobre as quais mais tarde foi assentada a Avenida Castelo Branco - Beira Rio. Por vezes o rio trazia areia que se depositava, principalmente na margem esquerda, formando uma prainha utilizada para o lazer e para tomar banho de rio. Em alguns períodos, até meados da década de 1950, podia-se caminhar até quase o meio de seu leito, numa água límpida de ver os pés. Com a retirada indiscriminada de areia por dragagem, para uso na construção civil de uma cidade promissora e em pleno desenvolvimento econômico, este lazer desapareceu.

Em 1929, Julio Baumgarten, então redator chefe do jornal

* Foto da abertura: Margem esquerda do Rio Itajaí Açu no centro de Blumenau - março de 2010

** Silvia Odebrecht é neta de Julio Baumgarten, acompanhou durante 55 anos o desenvolvimento da paineira e teve o privilégio de usufruir de seus encantos. Quando criança, facilmente se distraía das tarefas escolares, pois ficava olhando da janela observando a algazarra dos periquitos.

Blumenauer Zeitung, recebeu pelo correio uma mensagem com um envelope contendo sementes de paineira. A mensagem explicava que estavam fazendo uma campanha para plantar essa árvore, já que sua paina (o algodão que produz no interior dos frutos) era de grande valia por sua leveza e como isolante térmico. O texto também frisava o valor econômico deste produto, como sua utilização para o revestimento interno de aviões. Nesta época, a paina também era muito utilizada para preenchimento de travesseiros e colchões.

Na sua próxima ida ao terreno da Ponta Aguda, Julio levou consigo as sementes. Sabe-se que uma delas deu origem àquela frondosa árvore, cultivada com muito carinho, e que, com sua colorida floração, iluminou por muitos verões a paisagem de Blumenau. Muitos pássaros se abrigavam em sua copa. No período de maturação dos frutos, bandos de periquitos faziam grande algazarra ao tentar abri-las para comer as sementes envoltas de paina, antes que os gomos se destroçassem no chão e as sementes voassem com a paina para outro destino. Algumas poucas vezes apareceu uma arara, que com duas ou três bicadas abria a dura cápsula, fazendo saltar seus gomos, para se deliciar com as sementes, tarefa que para os periquitos era muito mais árdua. Também tiveram passagem pela magistral paineira tucanos, jacus, arapongas, sabiás, bem-te-vis, beija-flores, saíras, joãos-de-barro, entre muitas outras aves. Até um guaximim (mão pelada) lá se instalou por alguns dias na década de 1960.

Sua estrutura de tronco reto e copa umbeliforme também deu suporte a muitas plantas epífitas, como bromélias, costelas de adão, musgos, e outras, criando um microambiente para outros tantos diminutos animais.

Desafortunadamente, em setembro de 2011 o Rio Itajaí-Açu atingiu o nível de 12,60m e o terreno ao seu redor começou a desmoronar. Locada um pouco acima da cota 14m¹, sua base ficou vulnerável quando a vegetação ao seu redor começou a ceder, levando palmitos, salseiros, anoneiras, algumas espécies de carvalho. Depois, a terra deslizou numa de suas laterais até junto ao muro da Empresa de Telecomunicações Oi, alguns metros acima da paineira, gerando um redemoinho que a solapou lateralmente. A partir de então, suas raízes já não a puderam sustentar mais e foi sua derrocada fatal.

Neste momento, mais precisamente no dia 9 de setembro de 2011, às 17h, a gigante árvore de 82 anos, com aproximadamente 25m de altura e uma copa de 25m de diâmetro, tombou em direção às águas, perpendicularmente ao leito do rio. Devido ao grande impacto de sua volumosa ramagem de encontro ao caudaloso fluxo de águas agitadas e com forte velocidade, somado à propriedade de sua madeira pouco resistente, fizeram com que seus galhos se destroçassem. Todo um emaranhado vegetal foi puxado pela correnteza, bateu na ponte, desviou dos pilares e seguiu rumo ao mar. Também seguiu este rumo o imenso tronco, com aproximadamente 1,40m de diâmetro, bateu transversalmente num pilar, fazendo estremecer a ponte, depois girou para poder passar debaixo dela e visualmente desapareceu na curva aguda do rio².

As prováveis causas da queda da paineira foram: (I) a constituição do terreno por aluvião, (II) o vazamento da cisterna da Telesc, hoje Oi, detectado somente com o desbarrancamento do terreno, mas constatado de que não era um problema recente³, (III) o volume e velocidade da água da

¹ Na enchente de 1984, que atingiu 15,46m, o tronco da paineira ficou, aproximadamente, um metro na água.

² Conforme depoimentos de pessoas que estavam sobre a ponte naquele momento.

³ Conforme informações de técnicos da empresa.

enchente, (IV) e principalmente a construção da Avenida Castelo Branco - Beira Rio, que deslocou para a esquerda o eixo de vazão do rio.

Durante a construção da Avenida Beira Rio, na segunda metade da década de 1960, Arno Odebrecht, o então proprietário do terreno da paineira, questionou a respeito da excessiva invasão no leito, do enrocamento desta avenida, pois a seção da calha do rio estava sendo bastante reduzida neste local. O poder público utilizou o argumento de que se estava respeitando a seção da calha do rio existente sob a ponte Adolfo Konder (construída em 1956), e que esta poderia ser seguida em todo seu curso. Sabe-se hoje que, enchente após enchente, o rio está buscando na margem esquerda o espaço que lhe foi suprimido na margem direita⁴.

A vida é mesmo dinâmica e contraditória. Foi necessário a árvore ter o seu fim mergulhado nas águas, para que essa história viesse à tona.

São frases de moradores blumenauenses retiradas das redes sociais da internet e de manifestações verbais:

“Uma beleza a menos em Blumenau.”

“Quando florida me alegrava as manhãs dentro do ônibus.”

“Era um cartão de visita para Blumenau.”

“Passar na Avenida Beira Rio e não ver mais a Paineira linda... florida, poderosa... vai fazer falta esse personagem belo e encantador em Blumenau!”

A paineira teve tanto significado sentimental que gerou uma poesia, retirada de uma página de redes sociais da internet:

⁴ No vídeo de endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=I5_SWON1mDM> pode-se ter uma ideia de quanto o enrocamento da avenida avançou no rio além de sua margem.

TRIBUTO À MINHA PAINEIRA

Cibele Odebrecht Noll*

Paineira da minha infância,
Foste plantada há mais de 80 anos,
Viste crescer minha avó e nascer minha mãe, a mim e minha irmã
Foste testemunha de muitos bons momentos e celebrações
Tantos dias de alegria me deste, olhando-te desde a janela
A tantos passarinhos deste abrigo
E de tantas pessoas arrancaste um sorriso.

Eras uma exuberante árvore,
Tinhas um tronco cheio de espinhos,
Que às vezes eu pisava e chorava.
Terminavas no céu,
Dando ao azul lindos matizes rosas
E choravas neve,
quando se iniciava a primavera.

Tuas flores sempre caíam
E com elas eu ornava meus cabelos.
Caíam no rio
E nele víamos as pétalas se afastando
Caíam no chão
Que pouco a pouco iam formando um manto em tua homenagem

* Cibele Odebrecht Noll é bisneta de Julio Baumgarten e vive, atualmente, em Valladolid, Espanha. domingo, 11 de setembro de 2011, às 08:21.

E na minha piscininha,
Que eu tinha que limpar cada vez antes de poder usar.

Causaste muitos estragos,
E deste muito trabalho,
Sobretudo no telhado,
E por causa disto também no teto,
No chão e demais lugares da casa,
Mas chegava o outono
E tudo se te perdoava.

Sempre foste parte da paisagem, da casa e do rio,
Aguentaste muitas enxurradas e enchentes
E se não fosse a mão do destino...
Hoje seguirias ali, bela, frondosa e imponente
Com este maravilhoso verde que ainda hoje ostentavas.

Não resisto a guardar uma lembrança de ti,
Para ter-te sempre na memória, além de no meu coração.

Que lá no fundo do rio permaneças, já sem vida
Continuando a fazer parte deste barranco onde me viste crescer
Este barranco hoje inseguro que chora terra por ver-te desaparecer.



A CONSTRUÇÃO DA SEDE PARA A SOCIEDADE GINÁSTICA BLUMENAU TURNVEREIN BLUMENAU, SÜD BRASILIEN

A CONSTRUÇÃO DA SEDE PARA A SOCIEDADE GINÁSTICA BLUMENAU TURNVEREIN BLUMENAU, SÜD BRASILIEN*

Onde houver uma Sociedade de Ginástica, há também os problemas de aquisição de um campo e galpão para fazer ginástica. E assim aparece a pergunta em todas as reuniões da Sociedade Ginástica: "Como a sociedade conseguirá um campo suficientemente grande e bem localizado e como conseguirá meios para construir uma sede?" Durante a enchente em 1880, foram perdidos todos os documentos da Sociedade. Ainda conseguimos informações de pessoas que lembram como já na época da fundação em 3.10.1873, o problema era crucial para obter um campo e uma sede.

Por um preço muito bom a Sociedade poderia ter adquirido um terreno, devia ter sido no começo da década de 80, situado na esquina da Rua Príncipe e Rua da Velha, onde hoje situa-se o grande comércio da "Firma Hoepcke, Irmão e Cia." (1922). Infelizmente este plano não deu certo e nos anos seguintes havia pouca pressa para chegar novamente a essa pergunta. Em seguida a Sociedade Ginástica conseguiu um lugar junto à Sociedade de Atiradores, mas que não era o ideal e suficiente para a atual pretensão.

Mais tarde, foi encontrado um lugar mais central em um salão do Hotel Holetz, mas sem campo para ginástica e jogos. Em fevereiro de 1909, a Sociedade adquiriu um terreno do Sr. Richard Holetz, hoje o terreno da Sociedade Evangélica de Senhoras, onde logo teremos a construção do "Johannastift". Mas a medição deste primeiro campo era pequeno demais, de modo que o terreno nunca foi realmente usado pelos ginastas. Nas reuniões da Sociedade dizia-se: tempo 'vai – tempo virá' – e desta vez valeu a pena esperar, pois foi coroado com sucesso. O Conselho da Sociedade

* Publicado jornal "Der Urwaldsbote" de 7.9.1922. Escrito por Gustav Arthur Koehler. Tradução Ellen J. Vollmer.

tomou a decisão de falar com a Diretoria da “Nova Escola” (Neue Schule) e fazer um convênio de atuação.

A Sociedade Ginástica saiu dos salões de treinos e mudou-se para um pátio atrás da “Escola Nova”, onde construiu um pequeno ambiente ao lado do galpão aberto pertencente à escola. Infelizmente, os utensílios para a ginástica não couberam bem, o que hoje ainda é problemático.



Figura 1 – Sede da Sociedade Ginástica Blumenau – Década 30

Com a fundação da “Liga Itajahy” (Itajahy Turngau), a Sociedade foi forçada a melhorar. As festas da liga e as aulas da liga requeriam alto empenho dos treinadores em nossa Sociedade. Com tudo isto se viu que não havia espaço suficiente no campo de ginástica. O desenvolvimento da ginástica alemã se dirigia mais para o lado popular e dos jogos. Nos dois casos provou-se que a falta de lugar era um empecilho.

Foi um fato favorável para a Sociedade Ginástica, quando a diretoria da “Escola Nova”, que acabara de comprar um terreno grande, ofereceu à Sociedade Ginástica adquirir dela um terreno em lugar privilegiado e por preço razoável, onde deveria ter um campo para jogos e ser construída a sede.

Em junho de 1916 foram tomadas as negociações, e na Assembleia de 24 de agosto do mesmo ano a Sociedade Ginástica adquiriu o terreno da “Escola Nova”, localizado entre a Alameda Rio Branco e a Rua do “Bom Retiro”, medindo 11.383,5m².



Figura 2 – Desfile das ginastas Blumenau – Década 20

O Engenheiro Weitnauer apresentou um plano à Sociedade Ginástica, que consistia em fazer um aterro e corte no pasto existente, e se poderia conseguir um bom campo para ginástica e jogos. O plano teve apoio total na assembleia geral, e o Sr. Weitnauer assumiu a execução. Infelizmente, veio a falecer muito cedo, deixando um grande monumento para a Sociedade Ginástica, que agora tem um belo campo e bom lugar para atuar na ginástica.

Mas com tudo isso, a solução técnica foi resolvida somente pela metade. Os jogos podiam agora começar no novo campo e agendados para os domingos de manhã, davam oportunidade aos esportistas de atuar na ginástica e nos jogos para se aperfeiçoarem. No entanto, as queixas da turma dos ginastas não paravam, pois tinham um belo campo, porém sem uma sede para realizarem a evolução do programa de ginástica era problemático.

Com a entrada do Brasil durante o último ano na Guerra (1917-

1918), as atividades de ginástica tiveram que ser suspensas. Após o fim da guerra, a ginástica foi reativada e logo os ginastas lembraram-se de solicitar uma sede. O conselho teve muitos projetos a serem estudados. Primeiro falou-se de construir uma sala ou um galpão, que poderia ser eventualmente construídos por 8 contos; porém os associados solicitam a construção definitiva de uma sede com uma metragem planejada de 12 X 20 m.



Figura 3 – Terreno onde os ginastas se exercitavam antes da construção da sede nova –
Década 20

A proposta recebeu o aplauso e aprovação durante a Assembleia geral em 29.2.1922. Em consequência dos altos custos, o conselho decidiu não construir. No protocolo de fim de 1921 explica que não é possível construir, pois uma simples sede teria que ter também uma residência para o zelador, vestuários e toaletes. Isto deu mais uma virada no projeto da construção da sede e novos projetos foram solicitados. O novo projeto também não foi aceito, pois o lado frontal estava projetado para a Alameda Rio Branco e exigiria a mudança para o lado que dava para o centro da cidade.

Feita a uma revisão dos custos, este ficou claro e em vez dos

20 contos para a construção da sede, precisariam agora o dobro. O projeto do L. Kaulich, engenheiro do Município, foi aceito. Com exceção dos vestuários, que não foram resolvidos definitivamente. A parte exterior ficou do agrado de todos, pois com suas linhas simples caberia bem na paisagem. As medidas internas da sede ficariam como estavam projetadas e assim o preço da construção não passaria do previsto. Os problemas técnicos pareciam resolvidos, mas o problema do dinheiro trouxe grandes dificuldades.

Como já foi explicado anteriormente, a Sociedade Ginástica teve uma soma estipulada para aquisição do terreno e outra para a Sede. Mesmo solicitando o máximo de contribuições, poderiam juntar, até o fim do ano, 8 contos. Foram feitos muitos pedidos de ajuda para que a Sociedade saísse das dificuldades. Foi feito um projeto de financiamento que não desgastasse demais a Sociedade. Também se previu que as gerações seguintes deveriam contribuir. Propôs-se o lançamento de cotas no valor de 32 contos, que no ano de construção seriam sem juros, mas no 2º ano fossem calculadas com 5% de juros.

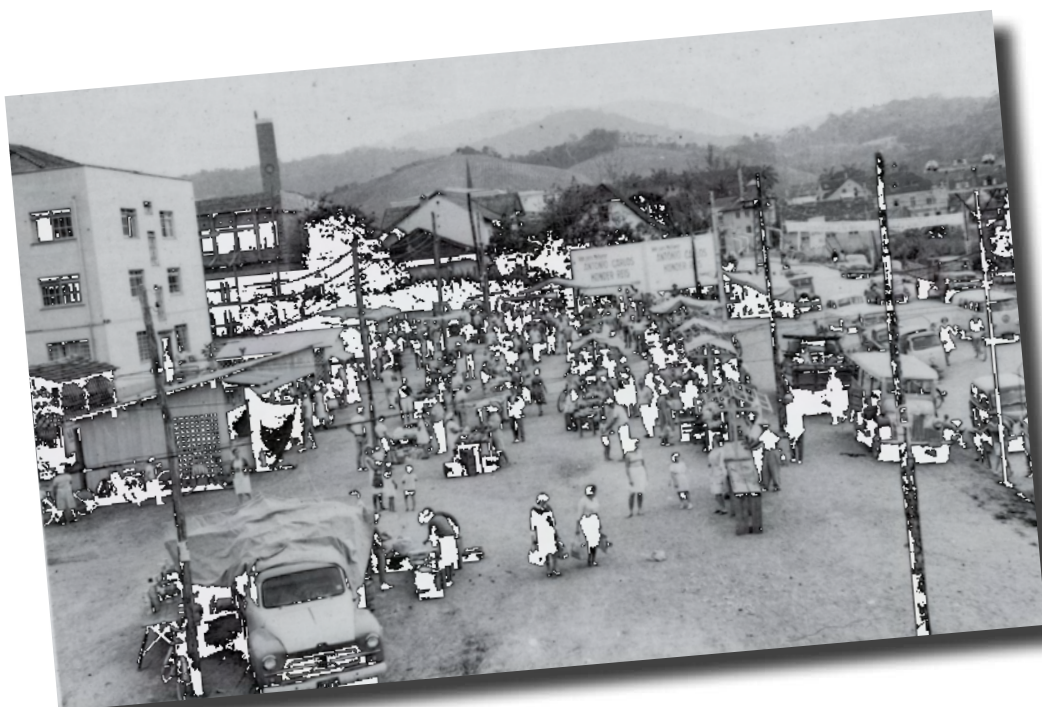


Figura 4 – Competição de ginastas – Década 30

Com isto, está prevista uma amortização para o tempo de 25 anos, de modo que a Sociedade teria juros e 2:500\$ (dois contos e quinhentos mil réis), a pagar por ano. A Sociedade, pelo valor de empréstimo, daria como garantia todo o seu patrimônio. Mesmo tendo sido assinadas cotas no valor de 12 contos pelos associados, o financiamento enfrentou tremendas dificuldades. Como é de uso comunitário, foi possível distribuir os restantes 20 contos pelas mesmas condições. A Sociedade espera a compreensão da comunidade e a ajuda no futuro. Então desta forma poderemos iniciar a construção da sede e esperamos que a pedra fundamental ainda possa ser festejada no 100º ano de Independência do Brasil.

Quando a sede estiver levantada em nosso terreno, será dada a oportunidade de um bom desenvolvimento de nossa ginástica de estilo alemão. O campo e a sede darão oportunidade para que aqui corpo e alma cresçam para uma geração forte, para a felicidade dos idosos e a bênção da comunidade. Devemos dar disciplinas e ordem aos jovens, e é a ginástica que contribui para estas metas. O cuidado da responsabilidade e coragem da perseverança e do esforço são exigidos para uma ginástica alemã por um objetivo comum. Isto também é importante aqui. Quem vê isto seriamente, não vai querer ficar de fora quando precisamos nos engajar para a Sociedade Ginástica. Só assim a Sociedade poderá cumprir a sua tarefa e conseguir a meta traçada.





A CONTRIBUIÇÃO MUNICIPAL AO DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A CONTRIBUIÇÃO MUNICIPAL AO DESENVOLVIMENTO DA AGROPECUÁRIA*

Um município como Blumenau, fundado por colonos dedicados, principalmente, à pequena agricultura e pecuária, não poderia deixar de ter, sempre, uma administração voltada, de um modo todo particular, para esses dois ramos da economia pública. Realmente, desde os já remotos tempos da colônia aos que se seguiram à autonomia administrativa, os responsáveis pelos destinos blumenauenses têm acompanhado, com interesse e cuidado, o desenvolvimento dessas atividades, incentivando-as e protegendo-as.

O doutor Blumenau, cujo zelo pelo engrandecimento da sua colônia e pelo bem estar de seus colaboradores, tornou-se proverbial e, ainda hoje é apontado como modelo de dedicação à causa pública, desde que lançou às margens do Garcia, os alicerces do estabelecimento, procurou dotá-lo, com extremos de verdadeiro pai, de tudo quanto pudesse concorrer para a sua riqueza econômica e para seu aperfeiçoamento pessoal. Mas os primeiros colonos lançavam às roças ainda fumegantes as sementes de que resultariam as primeiras colheitas de bens de consumo, já o notável filósofo e colonizador tratava de supri-los do que de mais aperfeiçoado o velho mundo conhecia nas pequenas atividades agrícolas.

Deu-lhes o arado, até então desconhecido na Província; deu-lhes meios inéditos de imunização de sementes e de conservação de produtos; deu-lhes sementes escolhidas de cereais, frutos e flores de outras terras; deu-lhes a abelha europeia, e, também do velho mundo trouxe-lhes

* Livro editado para ser distribuído durante a realização da 2ª Exposição Regional Agropecuária de Blumenau, realizada entre os dias 15 à 17 de junho de 1963, na administração do Prefeito Hercílio Deeke. Impresso na Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

plantéis de boa raça leiteira e de corte, de que proveio o extraordinário surto da indústria de laticínios, de carnes e banhas que assinalou um dos maiores períodos de prosperidade da vida da comuna. Nesse, como em outros detalhes de sua obra magnífica, o fundador foi incomparável. Viveu para o bem estar da sua colônia, pensando sempre, intensamente, em torná-la grande em todos os sentidos.

E os homens que se seguiram no governo do estabelecimento, transformando já em parcela administrativa autônoma, não foram menos solícitos em pautar os seus projetos e planos pelos exemplos e ensinamentos do Dr. Blumenau.

Os estudiosos do nosso passado, de cada uma das administrações que o município já teve, nesses 80 anos de vida autônoma, comprovam os esforços dos nossos governantes na ânsia de fazer, cada qual mais que seus antecessores, pela grandeza e bem-estar da comuna. Mal emerso das sérias dificuldades, consequentes da mudança do regime político nacional e das sangrentas agitações revolucionárias do fim do século passado, Blumenau retomou o ritmo de desenvolvimento que o fundador lhe imprimira e quem viera acompanhado com carinhoso interesse. Os intendentes, por primeiro e depois os superintendentes municipais, até Curt Hering e, com este e depois deste, os prefeitos atiraram-se a verdadeiras maratonas para suplantarem as administrações anteriores nas suas realizações em benefício da produção agrícola e agropecuária, fatores, como se disse vitais para a existência da comuna. Se nos demormos nas realizações da administração da colônia nesses setores - que foram muitas e preciosas e na dos primeiros administradores do município, lembremos, apenas, fatos mais recentes que tiveram marcante influência na vida econômica e financeira de Blumenau.

Não esqueçamos, entretanto, de citar, pelo menos por alto, o fato de que, ainda nos tempos coloniais, tal era o interesse de Blumenau por aqueles dois ramos da sua economia, e a tão levantado grau de

adiantamento havia chegado que, tomando parte em exposições nacionais e internacionais, conquistou prêmios assinalados e valiosos, como sucedeu em 1870, na Exposição Internacional em Paris, onde o estabelecimento do Dr. Blumenau conquistou medalha de ouro e diploma de honra, pela excelência dos produtos expostos. No que concerne à pecuária, os primeiros passos para um serviço bem organizado de seleção de raças, de aperfeiçoamento das existentes, de melhoria dos produtos, foram dados no governo Alvin Schrader (1903/1912) com a fundação do Posto Agropecuário de Sato Weissbach, sob a direção de Richard Hinsch, elemento muito ativo e interessado no assunto.

Esse posto prestou assinalados serviços à região de todo o Vale do Itajaí, por onde se estendiam os limites do município de Blumenau. Foram adquiridos pela municipalidade plantéis de raça, especialmente bovina e suína. Esses reprodutores, ou eram conservados no posto até onde os colonos traziam as vacas e leitoas para a cobertura, ou eram confiados a colonos do interior que se encarregavam de levá-los aos lotes mais distantes, de mais difícil acesso. Concorreram, assim, de maneira ponderável para a melhoria do rebanho leiteiro e dos suínos destinados à produção de banha e carnes conservadas. Os vários relatórios ligados ao longo governo de Alvin Schrader tratam o assunto com especial carinho, relacionando experiências que foram feitas, no Posto de Santo Weissbach, com reprodutores de várias raças, no propósito de obter-se um produto que, com o aumento da produção do leite, proporcionasse também um teor mais alto em gordura e proteínas. E isso, com o decorrer dos anos, foi sendo alcançado. Ainda hoje, tal preocupação não tem se afastado da consideração dos industriais blumenauenses, interessados no beneficiamento do leite e dos seus produtos e, como veremos, nem dos poderes públicos municipais que não só amparam, com carinho, a iniciativa particular, como promovem, dentro

das possibilidades orçamentárias, tudo quanto julgam de utilidade à defesa e ao desenvolvimento da riqueza pecuária da região.

No governo Curt Hering (1923/1930) os esforços municipais em defesa da agropecuária não foram menores. Industrial próspero que era descendente de várias gerações de homens de negócio, ligados à indústria e agricultura, Curt Hering herdara as tendências de seus ancestrais. Como se sabe, seu tio Bruno, co-fundador das nossas Indústrias Têxteis Companhia Hering, não foi apenas um organizador competente no ramo industrial. Gostava de agricultura e pecuária a ponto de distrair grande parte do seu tempo para projetos de colonização de terras e criação de gado, os quais pretendeu levar a efeito nas terras situadas ao sopé do Baú. Curt Hering, se não se dispôs a praticas idênticas, tinha, pelo menos, e em grau bem elevado, gosto singular pela lavoura e pela criação. Não é, pois, de admirar-se que, elevado ao governo do município, se dispusesse a dar o que fosse possível do minguado orçamento municipal, em benefício daquelas atividades fundamentais ao engrandecimento da comuna.

Entre os muitos atos de sua administração, que beneficiaram a lavoura e a pecuária, é de se destacar o apoio irrestrito dado à fundação do Posto Agro-Pecuário de Indaial, pelo Sindicato Agrícola de Blumenau. Essa iniciativa foi das mais proveitosas ao município, pois desenvolveu não apenas intensa campanha junto aos colonos, para que desprezasse ideias e práticas antiquadas e adotassem ensinamentos que a técnica e a experiência apontavam como mais salutareis e produtivos, como lhes deu auxílio efetivo e proveitoso no sentido de melhorar-lhes os implementos agrícolas e os espécimes de gado leiteiro e suíno que possuíam.

A Instabilidade dos prefeitos que seguiram à vitória da revolução de 1930, que transformou, completamente, a ordem administrativa do país, se não estancou, de vez, o ritmo imprimido àqueles ramos da economia municipal, não lhes deu, também, maior impulso. É bem verdade que

os muitos prefeitos nomeados, nos poucos meses que permaneciam no governo, não deixavam de interessar-se pelo assunto. No do prefeito Ferreira da Silva, por exemplo, foram adquiridos na região serrana e no Ministério da Agricultura, touros de raça holandesa e varrões “duroccerjersey” que foram distribuídos a colonos de várias linhas coloniais. Esses serviços, entretanto, eram feitos dispersamente, sem um organismo que lhes dedicasse atenção assídua e mais eficiente. Assim, em 1948, a Câmara Municipal, pela lei nº 25, criou, no governo do Município, a Diretoria de Fomento Agropecuário. Motivos de ordem diversa foram protelando a instalação do novo departamento administrativo até que, em 1952, o atual prefeito, Sr. Hercílio Deeke, em sua incontestável capacidade de administrador ativo e previdente, resolveu pô-lo em execução.

Foi designado pra dirigir o novo órgão o Sr. Ayres Trindade Bento, que, desde 1934 vinha prestando serviços ao setor. Esse funcionário viera para Blumenau naquele ano como Prático Rural contratado pela Inspetoria Regional da Divisão de Defesa Sanitária Animal, do Ministério da Agricultura, e em ação nos municípios de Blumenau, Gaspar, Indaial, Timbó e como preparador de vacinas no laboratório instalado nessa cidade. Pela sua grande prática no ramo, pelos muitos serviços prestados à lavoura e à pecuária da região, Aires T. Bento era o homem talhado para preencher o cargo e nele vem se mantendo com muito critério e proveitosa atividade.

A larga experiência, o descortino administrativo e o entranhado amor à comuna onde nasceu têm dado a Hercílio Deeke oportunidade para desenvolver, para pôr em prática os muitos projetos que alimenta no sentido de enriquecer, cada vez mais, econômica e moralmente, o município confiado aos seus cuidados. E S. Senhoria tem se saído admiravelmente da incumbência que lhe foi cometida. A instalação da Diretoria de Fomento Agropecuário não ficou apenas na nomeação dos funcionários e planejamentos. Ao contrário, desdobrou-se logo em toda sorte de benefícios,

quer no que se refere, propriamente, à melhoria do gado, ao aproveitamento do leite e seus produtos, também ao que se relaciona com a defesa contra doenças e pragas e com a colocação dos produtos da pequena lavoura que, vendidos por preços razoáveis à população, concorrem para amenizar dificuldades que a gente de menores recursos financeiros sente nos difíceis momentos que o país atravessa. Também nesse propósito e no de facilitar ao pequeno lavrador a colocação de seus produtos de roças e hortas, a Diretoria instituiu as feiras livres. Estas, vendendo os produtos diretamente do produtor ao consumidor, sem interferência de intermediários, procuram solucionar um problema que tem provocado gerais reclamações e mesmo prejuízos à bolsa dos mais pobres. Não é, pois, de estranhar, que se tenha dado muita atenção a esse setor. Tendo aonde vender os seus produtos por um preço compensador, o agricultor se sente estimulado na produção. E, nesse ponto, podemos afirmar que as feiras livres estão se desincumbindo maravilhosamente dos fins para que foram criadas.



Figura 1 - Feira Livre de Blumenau, déc. de 60

Para breve esperamos a instalação de outras feiras livres no Garcia e Itoupava Seca, beneficiando, assim, produtores e consumidores daqueles bairros. Sem espaço para alongar-nos demasiadamente, mencionando projetos e propósitos que presidiram à instalação da Diretoria de Fomento, vamos dar, em ligeiros traços, apenas, o que, de fato, já foi realizado nos poucos anos de existência.

Começando pela revenda de produtos agrícolas, pôde a Diretoria apresentar o seguintes significativos dados: O montante da revenda, quer na sede da Diretoria, quer dos postos e sub-postos disseminados pelo interior do município, foi, em 1952, de Cr\$ 237.000,00 em números redondos. Foi o dobro em 1953 e 1954. Em 1957 já ascendia a um milhão e duzentos mil cruzeiros. Em 1960, o montante de revenda foi de quase sete e meio milhões de cruzeiros e subiu, no ano passado, a treze e meio milhões. Como se vê, por essas cifras, não poderia ser mais lisonjeiro esse movimento que, com as providências que estão sendo postas em prática ainda será bem maior nos anos próximos. O serviço da vacinação de gado foi menos eficiente. Nesse particular, a Diretoria de Fomento Agropecuário tem se desvelado. Considerem-se estes números: Em 1952, ano que começou a Diretoria a funcionar, foram feitas 4.416 vacinas contra raiva. No ano passado, esse número se elevou para 6.274 vacinas em animais herbívoros e 1.829 cães. Contra a peste suína, o número de vacinas variou de ano para ano, pois, é nos anos de maiores surtos da doença que a Diretoria é procurada mais assiduamente. Em 1952 foram feitas 19.479 vacinas contra a peste suína. Nos anos seguintes esse número ora foi maior, ora menor, de acordo com a intensidade da moléstia. Em 1962, foram feitas, apenas 8.545. O número de vacinas contra febre aftosa, manteve-se, nos dez anos de funcionamento da Diretoria, no nível de 4 a 5 mil por ano. Contra o cólera aviário o número de vacinas em 1952 subiu de 8.620 para 94.601 em 1962. Aumento tão

espetacular teve também a aplicação de vacina conta a boubá: de 685 em 1952 foi a 46.193 em 1962. O total de vacinas aplicadas pela Diretoria em 1952 foi de 39.099, número que foi crescendo de ano para ao, a ponto de, em 1962, terem sido aplicadas nada menos de 180.503.

Durante os dez anos de existência da Diretoria de Fomento Agropecuário Municipal foram visitadas nada menos que 88.000 propriedades rurais, pelos seus funcionários. A angústia do espaço não nos permite mencionar, em seus detalhes, os trabalhos gratuitos que a Diretoria prestou na zona urbana e na rural. Mas foram aos milhares as vacinas contra raiva, contra aftosa, contra peste suína, contra cólera e a boubá aviária, inseminações artificiais, coberturas naturais, extração de fetos e placentas, castrações, amputações de membros, aplicação de formicidas, distribuição de mudas de hortaliças, de café, de eucaliptos, de árvores frutíferas, de capim, de rama de aipim, de milho selecionado, pulverização de pomares, de aviários e de pocilgas, etc.

No que concerne à inseminação artificial, prática a que a Diretoria tem dedicado especial cuidado, o resultado obtido nestes últimos dez anos é muito satisfatório e muito animador. De apenas 21 efetuadas em 1952 o número subiu para 1033 em 1962, sendo que, em todo decênio for feitas, nada menos que 5.627 inseminações artificiais, com 60% de resultados positivos. Principalmente ativa tem se mostrado a Diretoria de Fomento Agropecuário Municipal, nos primeiros anos deste segundo quinquênio administrativo do prefeito Hercílio Deeke, graças ao interesse e ao cuidado que o mesmo vem dispensando a esse importante setor de sua administração.

Sem menção aos anos anteriores, vejamos, por exemplo, e para que patenteie que não exageramos nas assertivas, o que foi feito, no ano passado, 1962, no setor agropecuário pelo Município. E convém

dizer antes, que esse não foi dos anos mais trabalhosos, pois, felizmente, não tivemos tido surto de moléstias epidêmicas que, em anos anteriores, te posto em pânico a zona colonial causando prejuízos apreciáveis. Essa circunstância, a ausência de epidemias, foi certamente fruto do cuidado e da vigilância com que a Diretoria acompanha a vida agrícola e pastoril do município. Os dados que se seguem se referem todo o ano passado. Foram efetuadas imunizações e aplicações de outros medicamentos em 180.503 animais e 4.196 propriedades de colonos que foram visitados pelos nossos funcionários. No propósito de proteger mais possível os nossos rebanhos, tivemos, naturalmente, que estender a nossa ação fiscalizadora e preventiva aos municípios limítrofes, de forma que, muitos dos animais tratados e de colônias visitadas situam-se fora das divisas de Blumenau.



Figura 2 - Exposição bovina - Proeb, déc. 60

No tocante à febre aftosa, os nossos cuidados e medidas preventivas não têm dado o resultado que esperávamos, tanto pela

ineficiência d vacina quanto ao fato do trânsito, pelo município, de gado atacado de moléstia, proveniente de outros municípios e Estados. Em Itoupava Central a Prefeitura possui um banheiro carrapaticida que tem prestado assinalados serviços no combate à praga dos carrapatos. No ano findo, passaram por ele 1086 bovinos e equinos. A avicultura não tem sido esquecida. Antes, olhada também com muito interesse e carinho pela prefeitura que vem dando colaboração assídua à Granja Modelo, de propriedade da Companhia Jensen, em Itoupava Central. Essa granja conta com uma população superior a 25 mil aves, com frangos para corte e uma produção diária de 1.000 pintos que são vendidos neste e noutros Estados. Além do serviço prestado pela Diretoria a essa granja, tem ela desenvolvido grandes atividades junto aos criadores isolados e, mesmo, às pequenas criações dos colonos e dos fundos de quintal, no perímetro urbano. Em Itoupava Rega, a Prefeitura mantém um posto de suinocultura com 49 reprodutores e 79 animais de engorda. Neste posto existem plantados 73.000 pés de aipim, 3000 de inhame, 200 bananeiras. A colheita já verificada foi de 9.000 abóboras e cerca de 130 sacos de milho.



Figura 3 - Criação de suínos, déc. de 60

No ano passado, foram gastos, com a manutenção do posto Cr\$ 255.477,00 e foram arrecadados, com a produção vendida, Cr\$ 264.149,50.

Na região de Itoupava, temos um touro Jersey para reprodução. Além de muitos serviços que a Diretoria de Fomento Agropecuário do Município presta à população, serve-se da cooperação que lhe é dada pelo serviço de Reflorestamento do Ministério da Agricultura, tendo a Prefeitura posto à disposição desse serviço um terreno sito no lugar Fidélis. Como se vê nesses dados, o governo Municipal, dentro das suas possibilidades orçamentárias, faz um trabalho verdadeiramente admirável no setor da agricultura e da pecuária. Admirável e eficiente, pois, os resultados alcançados tem sido positivos e francamente animadores. Tendo como auxiliar, na Diretoria de Fomento, um profissional competente e de iniciativa, como o Sr. Aires T. Bento, é de se esperar que o Sr. Hercílio Deeke possa realizar, no futuro, os muitos planos que tem em mira e que visam a um maior esforço, e providências mais avançadas no sentido de proteger, de melhorar e ampliar o rebanho leiteiro e a criação de suínos e de aves domésticas em Blumenau.

O Sr. Hercílio Deeke certamente não destoará da atuação de seus antecessores, nesse particular. Estamos até certos de que ele, pelo grande amor que tem ao seu município, pelos seus indiscutíveis dotes de administrador sensato e de larga visão, há de superar, em esforços e em resultados, no setor agropecuário, os que o precederam à frente do município que, em boa hora, o escolheu para seu governador.



CORRESPONDÊNCIA DE IMIGRANTES

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CORRESPONDÊNCIA DE IMIGRANTES

Do Brasil

Kolonie Blumenau, Junho 1855.

Richard Becker*

Eu possuo um pedaço de terra, de 100 a 150 morgos; não está exatamente medido. Local: o Rio Itajaí desemboca na Barra para o mar; as propriedades ali são ruins e mais caras. Então, sobe-se ao longo do rio, cujas margens são em grande parte bem ocupadas, e em dois ou três dias de viagem, ao longo da vazão do rio, chega-se à cidade de Blumenau. Esta se constitui em apenas uma pousada (Wirthshause), mas já conta com lotes urbanos divididos e medidos. Mas estes são bem mais caros do que os lotes coloniais (agrícolas), e por isso até o momento, não há residentes. Antes da cidade, ou melhor, novamente no outro lado do rio, encontra-se a “Vorstadt”, que já se encontra ocupada, com oito casas, entre as quais um engenho de milho e um de serra (madeira), construído por um antigo farmacêutico.

Além da cidade, há uma propriedade, denominada “Velha”, onde se encontra uma fábrica de açúcar e cachaça; mais adiante, o lote do Dr. Blumenau, bem instalado, com muito gado e um pequeno jardim botânico; depois, mais quatro propriedades maiores, com plantações de café, açúcar e mandioca. Inclusive, em duas destas, há dois engenhos de açúcar e cachaça; então, em seguida, há o lote do Baumgarten, plantado com milho e tabaco, principalmente; e depois uma serraria. Bem, voltando à cidade, a hospedaria e o comércio (Venda) são mantidos por Friedenreich, antigamente veterinário. Também pertence à cidade um “Areal” um

* Extraído do Jornal da Imigração-10/9/1855-ano9-nr. 71 - Tradução de Brigitte Brandenburg <brigitte@olsen.eng.br>

pouco maior do que Stargard, do qual já foram desmatados 2 morgos, transformados em pasto, que pode ser usado por todos.

Então vem a Colônia. O Rio Itajaí estende-se de Oeste a Leste, o Garcia, um pequeno rio secundário, de Sul a Norte. Paralelo ao Garcia, e ao lado deste, estão estabelecidas as colônias, no total, até o momento, de 20 unidades; cada um tem de 60 a 75 braças de frente e 500 de fundo. Uma braça é a medida de comprimento, equivalente à medida de dois braços abertos, de uma mão sobre o peito até a outra – equivalente a nossa “Klaster”. Até agora o morgo custa 25 Sgr. (?), mas os das colônias agora ficaram quatro vezes mais caros. A minha colônia é a de número 18, e além de mim encontram-se apenas os dois “Mathias” (nome de família). Em seguida, há uma colônia não ocupada e depois dois lotes, que serão utilizados para instalar uma serraria. Através desta, será utilizado a madeira dos nossos lotes, da qual poderemos tirar proveito. As serrarias aqui fazem bons negócios, sendo que em um ano paga-se o investimento. R.R. (ou N.R.) está agora estabelecendo a terceira serraria e em três anos já obteve rendimentos de 11.000 Thalers, a partir de investimento de 3.000 Th.

Estamos atravessando agora o inverno, sobre o que nos sentimentos muito satisfeitos, pois é a melhor época do ano, até mesmo para os brasileiros. Agora já concluímos a maioria das nossas colheitas. Sobre a área do arroz colhido, agora eu estou semeando milho e grama, para poder formar uma pastagem. Eu tenho três cavalos: Pampa, Pepita e Pollux. Dois brasileiros que estavam abrindo estradas tiveram problemas com os dois últimos por ferimentos. Eu os comprei, cada um por 25 mil réis (1 mil=25 Sgr.), e agora que eles estão curados, ficaram muito bonitos. Na Alemanha cada animal custaria de 120 a 150 Thalers. Agora eu quero mandar construir uma carroça, de forma que mais tarde, quando mais colonos vierem, eu possa transportar materiais e mantimentos. Agora estou construindo uma nova casa e na antiga instalei uma “Venda”, que arrendei ao Sr. Köhler. Em

julho quero desmatar 5 morgos para plantar milho e tabaco. Em um morro mais distante quero plantar café. Entre a minha antiga casa e a nova estou formando uma horta e um pomar. A nossa colheita de batatas não foi bem sucedida como a de outros, pois as plantamos perto demais (*sehr dicht und fesst*), mas mesmo assim, ainda tenho o suficiente, pois já é a terceira vez em um ano que plantamos batatas. Perto das batatas estão os abacaxis, o que parece uma ironia. As duas espécies crescem bem uma ao lado da outra. A colheita do feijão foi muito boa. Para muitos, o excesso e para outros a falta. Assim, Mathias teve que tecer balaies, pois não havia disponíveis. A falta de artesãos é muito sentida aqui e, nesta área, os artigos daqui são 5 a 8 vezes mais caros do que na Alemanha. Assim, uma sela custa mais caro do que um cavalo.

Eu mandei concertar um sapato e paguei por um pedaço de couro – um dedo de largura e 10 polegadas de comprimento (*zoll*), no dinheiro de vocês, 20 Sgr. Köhler encomendou um par de botas novas, sendo que pagou por cada uma seis vezes mais caro. Na maioria das vezes, o dia dura 12 horas e o mesmo para as noites. Gostamos muito de limonada feita com cachaça (*parece caipirinha*), água, suco de limão ou laranja. Naturalmente, de mosquitos e borrachudos (*escrito Voruschuten*) estamos cheios de picadas. Sobre cobras, vi apenas duas até agora; elas não gostam da civilização. No verão é muito quente, mas acostuma-se logo, sua-se facilmente, e o frio consiste em uma temperatura de 12 a 15 graus. Os trabalhos da lavoura não são interrompidos no inverno. Planta-se o ano inteiro, principalmente em fevereiro e em agosto.

Aqui recebemos e lemos o “*Kladderadatsch*” em dois exemplares, além de mais dois Jornais, e agora também recebemos o “*Illustrierte Zeitung*”. Quanto aos alimentos, ainda falta muita coisa, mas nos conformamos por enquanto. Através da caça podemos comer carne fresca, mas quando não é possível comemos “carne seca”. A avareza não

deixa que se leve muitos ovos para a cozinha, e preferimos ter muitas galinhas para engorda. As galinhas não põem muitos ovos como aí, porque aqui falta cal para a boa formação das cascas. Nós cultivamos mandioca, para podermos vender farinha. As verduras alemãs, apresentam bom estabelecimento aqui, mas não produzem sementes. O relacionamento/contato com outras pessoas depende da maior ou menor distância entre uns e outros, e também do comprimento do dia e das péssimas condições dos caminhos. Se acaso anoitecer enquanto estivermos em visita a conhecidos, então também devemos lá pernoitar.

Aos domingos assistimos à prédica (culto), oferecido pelo professor Ostermann, que no momento substitui a função de um Pastor; às vezes vamos ao Friedenreich na cidade, e também nas vendas, ou visitamos por algumas horas algum vizinho, tomamos umas cachaças e conversamos sobre construções, plantações, etc., ou saímos para caçar, ou procuramos coletar pequenas coisas da floresta, ou saímos para conhecer as propriedades. Aqui moram pessoas muito cultas e finas, mas estas são poucas. A maioria, até agora, pertence à classe operária, ou à classe média. Mas destes temos as melhores impressões, e criou-se nestes um sentimento de liberdade e autonomia muito além do que era possível na sua condição na Alemanha. Agora eu me sentei ao ar livre devido à melhor claridade, para escrever, sendo que o faço no inverno em manga de camisa e descalço.

Sobre sua pergunta a respeito de Franz B. na cidade de São Francisco não há notícia alguma, em Santa Catharina há um, e na Colônia Blumenau apenas um, no colono Becker, nº 18, estabelecido através de um galho enterrado em um buraco em cova rasa. Painéis noturnos (pinico) nós não temos. Cada um conta com uma haste de taquara, alcançada a partir da cama, através das paredes de palmito (a taquara é uma cana do diâmetro de um dedo até o da mais grossa canela -perna), através da qual descarrega-se os líquidos.

O comércio não está favorável. Muito do que é comercializado acaba nos intermediários. O preço de tudo aqui está em declínio. Os alemães superam os brasileiros em economia e previdência. Aqui há, na maioria, apenas pequenos capitalistas. Em qualquer processo de empréstimo público, paga-se 16% de juros. E quando entra-se na especulação de agiotas, paga-se de 25 a 32% de juros. Um Sr. Sallenthien veio para cá há seis anos atrás com 500 Thalers, comprou terra em “Spottpreisen”, vendeu-a novamente para recém-chegados, negociou assim por diante e agora ele pode ser considerado, na Alemanha, um homem rico. Em Desterro eu comprei uma prensa para óleo, de um alemão, por 50 mil réis, transporte 5 mil réis, e agora, depois de nem meio ano, vendi a prensa por cinco vezes o que paguei.

A cultura do rícino vai indo, eu mesmo plantei muito. Mas se tivesse comprado um aparelho simples de alambique “brennapparat”-, por 200 Quart, eu teria lucrado 350% com coisas mais leves, pois aqui se planta cana-de-açúcar por todos os lados. Quase todos os negócios giram em torno disso. Eu, com a minha simples plantação, ganho mais com artigos/utensílios do que poderia ganhar. Com a vinda de mais colonos, como se espera (o Dr. Blumenau obteve 45.00 mil réis de empréstimo do governo), possivelmente, nós, colonos, poderemos ter os nossos produtos mais valorizados.

Querida esposa e filhos. *

A resposta das duas cartas neste ano, eu as recebi corretamente e fiquei alegre em saber que ainda estão com saúde e bem; mas em relação à terceira carta eu ainda espero resposta. Esta última enderecei a meu pai (Moritz). A seguir eu lhes comunico que não estou mais em Poço Grande (Gaspar) desde o dia 1º de junho. Ao sair de lá, cavalcando pelo mato longínquo da província para desaparecer no nunca mais ver, o querido Deus quis diferente. Em Blumenau o Padre Zeno aconselhou-me a me interessar pela vaga de professor em Encano do Norte, divulgada em 1º de julho. Eu segui seu conselho, e cavaleguei para lá e me inscrevi junto ao senhor representante. Catorze dias após ocorreu a esperada eleição.

Quatro bons professores tinham-se inscrito, e também agora o último professor queria ficar. Apareceram 27 votantes da sociedade escolar e na contagem, 20 votos foram pra mim. Isto se deveu ao fato de eu, como homem livre e sem vínculos, poder conversar de perto e convencer as pessoas com palavras e bom testemunho a me eleger professor de sua escola que conta com 60 crianças de pais eleitores. Obrigadas a frequentar a escola só são as crianças entre 9 anos até a confirmação (12 a 14 anos).

A escola é uma construção sólida e bonita, e a casa do professor com família será agora construída nova uma vez que é condição de que um professor sem família não será aceito. E eu tive que prometer que tenho família e que a deixarei vir para aqui tão cedo quanto possível. Eu quero também escrever para vocês que a escola tem 27 “Morgos” de boa terra sobre a qual está a construção, e isto é para ser mantido em ordem.

Um professor solteiro deixará de agradar, como já aconteceu antes. Também o salário é dependente desta manutenção. Eu vos tenho,

* Carta enviada por Franz Pfützenreiter à sua família na Alemanha. Tradução do bisneto Alfredo Herbert Cardoso.

querida esposa e filhos, rogado para que venham pra cá, pois na Alemanha vocês têm uma vida difícil e aqui vocês estariam muito bem, principalmente agora. Quando vocês vierem estará tudo habitável e organizado. Meio “Morgo” de milho eu já plantei e ainda irei plantar todo o mais necessário.

Uma passagem de viagem eu já tenho há tempos, uma vaca, um par de porcos, e pelo menos 10 galinhas eu logo terei. Agora eu vos pergunto: Como poderia assumir a escola se eu não tivesse economizado algum dinheiro, para providenciar a viagem para vocês e prover para o futuro de vocês? Por isto, eu peço a vocês, mais uma vez: venham pra cá. Querida esposa, aqui você pode por o dinheiro que trouxeres a 8% de juros e viver sem trabalho e preocupações. Tudo o mais eu já escrevi para vocês. Também está a passagem marítima, que eu paguei ao Maclein, lá no Sr.Doerck, em Hamburgo, utilizável até 1º de outubro deste ano. Também pode viajar com esta passagem o José ou o João. Sobre o que escrevi ao Sr. Doerck agora. Das cartas que ele mandou pra vocês ele me mandou cópias. Encano fica a três horas e meia de Blumenau, e quando vocês vierem, um rapaz pode facilmente correr até aqui, para que eu com transporte faça todo o resto.

Até lá estejam todos cumprimentados de coração, por seu querido pai Franz Pfützenreiter.



UM COLECIONADOR APAIXONADO

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

UM COLECIONADOR APAIXONADO

Enéas Athanázio*

Existem pessoas, na área cultural, que se dedicam por anos a fio e às vezes por uma vida inteira a uma atividade incansável e o fato, quando muito, só chega ao conhecimento de reduzido número de pessoas. Movidas pelos mais variados impulsos, tais pessoas ocupam seu tempo e gastam suas energias nas mais curiosas atividades. Stefan Zweig, por exemplo, colecionava originais e autógrafos de escritores e não vacilava em correr pela Europa em busca de alguma peça de seu interesse. Plínio Doyle batalhava sem cansaço para adquirir algum livro raro e pagava importâncias vultosas para integrá-lo à sua biblioteca, transformando-a com o tempo na maior coleção de obras sobre literatura e temas brasileiros. Tive um amigo que interpretou em desenhos, em grandes painéis envidraçados, toda a obra de Lima Barreto. Léo Pires Ferreira, outro amigo, coleciona tudo que existe de e sobre Monteiro Lobato, transformando a própria casa numa capela votiva ao criador do Sítio do Picapau Amarelo. Carmello Chamorro colecionava jornais e se tornou o maior gazetofilista (termo por ele criado) do país. Outros, ainda, se entregam a pesquisar e colecionar sobre determinado assunto, a juntar livros e documentos sobre algum tema ou a rebuscar a vida e a obra de artistas plásticos, homens de letras, exploradores, políticos de expressão, poetas, músicos etc. Algumas vezes tais coleções encontram boa destinação e vão parar em instituições que velam por elas e as valorizam; em outras tantas se perdem para sempre.

Caso típico de pesquisador e colecionador apaixonado bem próximo de nós e em geral desconhecido do público é o de Carlos Guérios, radicado em Itajaí desde 1985, onde vive dentro de uma casa de dois pisos

* Advogado e Escritor.

que é autêntico museu. Nascido em Porto União, em 5 de maio de 1948, é bancário aposentado e deu início às pesquisas em 1967, ou seja, há mais de 40 anos. Desde então vem de olhos abertos, melhor diria, esbugalhados, na permanente busca de informações e peças de suas áreas de interesse.

COMO TUDO COMEÇOU

Em 2 de outubro de 1967, então com 19 anos de idade, Carlos Guérios conversava com o avô, libanês de nascimento, homem vivido e experiente. Nessa ocasião o avô fez uma observação que calou fundo no futuro colecionador. Chamou atenção para o fato de que, embora a colônia sírio-libanesa fosse numerosa, tanto na região, como no Estado e no País, poucos registros e documentos existiam a respeito, havendo o risco de que muitas informações se perdessem. Sugeriu, então, ao neto que desse início a tal pesquisa, começando pela própria cidade, o que seria mais fácil.

Empolgado pela ideia, o rapaz pôs mãos à obra e tratou de investigar. Começou entrevistando os sírio-libaneses natos, depois seus descendentes, parentes e amigos. Aos poucos foi estendendo as investigações através de buscas em bibliotecas, arquivos, jornais, revistas e documentos. Lançou mão do telefone e das cartas, que escreveu e ainda escreve às centenas, indagando, especulando, insistindo. Nem os cemitérios escaparam e, com a colaboração de velhos coveiros e zeladores, examinou lápides desbotadas pela intempérie e assim obteve novos dados. Viajando de ônibus, nos dias de folga e nas férias, varejou o Estado, visitando todos os municípios (exceto os mais recentes) e em cada um deles encontrou ao menos um sírio-libanês ou descendente. Ofícios do registro civil, nos mais diversos lugares, também mereceram visitas e minuciosas consultas. As solteironas, quase sempre possuidoras de diários ou anotações, foram de grande valia. Mais tarde a Internet entrou em ação.

E assim, dia após dia, mês após mês, ano após ano, as anotações cuidadosas, reforçadas por documentos, publicações e fotos foram compondo um conjunto impressionante. Desde pobres mascates “turcos” que viveram e morreram anônimos até altos figurões da vida pública ou da iniciativa privada foram biografados, um a um, reconstituindo suas vidas e suas ações na passagem pela terra.

É por isso que hoje, orgulhoso dos resultados, ele pode afirmar que tem mais de 15 mil biografias de sírios, libaneses e descendentes que vivem ou viveram no Brasil entregues às mais diversas atividades, em especial em nosso Estado. Trata-se – diz ele – de um acervo sem similar em todo o mundo, que não existe em nenhum arquivo histórico, universidade ou instituição dedicada a pesquisas do gênero.

AS DESCOBERTAS

As pesquisas de Guérios revelaram alguns fatos históricos dos mais interessantes. Segundo ele, não só em Santa Catarina mas em todos os municípios brasileiros existe ou existiu pelo menos um sírio-libanês ou descendente, embora em certas regiões sua presença seja mais acentuada.

Documentos indicam que a imigração libanesa para o Brasil teve início em 1885. Dentre muitos documentos curiosos, encontrou o ato constitutivo da primeira firma comercial situada na Rua 25 de Março, em São Paulo, em 1º. de fevereiro de 1894. Como alerta o colecionador, é possível que houvesse alguma anterior, mas não existe prova documental a respeito.

Em 1890, revela outro documento, o libanês Féres Mansur Guérios assinava a ata da fundação do município de União da Vitória, embora residisse em Porto União.

FIGURAS DE DESTAQUE

Entre os numerosos sírio-libaneses e seus descendentes, muitos se destacaram em Santa Catarina nas mais diversas ocupações. A título de exemplo, em várias regiões do Estado, aponta as personalidades seguintes, todas biografadas, documentadas e fotografadas:

Aníbal Khury, deputado e pioneiro da radiodifusão no Vale do Iguaçu; Aniz Domingos, professor de várias gerações; Jorge José Guérios, madeireiro; Esperidião Amin Helou Sênior, comerciante e político; Miguel Hermínio Daux, comerciante e incorporador; Salim Miguel, jornalista e escritor; José Boabaid, deputado e governador do Estado; Wilson Pires Achutti, vereador em Balneário Camboriú; José Curi, professor e escritor, membro da Academia Catarinense; Ismail Ahmad Mannah, comerciante pioneiro em Chapecó; Iran Yared, médico em Lages; Jorge Schidiach, comerciante na mesma cidade, e Francisco Athanázio, meu avô, pioneiro do comércio e um dos raros árabes em Campos Novos.

E incontáveis outros, dos quais estes são mera amostragem.

BIBLIOGRAFIA

Em complemento às pesquisas sírio-libanesas, reuniu uma coleção de mais de 1500 livros, em língua portuguesa, de autores libaneses e sírios ou seus descendentes sobre os mais variados temas. Ali aparecem, por exemplo, obras do jornalista Fernando Jorge, do jurista Ebert Chamoun, do autor destas linhas e de outros tantos. Segundo ele, o grande mérito da coleção está no fato de ser toda em português.

MOEDAS FENÍCIAS

Entre as preciosidades que enriquecem a coleção, contam-se 51 moedas cunhadas na antiga Fenícia, todas com mais de dois mil anos de existência. São todas elas de prata e sua autenticidade é certificada por especialistas, afastando-se a hipótese de falsificação. A mais antiga é uma Tétradracma, encontrada na cidade de Aradus, perto de Tiro, e datada de 95/94 A.C. Todas estão bem conservadas, mantendo ainda as gravações originais bem nítidas e visíveis.

EMPRESAS DE LIBANESES

Ainda no campo das pesquisas sobre a colônia libanesa do país, contam-se cerca de 500 envelopes timbrados com impressão gráfica de empresas de libaneses e de descendentes espalhadas por todo o Brasil nas décadas de 1910, 1920 e 1930. Tais empresas se dedicavam aos mais variados ramos de atividades. Foi uma coleção de difícil realização, demandando grande esforço de pesquisa. Muito material dessa espécie se perdeu por falta de interesse na época em que circulou. É intenção do colecionador estender a pesquisa até os tempos atuais.

OUTRAS VERTENTES DA COLEÇÃO

Como o hábito de colecionar desvenda aspectos inesperados da história, acaba despertando o interesse por outros assuntos que se tornam vertentes da coleção principal.

Assim, por exemplo, Guérios começou a reunir livros a respeito

do Contestado, formando com o correr dos anos uma coleção composta de 123 volumes dos mais diversos autores. Esse acervo se encontra hoje integrado à biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Ainda sobre o Contestado, tem realizado buscas de obras e documentos raros para estudiosos do assunto, tanto do Estado como de fora dele. Entre as raridades que descobriu, estava o Relatório do General Setembrino de Carvalho sobre a guerra.

Hotéis e pensões de todo o Estado também o interessaram. Relacionou até agora cerca de 700, com todos os dados, espalhados pelo território estadual. É um material de interesse turístico e que poderia constituir um guia completo sobre o assunto. O levantamento vem de 1880.

O clubes de futebol catarinenses, incluindo os extintos, são igualmente objeto de investigação. Todos eles com avultado número de informações. Lá aparecem, entre outros, o Carlos Renaux, de Brusque, o mais antigo, o Peri, de Mafra, o Botafogo, de Canoinhas, o Comercial, de Joaçaba, o Paula Ramos, de Florianópolis etc.

Mais de 1000 fotos históricas, inumeráveis documentos, recortes de jornais e revistas, mapas e objetos variados compõem as coleções. Em busca de cada um deles tem despendido considerável esforço, inclusive viajando, quando necessário. Tornou-se verdadeiro “rato” de sebos e alfarrábios, é assíduo em leilões e está sempre atento ao que possa aparecer.

Não satisfeito, ainda conserva objetos diversos, desde que tenham algum significado histórico, entre os quais avulta a roda de um canhão do Contestado (Combate do Irani).

Mais que um pesquisador e colecionador, considera-se um resgatador daquilo que está perdido ou em vias de se extraviar. Lamenta apenas que haja tanto desinteresse pela sua atividade e pelas coleções que realizou com trabalho e dedicação. Elas estão abertas aos visitantes e à disposição dos pesquisadores. (Telefone: (47) 3 3 4 4-6 1 5 6 – Itajaí).

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br